

DANIELA DE OLIVEIRA LIMA

**A PROXIMIDADE DISCURSIVA NAS CARTAS DOS ROMANCES A
CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES, DE EÇA DE QUEIROZ E NAÇÃO
CRIOLA: A CORRESPONDÊNCIA SECRETA DE FRADIQUE MENDES, DE
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

ASSIS

2015

DANIELA DE OLIVEIRA LIMA

**A PROXIMIDADE DISCURSIVA NAS CARTAS DOS ROMANCES A
CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES, DE EÇA DE QUEIROZ E NAÇÃO
CRIOLA: A CORRESPONDÊNCIA SECRETA DE FRADIQUE MENDES, DE
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título de
Mestre em Letras (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Rubens Pereira dos Santos

ASSIS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Lima, Daniela de Oliveira

L732p

A proximidade discursiva nas cartas dos romances a correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queiroz e Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa / Daniela de Oliveira Lima. - Assis, 2015

130 f.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr. Rubens Pereira dos Santos

1. Queiroz, Eça de 1845 - 1900. 2. Agualusa, José Eduardo, 1960. 3. Literatura portuguesa. 4. Literatura angolana (Português). 5. Literatura comparada. 6. Cartas. I. Título.

CDD 869.3

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela inteligência e vontade de querer aprender cada vez mais e por não me deixar desistir nos momentos mais difíceis.

Especialmente ao meu namorado, Rafael de Souza Alves, que esteve sempre ao meu lado aconselhando-me e acalmando-me nessa árdua escrita, e também pela disposição em revisar este trabalho.

A minha mãe, Luzia Aparecida de Oliveira, pelo infinito incentivo aos estudos.

Ao meu orientador, Professor Dr. Rubens Pereira dos Santos, pela acolhida e disponibilidade em sanar as minhas dúvidas, quando eu solicitei e por mostrar-me o caminho das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

A minha irmã, Jaqueline, pelo apoio e ajuda nos momentos que precisei.

Às professoras, Dr.^a Rosane Gazolla Alves Feitosa e Dr.^a Susana Ramos Ventura, pelas sugestões quando realizei o Exame de Qualificação.

Aos amigos do grupo de africanas pelas conversas, encontros, simpósios e viagens, principalmente a Bruna Carolina de Almeida Pinto pelo apoio, pelo incentivo desde o início com o projeto da dissertação e pelas palavras de ânimo, quando precisei.

À minha família e a todos que diretamente e indiretamente torceram por mim nesta caminhada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras por terem proporcionado novos conhecimentos e aprendizagens e aos funcionários da seção de Pós-Graduação e da Biblioteca “Acácio José Santa Rosa”, da UNESP/ FCL – Assis, pela disposição.

À CAPES, pela bolsa de estudos, que proporcionou a realização desta dissertação.

À vida que enche de esperança cada novo amanhecer e proporciona o querer conquistar e aprender cada dia mais com a arte literária.

“A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe.” (Michel Foucault)

LIMA, Daniela de Oliveira. **A proximidade discursiva nas cartas dos romances A Correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queiroz e Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa.** 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

A presença de Eça de Queiroz tanto nas letras portuguesas como nas brasileiras sempre foi marcante, fato que ainda hoje se mantém atuante na recepção de sua produção literária pelos escritores contemporâneos. Esta dissertação focaliza duas obras que trazem em comum a personagem Carlos Fradique Mendes. Os textos base para a aproximação entre as cartas foram *A Correspondência de Fradique Mendes*, uma das últimas obras do escritor português, e um romance contemporâneo, *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do angolano José Eduardo Agualusa. As motivações para o desenvolvimento da pesquisa surgiram do interesse em se trabalhar com obras de diferentes contextos históricos e sociais, na tentativa de mostrar a relação entre os dois espaços que, ao abarcarem as fronteiras são capazes de aproximarem-se, uma vez que Angola e Portugal possuem relações históricas em virtude da colonização. E, ainda, optamos por verticalizar o estudo nas correspondências que compõem as narrativas. Os pontos principais para o desenvolvimento deste texto tiveram respaldo nas teorias sobre a literatura comparada, intertextualidade, paródia, entre outras, sem deixar de lado o contexto social da literatura portuguesa e no caso de Angola, da literatura africana de língua oficial portuguesa. Nossas reflexões ao longo do trajeto demonstraram que a personagem criada por Eça de Queiroz, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis ainda permanece presente no imaginário do leitor, ao que concluímos que o presente estudo mostra como os textos dialogam entre si, mesmo com o decorrer dos anos. A pesquisa também contribui para o legado queirosiano, assim como para os interessados no estudo das literaturas africanas de língua portuguesa, que segue despertando o interesse de leitores e pesquisadores contemporâneos.

Palavras-chave: Eça de Queiroz. José Eduardo Agualusa. Fradique Mendes. Literatura Comparada. Cartas.

LIMA, Daniela de Oliveira. **The discursive proximity in the letters of the novels A Correspondência de Fradique Mendes, by Eça de Queiroz and Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, by José Eduardo Agualusa. 2015.** 130 f. Dissertation. (Master in Letters). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

ABSTRACT

The presence of Eça de Queiros both in Portuguese Literature as the Brazilian was always outstanding, fact that even today remains active in the reception of his literary production by contemporary writers. This dissertation focuses on two works that brings in common the character Carlos Fradique Mendes. The basic texts for the approximation between the letters were A Correspondência de Fradique Mendes, one of the last works of the Portuguese writer, and a contemporary novel Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, by the Angolan Jose Eduardo Agualusa. The motivations for the development of the research arose from interest in working with works of different historical and social contexts, attempt to show the relations between the two spaces that, to comprise the borders are capable of approaching, once Angola and Portugal have historical relations as a result of the colonization. And we still choose to verticalize the study in the letters that compose the narratives. The main points for the development of this paper were backed in theories about the Comparative Literature, intertextuality, parody, among others, without leaving aside the social context of Portuguese Literature and in the case of Angola, of the African Literature in Official Portuguese language. Our reflections along the way demonstrated that the character created by Eça de Queiros, Antero de Quental and Jaime Batalha Reis still remains present in the reader's imaginary, we conclude the present study shows how the texts have discuss among themselves, even with over the years. The research also contributes to the queirosean legacy, as well as for those interested in the study of African literatures in Portuguese Language, that follows arousing the interest of readers and contemporary researchers.

Key words: Eça de Queiroz. José Eduardo Agualusa. Fradique Mendes. Literatura Comparada. Cartas.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Considerações iniciais..... | 9 |
| Capítulo 1 - Contexto inicial - A Correspondência de Fradique Mendes..... | 18 |
| 1.1 Criação da personagem..... | 20 |
| 1.2 Narrador – personagem..... | 22 |
| Capítulo 2 - Abordagens iniciais – contexto angolano..... | 38 |
| 2.1 <i>Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes.....</i> | <i>42</i> |
| 2.2 O Fradique de Agualusa: características..... | 45 |
| Capítulo 3 - Literatura comparada e intertextualidade: Eça de Queiroz e José Eduardo Agualusa..... | 62 |
| 3.1 Diálogos narrativos..... | 67 |
| 3.2 Dois olhares distintos sobre Fradique Mendes..... | 79 |
| Capítulo 4- A arte de comunicar-se através das cartas..... | 86 |
| 4.1 Diferenças nas cartas de Fradique destinadas à Clara e Ana Olímpia..... | 101 |
| 4.2 A interação de Fradique com seus interlocutores por meio da polifonia..... | 110 |
| Considerações finais..... | 121 |
| Referências | 126 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O escritor Eça de Queiroz (1845 – 1900) produziu obras que até hoje são capazes de levar os leitores a pensar e refletir sobre a importância de seus textos que, na maioria das vezes, traziam em seus conteúdos aspectos da sociedade portuguesa por meio de ironias ou críticas. Devido à popularidade das produções, muitos são lidos e relidos, há ainda aqueles que são capazes de provocar novas leituras em níveis diversos, inclusive pela revisitação, quando seus personagens sobrevivem e reaparecem com novas possibilidades interpretativas. Autor sempre engajado em seus projetos e que na vida política soube retratar a sociedade de sua época através da literatura. Dentre suas obras destacamos, *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888), *A Relíquia* (1887), *A Cidade e as Serras* (1901), *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), além de textos que abordam a vida de santos, como *S. Cristovão* (1890), e as inúmeras contribuições aos jornais de Portugal e do Brasil, o que sem dúvida reforça a importância do escritor português nas suas produções literárias tanto em Portugal como no Brasil, porque através de sua escritura hoje temos conhecimento daquele momento e das relações estabelecidas pelas pessoas na sociedade portuguesa e que acabaram tornando-se presentes no conteúdo de seus textos através de suas personagens.

Um dos textos do escritor que ainda hoje é revisitado pela literatura contemporânea é, sem dúvida, *A Correspondência de Fradique Mendes*. Dentre os romances que mostram a dimensão da personagem, podemos citar, *O Único Filho de Fradique Mendes* (1950), de Frederico Perry Vidal; *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós* (1996), de José António Marcos; *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), de José Eduardo Agualusa; *Os Esquemas de Fradique Mendes* (1999), de Fernando Venâncio; *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (2002), de José Pedro Fernandes.

Os romances *Nação Crioula*, de José Eduardo Agualusa e *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz acabaram por tornarem-se objetos de estudo na área acadêmica devido à proximidade de seus enredos. Temos, por exemplo, dissertação que aborda apenas o texto queirosiano, um pouco mais antiga, de 1987, *Correspondências: Eça e Fradique: análise de estratégias epistolográficas*, de Maria João Albuquerque Figueiredo. Outras que focalizam *Nação Crioula*, mas que recorrem ao livro de Eça para maior compreensão e análise, como o caso da dissertação de 2012, *Reescritura Epistolar - o*

Altântico Negro de Agualusa, em Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, de Eliana Pereira de Carvalho. Também já foram feitas dissertações que analisam os dois textos, como a questão da identidade nacional, caso de *A (Re) Construção da identidade nacional em A Correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós, e Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa (2003), de Iara Regina Franco. Para diferenciarmos-nos desses trabalhos e de outros já produzidos recorreremos às obras pensando na construção de ambas no que se refere à opção de inserir textos em forma de correspondências.

Assim, dentre as produções escolhemos para a composição do trabalho, o romance *Nação Crioula*, do angolano José Eduardo Agualusa, com a intenção de verificar e aproximar através da leitura os dois países envolvidos, Angola e Portugal. Este país africano, assim como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe estiveram longos anos sob dominação portuguesa e só conseguiram suas independências a partir de 1975.

No caso de Angola, as guerras de conquistas começaram em 1575, o povo Mbundu tornou-se a primeira nação africana sujeita ao domínio colonial europeu. De acordo com David Birmingham, os portugueses conseguiram impor aos Mbundu “uma forma de domínio indireto, por meio de um rei-fantoches escolhido por eles.” (BIRMINGHAM, 1965, p.5). O incentivo dos portugueses na busca de uma colônia foi o interesse pelas terras e o intuito de encontrar minérios, segundo Birmingham:

O primeiro incentivo para os portugueses conquistarem uma colônia em Angola foi a esperança de adquirir terras propícias à fixação europeia como as terras que estavam a ser ocupadas no Brasil. Outra razão foi a esperança portuguesa de encontrar minério em Angola, que os moveu aliás a conquistar o local de supostas minas de prata. (BIRMINGHAM, 1965, p. 6).

Ainda de acordo com o autor, o nome Angola vem de uma história da tradição oral e relata que:

[...] Segundo a tradição oral, um caçador vindo do Leste, chamado Ngola, invadiu o território e impôs aos Mbundu um regime monárquico de governo. Assim, quando os portugueses chegaram a Angola, encontraram um pequeno reino Mbundu em formação, chamado Ndongo, cujo rei se chamava Ngola, nome de que os portugueses derivaram o nome de toda a região ao sul do Congo, ou seja, Angola. (BIRMINGHAM, 1965, p.13).

Os portugueses passam a se estabelecer em Angola e conquistam o território. E nesses séculos várias guerras ocorreram, como, por exemplo, a conquista e a destruição, depois de

1605, do reino Mbundu do Congo até a libertação. A luta pela independência começou em 1961 com dois movimentos principais, de um lado o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), cujo um dos integrantes foi Agostinho Neto, e de outro o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). Ambos lutaram contra o colonialismo, após o movimento popular que durou quatorze anos, a libertação ocorreu em 1975 e o MPLA passou a governar o país.

Através de textos de diferentes países e épocas percebemos como as obras propiciam diálogos entre si através de nossas leituras. José Eduardo Agualusa, certamente leitor de Eça de Queiroz, retoma uma de suas personagens na construção de seu romance. Devemos lembrar também que a relação entre Portugal e suas colônias proporcionou a uma classe privilegiada, que possuía acesso, principalmente à educação, o conhecimento da literatura produzida em Portugal e também no Brasil. No caso de Agualusa, este não encontrou dificuldades, uma vez que nasceu em terras africanas, na cidade de Huambo, em Angola, mas já chegou a viver em Portugal e no Brasil, pois sua família é de origem brasileira (lado materno) e portuguesa (lado paterno). Em vista dessa relação, esta dissertação tem por objetivo a comparação dos dois textos acima mencionados, com o intuito de mostrar a transposição de Fradique Mendes para Luanda, e principalmente a proximidade discursiva que encontramos nas cartas enviadas pelo protagonista para diferentes destinatários.

Nesse sentido optamos por dividir a dissertação em quatro capítulos. No primeiro, foi analisado *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, iniciando-se por um breve contexto da produção queirosiana do momento da elaboração desse texto. Também foi de suma importância retomar a criação do protagonista para mostrar que não foi neste romance a primeira aparição de Carlos Fradique Mendes. Em seguida, optamos por discorrer sobre a relação entre o narrador-biógrafo e a personagem Fradique, importante por compor a primeira parte do livro “Memórias e Notas” e mostrar ao leitor quem foi esse protagonista que terá as correspondências recolhidas e publicadas na segunda parte do texto, intitulada “As Cartas”. Para esse capítulo, apoiamo-nos em estudiosos como José Hermano Saraiva, Carlos Reis, A. Campos Matos, Luís Vianna Filho, entre outros que nos auxiliaram na compreensão dos aspectos levantados.

O segundo capítulo foi dedicado ao romance *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa. Nele procuramos abordar o contexto da produção angolana desde seu início com os textos publicados nos jornais, que foram

significativos para o percurso da ficção angolana e os romances que passaram a surgir. Introduzimos brevemente o enredo do livro e focamos as características do protagonista Fradique Mendes para mostrar como este passa a se envolver com as pessoas da cidade de Luanda. Para embasar a análise, auxiliamo-nos nos teóricos, Antonio Candido, Benjamin Abdala Júnior, Rita Chaves, Tania Macêdo, Maria Aparecida Santilli, Isabel Pires de Lima, entre outros que serviram como fonte de pesquisa para discorrer sobre a literatura produzida em Angola.

Os dois primeiros capítulos foram pensados em uma melhor visualização dos textos estudados, procuramos separá-los para garantir um tratamento igual e autônomo. Assim, no terceiro capítulo foi proposta a comparação com o intuito de aproximá-los e verificar as distintas relações mantidas pelo protagonista. A leitura proporcionou mostrar os diálogos estabelecidos nas produções romanescas como também a visão que o outro tem de Fradique Mendes, quando não é a sua voz que se faz presente. Nessa proposta recorreremos a teóricos que abordam questões que nos auxiliaram nas relações estabelecidas para a comparação, dentre esses estão: Tânia Franco Carvalhal, Pierre Brunel; Claude Pichois; André M. Rousseau, Linda Hutcheon, Salvato Trigo, Julia Kristeva, e outros que contribuíram em questões sobre literatura comparada, intertextualidade e paródia.

O último capítulo da dissertação foi dedicado ao estudo das cartas, com o intuito de verticalizar a abordagem aqui proposta, uma vez que esse protagonista fazia uso das correspondências para dirigir-se aos seus amigos. Procurou-se fazer um pequeno estudo de algumas obras literárias que se utilizaram desse recurso em suas construções, antes de interpretarmos os textos de nosso estudo. Apoiamo-nos em teóricos como Roland Bourneuf; Réal Ouellet, Ian Watt, Michel Foucault, Nádia Batella Gotlib, Andrée Crabbé Rocha, entre outros. Foram focalizadas também, as diferenças das cartas de Fradique destinadas a Clara e a Ana Olímpia e, por fim, com o auxílio da teoria de Mikhail Bakhtin, interpretamos a relação da polifonia em algumas cartas.

José Eduardo Agualusa escreve *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* no século XX, mas o contexto do romance está voltado para o século XIX, isto é, para o período em que a personagem foi criada pela obra de Eça de Queiroz. A personagem de Eça é de grande importância para a construção do romance, tido como um homem supercivilizado e capaz de discutir qualquer tema (VIANA FILHO, 2008), principalmente sobre sua pátria, tem uma visão crítica da sociedade portuguesa,

principalmente quando se lê a segunda parte do romance, na qual nos deparamos com as cartas de Fradique, cheias de ironias referentes a seu país.

Assim como o Fradique de Eça mantinha um olhar crítico para a sociedade lisboeta, o de Agualusa relata em suas cartas a sociedade escravagista do final do século XIX em Angola. O lado misterioso que a personagem tem na obra de Eça, terá sido um dos motivos para a apropriação do escritor angolano, pois ao não querer relatar sobre sua viagem à África Austral para o narrador deixa uma lacuna, da qual Agualusa se aproveita para preencher narrando a viagem da personagem à Angola. Esse protagonista torna-se conhecido do público leitor de Eça de Queiroz e vive fora da obra queirosiana, assim como outras personagens do escritor português, por exemplo, Juliana de *O Primo Basílio*. Quando reaparece, Fradique Mendes é como um ideal de homem para o século XIX:

Atribuindo esses conceitos a ilustres personalidades, Eça, pouco a pouco, compunha o seu personagem, que surge aos olhos do leitor como homem supercivilizado, super-requintado, requestado pelas mulheres, pronto para externar lúcidas e originais idéias sobre qualquer tema. (VIANA FILHO, 2008, p.262).

É este homem que possui o hábito de viajar para diversos lugares que irá olhar para a sociedade portuguesa do século XIX, procurando firmar os valores de Portugal, pois a nação sofria as consequências do atraso industrial, não conseguia desenvolver-se. Nesse fim de século Eça de Queiroz volta-se mais à tradição: [...] “Eça optou pela tradição. Na defesa do velho Portugal de tantas glórias.” (SCANTIMBURGO, 1995, p. 95). E Fradique, de certa forma, nutre gosto pelo velho Portugal, mesmo expressando em momentos carregados de ironia não deixa de comentar como o mundo rural é íntegro e natural, contrapondo-se ao urbano, relata em carta a Madame de Jouarre, na qual descreve sua estadia na quinta do Minho. Devemos lembrar também que esse país que alcançou terras além-mar, dependia dos produtos advindos de suas colônias africanas.

No caso de Angola, especificamente em Luanda, os produtos produzidos nessa cidade eram destinados à exportação, como lembra Tania Macêdo: “No que se refere a Luanda, seus primeiros séculos dependeram do comércio de três “produtos” importantes: escravos, marfim e cera. Ou seja, sob a lógica do mercado colonialista, não houve a produção de bens; apenas sua exploração e exportação.” (MACÊDO, 2008, p. 89). Com a dominação portuguesa surge, ainda, segundo a autora, dois tipos de cidades que se contrapõe, a “cidade do colono”, que: [...] “aproxima-se de qualquer cidade que conhecemos: com o comércio, repartições públicas, áreas destinadas ao lazer e parques, é limpa, contando com todas as facilidades da urbe

urbana.” (idem, p. 88), no lado oposto está: [...] “a cidade do colonizado define-se pela carência: de água, luz, saneamento básico, saúde, educação, de cidadania.” (MACÊDO, 2008, p. 88). Desde que os portugueses pisaram nas terras angolanas um conflito começou a estabelecer-se, nesse sentido recorreremos a visão de colonizador/colonizado desenvolvida por Albert Memmi. De um lado temos o colonizador que possui o intuito de “explorar os recursos naturais do país e a mão-de-obra nativa pelo mais baixo preço” (MEMMI, 1957, p.6), e de outro os interesses do colonizado “em converter a colônia em um país independente, desenvolvê-lo economicamente, incorporar a ciência e a tecnologia modernas, elevar a capacidade aquisitiva e o nível de suas populações”, [...] (MEMMI, 1957, p.7). Para o colonizador o colonizado pouco importa, ele é vítima de preconceito, tudo que é do colonizador é melhor, o trabalho exercido pelo colonizado é de exploração, pois o colonizador pensa que aquele é preguiçoso e vive sua ociosidade, e seu trabalho não rende nada, já o colonizador é o dono da ação e tudo que faz é melhor: [...] “O retrato mítico do colonizado conterà então uma inacreditável preguiça. O do colonizador o gosto virtuoso da ação. Ao mesmo tempo, o colonizador sugere que o emprego do colonizado é pouco rendoso, o que autoriza os salários inverossímeis.” (MEMMI, 1957, p.78). A visão do colonizador sobre o colonizado será sempre de racismo, pois o caracterizará como ser preguiçoso, ele “Decide que a preguiça é constitutiva da essência do colonizado” (MEMMI, 1957, p.79), nesse sentido, por mais que o colonizado venha a manifestar o contrário, para aquele que o colonizou não mudará seu “rótulo” de preguiçoso. Além disso, ele nunca é considerado positivamente, nenhuma qualidade é dada, só existem negações, “o colonizado *não* é isso, *não* é aquilo” (MEMMI, 1957, p.81), essa desumanização ou despersonalização, ainda é reforçada pela “*marca de plural*” (MEMMI, 1957, p.81), atribuída ao colonizado, pois ele jamais é caracterizado com algum diferencial, “só tem direito ao afogamento no coletivo anônimo”. (MEMMI, 1957, p.81), sempre será “eles” e nunca “ele” o colonizado.

De todos os danos causados pelos colonizadores ao tomarem como seus os países africanos, um dos direitos principais do ser humano foi negado, a liberdade, de acordo com Albert Memmi:

Enfim o colonizador nega ao colonizado o direito mais precioso reconhecido à maioria dos homens: a liberdade. As condições de vida, dadas ao colonizado pela colonização, não a levam em conta, nem mesmo a supõem. O colonizado não dispõem de saída alguma para deixar seu estado de infelicidade: nem jurídica (a naturalização) nem mística (a conversão religiosa): o colonizado não é livre de escolher-se colonizado ou não colonizado. (MEMMI, 1957, p.82).

Nesse ambiente, resta ao colonizador aceitar-se como colonizador e o colonizado para conseguir sobreviver é obrigado a aceitar-se como ser colonizado e que se aceite como escravo, para que o colonizador seja realmente um senhor. Assim define o autor, esses dois retratos:

[...] Para que o colonizador seja inteiramente senhor, não basta que o seja objetivamente, é preciso ainda que acredite na sua legitimidade; e, para que essa legitimidade seja completa, não basta que o colonizado seja objetivamente escravo, é necessário que se aceite como tal. Em suma, o colonizador deve ser reconhecido pelo colonizado. (MEMMI, 1957, p. 84).

Frente a essa questão, temos o papel do escritor colonizado, que de fato não foi tranquilo, [...] “o papel do escritor colonizado é por demais difícil de sustentar: encarna todas as ambiguidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas a um grau extremo.” (MEMMI, 1957, p.98). Em um país colonizado, o escritor não teria como escrever em sua língua de origem, uma vez que não teria leitores, pouquíssimos eram alfabetizados, e a elite dos letrados só entenderia na língua do colonizador, e é está a opção que lhe resta, escrever na língua do colonizador. O processo de recusa da colonização surgirá com os escritores que não aceitam essa situação e passam a se manifestar em jornais para que o país alcance a libertação.

Em relação à composição de *Nação Crioula*, o escritor angolano opta por construir um romance apenas epistolar, em contraste com a obra queirosiana, na qual temos a inserção do narrador-biógrafo na primeira parte. Para maior verossimilhança do romance, Agualusa retoma não só a voz da personagem principal, mas resgata destinatários de Fradique do texto do escritor português. Essas cartas secretas revelariam outro lado da personagem que os leitores não conheceram na obra de Eça de Queiroz. O que nos permite aproximar os romances é o discurso de Fradique presente nas cartas que pressupõem um diálogo para que a relação se estabeleça entre remetente e destinatário.

O escritor português estrutura seu romance de maneira a mostrar como as duas partes estão imbricadas para o entendimento do leitor e principalmente para a caracterização do protagonista feita pelo narrador. Para que exista coesão entre as cartas, que são fragmentadas, uma vez que são selecionadas, Eça introduz a primeira parte como um roteiro para que possamos ler e entender as correspondências dessa personagem:

[...] entre a primeira e a segunda partes, ou seja, entre “Memórias e Notas” e “As cartas” existe uma **articulação** cujos elos são subtilmente tecidos, uma vez que se vai preparando o leitor, logo de início, para a fragmentaridade discursiva das cartas. De um modo admirável, o discurso epistolográfico responde articuladamente aos temas levantados pelo relato autobiográfico. (SIMÕES, 2002, p.765, grifo da autora).

A vida de Fradique Mendes descrita pelo narrador é cheia de desencontros entre eles, a personagem até onde entendemos não gostava de aparecer, recusando-se a escrever, por exemplo, sobre sua viagem à África. As correspondências desse período serão imaginadas e criadas na narrativa epistolar de Agualusa, agora são as cartas referentes ao lado oculto dessa personagem que tomaremos conhecimento através de uma história cativante e envolvente. A proximidade do discurso por meio das correspondências proporciona uma leitura enriquecedora dos romances na medida em que podemos apreender toda a ironia de Fradique frente as sociedades em que se encontra.

No projeto ficcional de Agualusa a personagem Fradique que no romance de Eça era tido como a representação de um homem itinerante, viajante e curioso conhecedor de mundo, passa por uma reinvenção para tornar *Nação Crioula* um discurso onde várias vozes são imbricadas junto com os três países envolvidos, Angola, Brasil e Portugal. Por mais que pareça uma ironia do escritor angolano inserir a figura do europeu, que tudo possui e só conhece a realidade a partir de um distanciamento, em meio ao ambiente escravocrata de Luanda, o que ressalva é o jogo literário proposto pelo autor de inventar e ao mesmo tempo brincar com sua apropriação:

[...] O romance de Agualusa, ao exibir um processo de invenção tão válido quanto o texto de que se apropria, é também testemunho de outros modos de se registrar o mundo e é com a intenção evidente de brincar com a história e com a literatura de feição nacionalista que o romance coloca-se no limite entre invenção e registro. (FONSECA, 2001, p.254).

O diálogo cultural estabelece-se na retomada da personagem da literatura portuguesa e sua inserção no período colonial no qual Fradique Mendes passa a envolver-se e que contempla num primeiro momento “com olhar irônico a sociedade colonial e escravocrata, plena de contradições como a combinação de ideias socialistas com o comércio negreiro.” (LEAL, 2002, p.787). É possível pensar também que mais do que ironia, o romance traz uma homenagem ao escritor português como inspiração e modelo:

[...] Este livro do escritor angolano é, por muitas razões, uma homenagem a Fradique Mendes e, porque não a Eça de Queirós, autor bastante lido nas escolas africanas, principalmente durante o período colonial, já que o ensino nelas adotado pautava-se pelo que se ensinava e lia nas escolas de Portugal. E mesmo que a intenção de Agualusa possa ser entendida como uma retomada irônica da personagem de Eça de Queirós, o que também é verdadeiro, o livro de Eça está presente em *Nação Crioula* como inspiração e modelo, pois essa parceria já está indicada desde do título que explica conter o livro a correspondência secreta de Fradique, que Eça não pôde publicar. (FONSECA, 2001, p.255 - 256).

Assim, essa dissertação tem como intuito aproximar as cartas dos romances e verificar que ao abarcar fronteiras e espaços a personagem transita e liga os distintos contextos envolvidos. Se no livro de Eça de Queiroz a personagem revela em suas cartas detalhes de sua vida ao corresponder-se com distintos destinatários para argumentar sobre os mais diferenciados assuntos e sempre mantendo a sua ironia, principalmente em relação a Portugal, o escritor angolano também procura manter Fradique Mendes com os mesmos ares diante de Angola, mas ao retratar outro contexto os assuntos diferenciam-se do romance queirosiano. No entanto, a linguagem que os une é a da correspondência, pois para compreender o mundo e mostrar ao outro as relações que estabelecem no decorrer do tempo, nada melhor que a carta para aproximar a distância de quem não pode estar perto.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO INICIAL - A *CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES*

O livro *A Correspondência de Fradique Mendes* é uma das últimas narrativas produzidas por Eça de Queiroz, uma vez que este falece antes de finalizá-la. A obra é escrita por volta dos últimos 15 anos, no final do século XIX, quando Portugal passava por profundas dificuldades, principalmente no campo político, pois se instaurou a rotatividade do poder, para que este passasse de um partido para o outro sem crises violentas, um mecanismo típico do liberalismo parlamentar na Europa (SARAIVA, 1999, p. 306). O rotativismo bipartidário era comum na Inglaterra, assim o rei depois do ato eleitoral entregava o Governo ao partido que ganhava as eleições. No entanto, no rotativismo português não era bem isso que acontecia:

[...] no rotativismo português as coisas passavam-se ao contrário: não era quem ganhava a eleições que subia ao poder, mas sim quem subia ao poder que ganhava as eleições. O método para obter a concordância entre Governo e resultado eleitoral era este: de cada vez que o rei nomeava novo ministério, decretava a dissolução das câmaras e marcava novas eleições. Destas saía sempre vencedor o partido a que pertencia o Governo que o rei tinha nomeado. (SARAIVA, 1999, p.306-307).

Esse sistema foi muito criticado, a maioria das pessoas que iam às urnas não tinham consciência política. Nesse período, o desenvolvimento da economia portuguesa também era lento, como a falta de transportes, de estradas e de infraestrutura. Existiram progressos, como a implantação de máquinas a vapor, mas se comparado ao restante da Europa, revela o atraso de Portugal: [...] “Houve alguns progressos: em 1840 existiam em Portugal quatro máquinas a vapor aplicadas à indústria (na Europa havia muitos milhares)”. (SARAIVA, 1999, p.315). O século XIX foi um período conturbado para Portugal que entrou em fase de decadência. E Eça de Queiroz assiste a esta fase complicada:

[...] Portugal entrou em fase de decadência, da qual, infelizmente para todos os que o amam, de longe ou de perto, só veio a reerguer na segunda metade do século XX. Eça e os seus companheiros embalaram-se na ilusão do socialismo. Estavam certo de que nesse movimento encontrariam felicidade. (SCANTIMBURGO, 1995, p.81).

É nesse contexto que o escritor português desenvolve suas obras. Eça de Queiroz atua no período do Realismo português, sendo um dos grandes nomes da época. O estudioso Benjamin Abdala Junior ainda assinala que o movimento termina no ano da morte de Eça, em 1900: “O Realismo português inicia-se em 1865, com a “Questão Coimbrã”, entra em franca decadência a partir de 1890 e termina em 1900, com a morte de Eça de Queirós” (ABDALA

JUNIOR, 1982, p. 100). O Realismo Queirosiano, procura afirmar a preocupação social inspirada no socialismo reformista de Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865); sendo assim, a Geração de 70 (Antero de Quental, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga), se reúne para discutir essas ideias políticas e sociais, pois acreditavam que Portugal necessitava de melhorias em sua sociedade.

Diante da efervescência: [...] “Realizam-se, nesse sentido, as *Conferências Democráticas do Casino Lisbonense* (1871), com o objetivo de levar à população os debates do grupo e contribuir para a reforma da sociedade portuguesa”. (ABDALA JUNIOR, 1982, p. 101-102). Dentre as conferências proferidas, encontra-se a de Eça de Queiroz, *A Nova Literatura*, na qual faz crítica ao romantismo e defende a função social da literatura realista. Uma característica importante do Realismo é a sua ligação com a ascensão da burguesia:

O movimento realista está ligado à ascensão da pequena burguesia citadina, na segunda metade do século XIX. Ao contrário da alta burguesia, interessada no jogo vazio das formas artísticas – a “arte pela arte” - , motiva-a uma arte voltada para a solução dos problemas sociais, isto é, uma arte “engajada”, de compromisso. É uma arte que se coloca também contra o tradicionalismo romântico e procura incorporar os descobrimentos científicos de seu tempo. (ABDALA JUNIOR, 1982, p.103).

A crise que se instalou em Portugal e causou o rotativismo do poder criou uma grande depressão no país, principalmente pela perda de sua colônia de grande aquisição econômica, o Brasil. Saraiva coloca esse período como a segunda fase da acidentada evolução econômica de Portugal:

[...] 2ª fase de grande depressão, que corresponde ao período da separação econômica do Brasil, invasões francesas, domínio comercial inglês, confrontação e guerra entre absolutismo e liberalismo, agitação política nos anos que se seguiram ao triunfo liberal. (SARAIVA, 1999, p.308).

Esta situação ocasionou um maior atraso do país em relação aos outros países da Europa. As transformações sociais proporcionaram a ascensão da burguesia, como citada anteriormente. Diante desse contexto, Eça de Queiroz insere uma personagem, Carlos Fradique Mendes, não como representante do meio social, mas alguém que vai olhar para Portugal e criticar o atraso em comparação aos países vizinhos. No decorrer da narrativa, ele reflete sobre as carências de Portugal, sejam econômicas, sociais ou políticas. É sob o olhar de uma literatura voltada para aquele momento de Portugal que Eça de Queiroz dá voz à personagem.

1.1- Criação da personagem

Carlos Fradique Mendes é uma personagem de uma produção coletiva de Eça de Queiroz com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, que a criam em 1869 como um poeta com tendências românticas e satanistas. Suas poesias foram publicadas nos jornais *A Revolução de Setembro* (Lisboa) e *O Primeiro de Janeiro* (Porto):

A 29 de Agosto de 1869 apareceram, no jornal *A Revolução de Setembro*. Quatro poemas da autoria de um tal Carlos Fradique Mendes: pouco tempo depois, a 5 de Dezembro do mesmo ano, *O Primeiro de Janeiro* publicava quatro novos textos da colectânea *Poemas de Macadam*, atribuída ao mesmo poeta e anunciada como obra de próxima aparição. (REIS, 1999, p. 137).

A personagem foi criada ainda no tempo do *Cenáculo* e conservava características românticas, no entanto tais características não agradavam mais o escritor português:

Ainda jovem, Eça parece repudiar as raízes românticas que sustentam os folhetins das *Prosas Bárbaras*, mas não sem antes participar, já em Lisboa, na esfuziante e ainda romântica atividade do Cenáculo que levou à criação do poeta imaginário Fradique Mendes. (REIS, 2005, p.10).

Após essa primeira aparição como poeta, Fradique Mendes, no ano seguinte, 1870, retorna na obra conjunta de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *O Mistério da Estrada de Sintra*, na qual: [...] “alterna ingredientes romântico-folhetinescos de terror, paixão insana, suspense, desenlaces inverossímeis, tiradas sentimentais.” (SARAIVA, 1996, p. 862). Carlos Reis ainda acrescenta que:

Antes das Conferências do Casino, Eça colabora com Ramalho na aventura literária que foi *O Mistério da Estrada de Sintra*, obra em que se cruzam o enigmático de extração romântica, um certo satanismo decadentista (representado em Fradique Mendes, que aqui reaparece), o entramado próprio do relato policial e a análise de costumes sociais. (REIS, 2005, p.11).

Fradique manifesta os mesmos traços apresentados nas poesias, como “a amizade com Baudelaire, certo toque de exotismo e dandismo, uma nítida propensão satânica”. (REIS, 1999, p. 137-138). Após este período, durante alguns anos, a personagem fica no esquecimento, mas em 1888, Eça de Queiroz, dessa vez sozinho, resolve retomar a personagem, segundo o estudioso Carlos Reis: “Durante cerca de quinze anos Fradique Mendes mergulha no esquecimento de uma hibernação imposta pela disciplina naturalista, nada receptiva às fantasias que haviam originado o aparecimento do autor dos *Poemas de Macadam*.” (REIS, 1995, p.140). Lembramos ainda que nesse período procuravam fazer uma

descrição realista da sociedade e não como as poesias românticas de Fradique. Eça, assim, percebe que o contexto do primeiro Fradique era diferente, e que o próprio escritor também havia amadurecido, faz com que a personagem, a partir de 1888, seja distinta:

[...] tendo passado a Eça os entusiasmos românticos e a efervescência juvenil responsáveis pelo primeiro Fradique, este que agora reaparece surge como figura renovada e sobretudo dotada de uma consciência e de uma homogeneidade estético-cultural que antes lhe não conhecêramos. (REIS, 1999, p. 140).

Desse modo, ficam claras as duas aparições antes de protagonizar o romance de Eça de Queiroz, como reforça esse fragmento do *Dicionário de Eça de Queiroz*:

Em rigor, três personagens Fradique Mendes se poderão considerar. A 1ª que é um heterônimo colectivo criado entre 1868-1869 por Jaime Batalha Reis, Antero de Quental e Eça, nos tempos do Cenáculo de Lisboa; A 2ª, que surge episodicamente n' O Mistério da Estrada de Sintra, em 1870, e finalmente a que Eça retoma individualmente com a publicação da Correspondência de Fradique Mendes em 1888-1900. (MATOS, 1993, p.436).

A partir do exposto, notamos que o Fradique Mendes, autor das cartas de *A Correspondência de Fradique Mendes*, será distinto daquele criado como poeta satanista. O escritor português retoma as características da personagem que muitos acreditavam ter de fato existido e também mantém as relações com personalidades que existiram historicamente, tais como Baudelaire, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro. Em uma carta a Oliveira Martins, Eça conta que resolveu ressurgir com a personagem, publicando-lhe as cartas, que teve a ideia de recolhê-las como se fez com as correspondências de personalidades famosas, como Balzac, Madame de Sévigné:

O que eu pensei foi o seguinte: uma série de cartas sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escritas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes!* Não te lembras dele? Pergunta ao Antero. Ele conheceu-o. Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, diletante e voluptuoso, este *gentleman*, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e tratei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, tive a ideia de recolher a sua correspondência – como se fez para Balzac, Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros imortais – e publico-a ou desejo publicá-la na *Província*. (QUEIROZ, 1979, p.549)

Resgatada a personagem, Eça de Queiroz procurará acentuar o que há de novo em Fradique. Assim, precede às cartas a visão de um narrador e na segunda parte do livro deparamo-nos com as correspondências. Na composição da obra, o tempo é cronológico na primeira parte, pois ali temos o narrador que nos direciona na leitura ao relatar como e quando conheceu o protagonista. E deste sabemos que percorre alguns espaços, através da voz do

narrador, como Paris, local que habitava, e Lisboa, que visitava com frequência. No entanto, viajava para outros países como, Marrocos e Egito no continente africano, Inglaterra, Brasil, Chile, etc. Na segunda parte, “As Cartas”, não há marcação temporal, uma vez que a personagem não as datava, mas o espaço sempre aparece, e na maioria das vezes as correspondências são remetidas de Paris. Para melhor exemplificação, trabalharemos um pouco com a visão passada pelo narrador.

1.2- Narrador – personagem

É de grande importância o papel exercido pelo narrador-biógrafo na primeira parte, “Memórias e Notas”, pois conhecemos a vida de Carlos Fradique Mendes em oito capítulos. Antes de seguirmos com a visão desse narrador, cabe lembrar que o anonimato desse narrador proporcionou que algumas pessoas o relacionassem com o próprio escritor Eça de Queiroz. No entanto, não podemos afirmar a provável ligação, certamente está no início da publicação de *A Correspondência de Fradique Mendes* no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, pois ao final trazia a assinatura de Eça de Queiroz:

No dia 26 de agosto de 1888, o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro iniciava a publicação do que aparentava ser um desprezioso relato memorial. Apontava nesse sentido o subtítulo “Notas e recordações” que, entre parênteses, se seguia ao nome da figura que motivava as ditas notas, Fradique Mendes. Ao cimo, um título mais circunstanciado: “A Correspondência de Fradique Mendes”. No final, a assinatura: Eça de Queirós. (REIS, 2014, p.15).

O interesse do narrador-biógrafo por Fradique Mendes começa no ano de 1867 após ler no jornal *A Revolução de Setembro*, de Portugal, cinco ou seis poesias reunidas em folhetim sob o título de “Lapidárias”. Essas poesias chamam-lhe a atenção porque procurava em literatura “mirar algo nuevo”, assim decide conhecer seu autor. O motivo de ir à busca desse autor era devido à modernidade de Fradique, a forma, e não a ideia nova de se fazer poesia: [...] “o que nelas então me prendeu não foi a Idéia, mas a Forma – uma forma soberba de plasticidade e de vida”. (QUEIROZ, 2008, p.19). Acrescenta que há muito tempo que não encontrava algo que lhe interessasse tanto em poesia, ainda mais de sua própria língua: [...] “A isto acrescia, para me fascinar, que este poeta era português”. (QUEIROZ, 2008, p.23). Diante do “fascínio” o narrador procura J. Teixeira de Azevedo, um amigo seu, para mostrar seu achado, mas que não o agrada tanto: [...] “J. Teixeira de Azevedo achou também “sublime – mas brejeiro”. E concordou que convinha desentulhar Fradique Mendes da obscuridade e

erguê-lo no alto do escudo como radiante mestre dos Novos.” (QUEIROZ, 2008, p.24). O encantamento, levemente exagerado é tanto que o faz buscar opiniões de outras personagens sobre sua descoberta, depois de J. Teixeira de Azevedo, o narrador procura seu companheiro da época da faculdade, Marcos Vidigal, que trabalhava no jornal *A Revolução de Setembro*. Este tem um papel importante na narrativa, pois é quem conta ao narrador detalhes da biografia de Fradique: [...] “e pelo cronista da Revolução conheci a origem, a mocidade, os feitos do poeta das “Lapidárias”.” (QUEIROZ, 2008, p.25).

Marcos Vidigal era primo de Fradique Mendes. Informa que ele pertencia a uma velha e rica família dos Açores e que fica órfão ainda menino, pois o pai havia morrido quando ainda engatinhava e seis anos depois sua mãe também falece. Assim, fica sob a tutela da avó materna, D. Angelina, que manda o neto com dezesseis anos para Coimbra. Alguns anos depois a avó falece, resta a ele um tio que vivia em Paris, Tadeu Mendes, este o manda: “estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne.” (QUEIROZ, 2008, p.28). Vidigal era filho de uma sobrinha da avó de Fradique, ele não sabia mais nada do primo, apenas que viajava pelo mundo. Conta-lhe então algumas histórias para lhe saciar a curiosidade, o que deixa o narrador mais fascinado, ao que conclui: [...] “e Fradique assumiu para mim a estatura de um desses seres que, pela sedução ou pelo gênio, como Alcibíades ou como Goethe, dominam uma civilização, e dela colhem deliciosamente tudo o que ela pode dar em gostos e em triunfos”. (QUEIROZ, 2008, p.31).

Marcos Vidigal oferece levar o narrador para conhecer Fradique, que reside em Paris, mas que estava de visita à Sintra, onde comprou a Quinta de Saragoça. Encontro marcado, Vidigal diz que seu primo é uma pessoa simples. No entanto, quando se depara com Fradique Mendes não é boa a primeira impressão que o narrador sente ao vê-lo, pois o narrador comete o erro de mencionar sobre as poesias escritas por Fradique e este se irrita bastante.

Porém, toda a descrição dada acerca do protagonista é repleta de adjetivos que nos levam a pensar em um ser superior, perfeito, devido a abundância com que é retratado, mas repleta de ironia quando lemos a segunda parte da narrativa:

[...] O que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente, como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz, resplandecendo sob polainas de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama cesariano, mas sem as linhas empastadas e a espessura flácida que a tradição das Escolas invariavelmente atribui aos Césares, na tela ou no gesso, para os revestir de majestade; antes pura e fina como a de um Lucrecio moço, em plena glória, todo nos sonhos da Virtude e da Arte. Na pele, de uma brancura Láctea e fresca [...]. E toda a sua finura, misturada de energia, estava nos olhos – olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de ônix, de uma

penetração aguda, talvez insistente demais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma de aço em madeira mole. (QUEIROZ, 2008, p.35)

Não sei se as mulheres o considerariam belo. Eu achei-o um varão magnífico – dominando, sobretudo, por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava. [...] E, apesar de Vidigal me ter contado que Fradique festejara os “trinta e três” em Sintra, pela festa de São Pedro, eu sentia naquele corpo a robustez tenra e ágil de um efebo, na infância do mundo grego. (QUEIROZ, 2008, p.35).

É notável o fascínio que a personagem exerce sobre o narrador, e este em seu discurso caracteriza-o para que possamos vê-lo como ele o vê. Mesmo Marcos Vidigal prevenindo o narrador para não comentar sobre as poesias das “Lapidárias”, ele não se contém e as menciona, e ainda compara com as poesias de Baudelaire, o que deixa Fradique irritado: _ “Vejo, então – disse ele -, que é um devoto do maganão das *Flores do Mal!*” (QUEIROZ, 2008, p.40). Essa reação do protagonista não lhe agrada, depois de tanto elogio, ao sair da casa de Fradique, desabafa: “Que pedante!”, mas não deixa de continuar admirando-o.

Pelo que se pode notar o narrador nos apresenta a personagem através de uma narração que provém não só do seu conhecimento e contato com Fradique, mas também do testemunho de Marcos Vidigal. Este dá suas informações, no entanto, aquele não lhe atribui grande importância, se pensarmos que prefere não fazer uso do discurso direto, não se sente a voz de Vidigal, opta pelo discurso narrativizado, segundo Carlos Reis:

As confidências de Marcos Vidigal incidem especialmente sobre os anos de educação e formação intelectual de Fradique, primeiro nos Açores, depois em Coimbra e finalmente em Paris; de tal modo é evidente o facto de o narrador não atribuir a estas informações (que apenas Vidigal podia fornecer) uma importância excepcional, que, em vez de reproduzir fielmente as palavras de Vidigal em discurso direto, opta pela fórmula inegavelmente mais redutora que é o discurso narrativizado. (REIS, 1975, p. 316-317).

O escritor, na composição da biografia da personagem, recorre também a personalidades que de fato existiram, dando mais credibilidade a Fradique como pessoa que conviveu com Antero de Quental, Carlos Mayer, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão. O narrador-biógrafo não mantém contato com frequência com seu biografado, passam anos sem se encontrar, o que fica sabendo é através dos conhecidos de Fradique, que segundo ele: “Todos, apesar das dissemelhanças de temperamento ou das maneiras diferentes de conceber a vida, tinham como eu sentido a sedução daquele homem adorável.” (QUEIROZ, 2008, p.64). Há vários fragmentos nos quais nota-se a participação de tais pessoas que conheceram Fradique:

[...] Ramalho Ortigão, pouco tempo depois, dizia dele numa carta carinhosa: Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado produto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. (QUEIROZ, 2008, p.65).

[...] Carlos Mayer, lamentando, como Oliveira Martins, que às múltiplas e fortes aptidões de Fradique faltassem coordenação e convergência para um fim superior, deu um dia sobre a personalidade do meu amigo um resumo sagaz e profundo: “O cérebro de Fradique está admiravelmente construído e mobiliado. Só lhe falta uma idéia que o alugue, para viver e governar lá dentro. Fradique é um gênio com escritos!” (QUEIROZ, 2008, p.67).

Também Fradique, nesse inverno, conheceu o pensador das *Odes modernas*, de quem, numa das suas cartas a Oliveira Martins, fala com tanta elevação e carinho. (QUEIROZ, 2008, p.67).

[...] Fradique concluía (como mostra numa carta desse tempo a Guerra Junqueiro) que na religião o que há de real, essencial, necessário e eterno é o cerimonial e a liturgia. (QUEIROZ, 2008, p.113).

Fradique Mendes também se correspondia com os outros personagens mencionados pelo narrador, este ao recolher as cartas do protagonista provavelmente descobre mais coisas sobre a vida do protagonista, não mencionados na primeira parte do romance. No fragmento a seguir verificamos esse contato:

[...] Quase todos os três meses trocávamos uma carta – cinco ou seis folhas de papel que eu tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de idéias e de fatos. Além disso, eu sabia de Fradique por alguns dos meus camaradas, com quem, durante uma residência mais íntima em Lisboa, do outono de 1875 ao verão de 1876, ele criara amizades onde todos encontraram proveito intelectual e encanto. (QUEIROZ, 2008, p.64).

Sabe-se também, através do narrador de algumas pessoas com as quais Fradique se correspondia, figuras que serão retomadas na segunda parte do romance, como Oliveira Martins: “Numa carta a Oliveira Martins, de 1883, Fradique diz: “O homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão única e serenamente ocupado no ofício de reinar – isto é, de pensar”. (QUEIROZ, 2008, p. 70-71), com Antero de Quental: [...] “Todo o fenómeno (diz ele numa carta a Antero de Quental, sugestiva através de certa obscuridade que a envolve) tem uma realidade.” (QUEIROZ, 2008, p.79). Além desses, sabemos que o protagonista se relacionou também com o amigo do narrador, J. Teixeira de Azevedo, que não se impressionava com o protagonista:

[...] E o último companheiro da minha mocidade que se relacionou com o antigo poeta das “Lapidárias” foi J. Teixeira de Azevedo, no verão de 1877, em Sintra, na Quinta da Saragoça, onde Fradique viera repousar da sua jornada ao Brasil e às repúblicas do Pacífico. Tinham aí conversado muito, e divergido sempre. J. Teixeira de Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperável antipatia pelo que ele chamava “infatismo crítico” de Fradique. Homem todo de emoção, não

se podia fundir intelectualmente com aquele homem todo de análise. O extenso saber de Fradique também não o impressionava. (QUEIROZ, 2008, p.67).

Na tentativa de se desculpar, J. Teixeira de Azevedo, por não ter o mesmo fascínio que o narrador, conta que ele era nervoso e apaixonado, e continua narrando que apesar dele não gostar de alguns requintes de Fradique achava-o interessante, mas nas correspondências gostava de contrariá-lo:

[...] “As noções desse guapo erudito (escrevia ele em 1879) são bocados do Larousse diluídos em água-de-colônia”. E enfim certos requintes de Fradique (escovas de prata e camisas de seda), a sua voz mordente recortando o verbo com perfeição e preciosidade, o seu hábito de beber champanhe com *soda-water*, outros traços ainda, causavam uma irritação quase física ao meu velho camarada da travessa do Guarda-Mor. Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o português mais interessante e mais sugestivo do século XIX. E correspondia-se regularmente com ele – mas para o contradizer com acrimônia. (QUEIROZ, 2008, p. 67-68).

O contato direto entre narrador e personagem acontece em 1867: [...] “O meu conhecimento porém com esse homem admirável datava de Lisboa, do ano remoto de 1867.” (QUEIROZ, 2008, p.17). Depois em 1871 durante uma viagem do narrador ao Egito:

Em 1871, percorri o Egito. [...] - “vejo”, nitidamente, avançando com o barco, e com ele cortando as faixas de luz e sombra, o quarto do Hotel Central, o grande divã de cores estridentes, e Fradique, na sua cabaia de seda, celebrando por entre o fumo da *cigarette* a imortalidade de Boileau! (QUEIROZ, 2008, p.44).

E por fim, a terceira vez que se encontram é no ano de 1880: “Em 1880 (nove anos depois da minha peregrinação no Oriente), passei em Paris a semana da Páscoa [...]. E uma voz muito serena murmurou: “Separamo-nos há anos no cais de Boulak...” Ergui-me com um grito, Fradique com um sorriso”. (QUEIROZ, 2008, p.68). Segundo ele, é dessa noite que a amizade entre eles se estreita: [...] “Dessa noite em Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intelectual.” (QUEIROZ, 2008, p.68), logo depois explica porque o chama de intelectual: “Determinadamente lhe chamo “intelectual”, porque esta intimidade nunca passou além das coisas do espírito. [...] assisti e me misturei à sua vida pensante; nunca porém penetrei na sua vida afetiva de sentimento e de coração.” (QUEIROZ, 2008, p.68). Essa amizade vai até o ano de 1888, quando Fradique Mendes morre.

Essas três fases marcam o contato direto entre eles, período que as informações acerca da vida do protagonista foram presenciadas pelo narrador-biógrafo, os intervalos são preenchidos pelas cartas entre ambos, e pelas trocadas com as outras personalidades da narrativa. Os dois primeiros períodos mostram o distanciamento temporal que os separou. O

que possibilita ao narrador seguir sua vida, já que Fradique percorria diversos lugares: “Alguns anos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui conhecendo os homens e a realidade das coisas, não tornei a ler Baudelaire.” (QUEIROZ, 2008, p.43). Só quando se encontram em 1871 essa distância é quebrada, no entanto ficam mais nove anos sem se encontrarem, esse afastamento é destacado por Carlos Reis:

[...] para além do eventual distanciamento intelectual, moral ou psicológico, que separa o narrador da personagem central, assume uma importância muito particular a distância temporal a que o doador da narrativa se situa relativamente às duas fases iniciais de conhecimento de Fradique (1867 e 1871). (REIS, 1975, p.321).

No entanto, na segunda fase, narra que sua vida aquietou, enquanto a de Fradique era cheia de viagens por diversos países:

Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrara as suas jornadas dentro da Europa Ocidental – enquanto eu errava pela América, pelas Antilhas, pelas repúblicas do Golfo do México. E, quando a minha vida enfim se aquietou num velho condado rural da Inglaterra, Fradique, retomado por essa “bisbilhotice etnográfica” a que ele alude numa carta a Oliveira Martins, começava a sua longa viagem ao Brasil, aos Pampas, ao Chile e à Patagônia. (QUEIROZ, 2008, p. 63-64).

Nota-se que o período desse distanciamento temporal é preenchido pelas correspondências, uma maneira de se manterem informados acerca dos acontecimentos que envolviam a personagem principal da narrativa até o novo encontro em 1880.

Quando não é através das cartas que o narrador se mantém informado sobre a vida de Fradique, é nos momentos em que se encontram juntos, não só ele, mas os outros companheiros também. Conta que durante um jantar na casa de Carlos Mayer, o protagonista ao comentar sobre o velho Portugal do tempo de Dom João V, Ramalho Ortigão não aguenta e comenta: _ “Você é um monstro, Fradique! O que você queria era habitar a confortável Paris do meado do século XIX, e ter aqui, a dois dias de viagem, o Portugal do século XVIII, onde pudesse vir, como a um museu, regalar-se de pitoresco e de arcaísmo...” (QUEIROZ, 2008, p.95).

Ao expor a opinião de Ramalho, notamos o espaço e o destaque que o narrador dá à fala dele. Opta pelo discurso direto, uma maneira de mostrar como a voz dele se faz presente no diálogo entre as personagens. A abertura também é dada ao protagonista, que através do discurso dirige-se ao seu companheiro, interagindo para lhe responder que:

_ Era bem mais digno e mais patriótico que em lugar de vos ver aqui, a vós, homens de letras, esticados nas gravatas e nas idéias que toda a Europa usa, vos encontrasse de cabeleira e rabicho, com as velhas algibeiras da casaca de seda cheias de odes sáficas [...]. Tudo isso seria dignamente português, e sincero; vós não merecíeis melhor; e a vida não é possível sem um bocado de pitoresco depois do almoço. (QUEIROZ, 2008, p. 95-96).

Para o narrador, Fradique possuía uma grande percepção da realidade: [...] “Tanto quanto pude discernir, a suprema qualidade intelectual de Fradique pareceu-me sempre uma percepção extraordinária da realidade.” (QUEIROZ, 2008, p.79). Era também de uma inteligência superior, com um amplo conhecimento das línguas:

A superior inteligência de Fradique tinha o apoio de uma cultura forte e rica. Já os seus instrumentos de sabor eram consideráveis. Além de um sólido conhecimento das línguas clássicas [...] possuía profundamente os idiomas das três grandes nações pensantes, a França, a Inglaterra e a Alemanha! (QUEIROZ, 2008, p.81-82).

Além de tudo isso, tinha um grande saber histórico: “O saber histórico de Fradique surpreendia realmente pela amplexidade e pelo detalhe.” (QUEIROZ, 2008, p.85). Com esses fragmentos nota-se o fascínio que a personagem exerce sobre este narrador.

O que possibilitava ao viajante português percorrer distintos países era a sua posição financeira. Assim, conhecia suas culturas e seus povos e muitas vezes se envolvia com o lugar no qual se encontrava. Tudo isso lhe proporciona o enriquecimento cultural: “A cultura de Fradique recebia um constante alimento e acréscimo das viagens que sem cessar empreendia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intelectuais.” (QUEIROZ, 2008, p.87). Em uma de suas viagens acaba por envolver-se com uma nova seita religiosa, de nome babismo, segundo o narrador, para manter sua imagem de *touriste*, não se limitava apenas em visitar uma cidade era preciso envolver-se: [...] “Fradique (para continuar a sua imagem) transformava-se em “cidadão das cidades que visitava”. Mantinha por princípio que se devia momentaneamente “crer” para bem compreender uma crença. Assim se fizera babista, para penetrar e desvendar o babismo.” (QUEIROZ, 2008, p.77).

Na realidade, Fradique se sentia superior ao poder apreciar diversas opiniões sem perder a sua individualidade, ele é o típico *dândi* que procurava valores autênticos na sociedade burguesa, mas que sabia não os encontrar. Segundo consta no *Dicionário de Eça de Queiroz* foi Baudelaire quem definiu melhor essa figura:

[...] É finalmente Charles Baudelaire quem define de um modo mais completo e consciente a postura aristocrática e antiutilitária face à sociedade burguesa, capitalista e democrática [...] o dândi representa a figura heroica que empreende a última tentativa já desesperada de criar valores autênticos que sejam eximidos do nivelamento na sociedade burguesa. Consciente da futilidade deste objetivo, o dândi provoca sem força subversiva, adopta impassivelmente opiniões e posições contrárias e é, no fundo, idêntico às diversas máscaras que lhe deveriam outorgar aquela unidade e excepcionalidade individual que de facto perdeu. (MATOS, 1993, p.252).

Além disso, no decorrer de toda a caracterização da personagem pode se pensar nela como a da figura do escritor-dândi que não queria aparecer, não desejava ter suas cartas publicadas. Eça de Queiroz insere esses elementos do dandismo na sua narrativa, que ainda segundo Matos revela uma “escrita dandística”:

Para além da caracterização de Fradique Mendes, a própria estrutura do texto revela uma “escrita dandística” altamente auto-reflexiva. N’A Correspondência de Fradique Mendes traduz-se a atitude do dândi, tanto no jogo de nomes e papéis imaginados como na propensão incessante para ocultar a responsabilidade pelo escrito. Por detrás deste procedimento fica o profundo cepticismo acerca das possibilidades de realização individual artística na sociedade burguesa. Retomando a criação colectiva do poeta satânico Fradique Mendes, Eça finge a morte de um escritor-dândi perfeito, um *alter ego*, cuja escrita é publicada contra a sua vontade. Esta publicação é realizada, após uma argumentação meticolosa para a publicação do inédito, por um biógrafo pedante que é identificado pelo leitor como o autor E. Q. Desta maneira, o escritor-dândi é eternizado como alguém que sempre se recusou à eternização – um paradoxo próprio do escritor-dândi. (MATOS, 1993, p.253).

O diferencial de Fradique era que em suas viagens ele recebia uma lição de cada sociedade com a qual se envolvia: [...] “Fradique amava logo os costumes, as ideias, os preconceitos dos homens que o cercavam; e fundindo-se com eles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição direta e viva de cada sociedade em que mergulhava.” (QUEIROZ, 2008, p.89). Suas viagens só diminuem a partir de 1880, concentrando-se mais entre Paris e Londres, e claro, ao seu país, onde tinha a Quinta de Saragoça. De acordo com o narrador:

Desde 1880 os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris e Londres – com exceção das “visitas filiais” a Portugal; porque, apesar da sua dispersão pelo mundo, da sua facilidade em se nacionalizar nas terras alheias e da sua impersonalidade crítica, Fradique foi sempre um genuíno português com irradicáveis traços de fidalgo ilhéu. (QUEIROZ, 2008, p.90).

Um dos locais que visita é a região do Zambeze¹ na África, no entanto, quando o narrador lhe sugere que escreva um livro contando sobre o que lá viu, ele não gosta. Afirma

¹ Zambeze é um rio da África Austral ou Meridional, região banhada pelo Oceano Atlântico e pelo Índico e faz fronteira com Angola, Moçambique e Zâmbia.

que não viu nada que outros já não tenham visto. Esse episódio é narrado após a morte de Fradique:

[...] Fradique recolhera na região do Zambeze notas muito flagrantes, muito vivas, sobre os cultos nativos – que são divinizações dos chefes mortos, tornados pela morte *mulungus*, espíritos dispensadores das coisas boas e más, com residência divina nas cubatas e nas colinas onde tiveram a sua residência carnal; e, comparando os cerimoniais e os fins destes cultos selvagens da África com os primitivos cerimoniais litúrgicos dos Árias em Septa-Sindhou. (QUEIROZ, 2008, p.113, grifo do autor).

Diante de tudo isso, o narrador sugere que ele escreva contando sobre a viagem: “Todas estas coisas me prendiam irresistivelmente, sobretudo pelos traços de vida e de natureza africana com que vinham iluminadas.” (QUEIROZ, 2008, p.113). Mas sua sugestão não é aceita.

Importa agora ressaltar o caráter de narrador homodiegético. No decorrer dos oito capítulos não sabemos nada dele, sua função parece centrar-se apenas em narrar a vida de seu biografado, no entanto, participa da diegese, atua como companheiro e biógrafo do protagonista, ou seja, não é a personagem principal, mas participa como personagem secundária. Na definição de Roland Bourneuf e Réal Ouellet de narrador homodiegético este garante uma visão central da narrativa:

Para um narrador, a maneira mais simples e mais total de estar presente na narrativa é contar as suas memórias ou publicar o seu diário íntimo. Ele garante-se assim um lugar central donde poderá ter uma visão sobre tudo o que constitui a matéria da sua narrativa. Visão estreita, subjectiva, sujeita a caução, mas privilegiada por permitir – teoricamente, pelo menos – transcender a oposição tradicional, sujeito-objecto: o sujeito é o objeto da sua narração. Nas obras de ficção que tomam a forma das Memórias, a personagem tenta reunir e dar um sentido a toda uma parte da sua vida, esforçando-se por destacar as suas linhas de força; ela conhece antecipadamente o ponto de partida e o ponto de chegada do itinerário. (BOURNEUF, 1976, p. 114-115).

Este narrador queirosiano não relata a sua própria história, no entanto é capaz reunir informações suficientes para que possa narrar as memórias que não são suas, assim participa de modo secundário. Com uma visão privilegiada opta por ocultar sua identidade, é como se só quisesse atuar como testemunha interpretando a personagem, e escondendo as suas orientações mais significativas, Carlos Reis defende essa ideia em relação a este narrador:

[...] defendemos a ideia de que ele nos abre caminho para uma primeira tentativa de explicação das intenções que presidem à concretização da instância narrativa: a elaboração de um retrato intelectual e moral da personagem cuja correspondência é divulgada, retrato esse delineado por alguém que, ocultando até a sua própria

identidade, pretende apenas ser uma mera testemunha das facetas mais representativas da existência de Fradique. Essa ideia poderá levar a pensar, sem dificuldade, que o narrador, encarado na condição de intérprete de uma certa atitude cultural, se preocupa em esconder as suas orientações ideológicas e afectivas mais significativas. (REIS, 1975, p.315-316)

Ao participar da narrativa como personagem que conheceu e conviveu com o herói, temos a visão desse “eu” que recorre a voz de outras testemunhas. No entanto a opinião desse narrador parece ser mais importante que dos outros, por exemplo, após a morte de Fradique, muitos querem saber o que existia nos papéis que ele confiou a Madame Lobrinska para que esta os guardasse. Assim o narrador descreve o que os amigos pensam:

Alguns amigos pensam que aí se devem encontrar, se não completas, ao menos esboçadas, ou já coordenadas nos seus materiais, as duas obras a que Fradique aludia como sendo as mais cativantes para um pensador e um artista deste século – uma *Psicologia das religiões* e uma *Teoria da vontade*. (QUEIROZ, 2008, p.110).

Mas o que nos chama a atenção é quando observamos os seguintes trechos:

Outros (como J. Teixeira de Azevedo) julgam que nesses papéis existe um romance de realismo épico, reconstruindo uma civilização extinta, como a “Salambô”. [...] (QUEIROZ, 2008, p.111).

Ramalho Ortigão, ao contrário, inclina a crer que os papéis de Fradique contêm “Memórias” – porque só a “Memórias” se pode coerentemente impor a condição de permanecerem secretas. (QUEIROZ, 2008, p.111).

Eu, por mim, de um melhor e mais contínuo conhecimento de Fradique, concluo que ele não deixou um livro de psicologia, nem uma epopéia arqueológica (que certamente pareceria a Fradique uma culpada e vã ostentação de saber pitoresco e fácil), nem “Memórias” – inexplicáveis num homem todo de idéia e de abstração, que escondia a sua vida com tão altivo recato. E afirmo afoitamente que nesse cofre de ferro, perdido num velho solar russo, não existe uma obra – porque Fradique nunca foi verdadeiramente um *autor*. (QUEIROZ, 2008, p.112, grifo do autor).

É notável por estes trechos que o “eu” narrador coloca sua opinião acima das outras testemunhas. Em relação a J. Teixeira de Azevedo usa do vocábulo julgam, como apenas uma hipótese de alguém que dá a sua opinião sem conhecer de fato o protagonista. Já Ramalho Ortigão, inclina a crer, ou seja, acredita que possam ser “memórias”, mas não é capaz de afirmar com absoluta certeza, pois entendemos que em sua visão, Ramalho não era íntimo o suficiente de Fradique. Já o narrador anônimo se coloca acima dos outros alegando melhor e mais contínuo conhecimento, ele não julga, nem crê, e sim conclui que Fradique não deixa nem livro, nem “memórias” no cofre de ferro, porque nunca foi um autor, sua opinião parece ser mais importante que as outras, uma vez que, é ele quem narra colocando sua visão em

foco. Explica logo depois que não faltaram ideias para o protagonista compor um livro, mas lhe faltou certeza, paciência, confiança de si como pensador, e outras coisas que assim narra:

Para o ser não lhe faltaram decerto as idéias – mas faltou-lhe a certeza de que elas, pelo seu valor *definitivo*, merecessem ser registradas e perpetuadas; e faltou-lhe ainda a arte paciente, ou querer forte, para produzir aquela forma que ele concebera em abstrato como a única digna, por belezas especiais e raras, de encanar as suas idéias. Desconfiança de si como pensador, cujas conclusões, renovando a filosofia e a ciência, pudessem imprimir ao espírito um movimento inesperado. (QUEIROZ, 2008, p.112, grifo do autor).

A personagem principal por muito tempo ficou no imaginário das pessoas como alguém que de fato existiu, nisso o narrador possui grande influência, ele apresenta Fradique como se tivesse existido e estivesse cercado de personalidades que existiram historicamente e conviveram com o autor Eça de Queiroz. O testemunho do qual não se tem correspondente real é o de Marcos Vidigal. Já J. Teixeira de Azevedo, segundo Carlos Reis, é identificável com Batalha Reis: [...] “a J. Teixeira de Azevedo, entidade em princípio conhecida e só identificável com Jaime Batalha Reis.” (REIS, 1999, p. 145). Mas a utilização das vozes das outras personagens tem a função de validação autoritária:

[...] Muito mais importante é o recurso às opiniões de Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Carlos Mayer e Antero de Quental, ou seja, entidades cuja invocação exerce aqui uma clara função de validação autoritária: porque a conexão metonímica que, no corpo da introdução, estabelecem com Fradique Mendes (no fundo parece que todos pertencem ao mesmo mundo...) convida a encarar este último como entidade realmente existente. (REIS, 1999, p. 145).

Esse caráter de existência de Fradique Mendes foi criado por Eça de Queiroz que o configurou como uma personalidade autônoma. Além das personagens que existiram historicamente já citadas, outras são mencionadas como conhecidos do protagonista, Baudelaire, Leconte de Lisle, reforçando a ideia de um Fradique real, além de segundo Marcos Vidigal, Fradique estar ao lado de Garibaldi: [...] “Vestido com a camisa escarlate, acompanhara Garibaldi na conquista das Duas Sicílias.” (QUEIROZ, 2008, p.29). Essa personalidade de Fradique o deixa parecer muito mais que uma personagem:

[...] Eça preocupou-se em criar, com Fradique Mendes, mais do que uma personagem de ficção: insistir nos componentes biográficos e na actividade literária de Fradique Mendes é configurar uma personalidade autonomizada quanto à sua instância criadora e potencialmente capaz de entabular com essa instância um diálogo bem diverso do que um romancista sustenta, normalmente de forma surda, com as personagens de ficção. (REIS, 1999, p. 144).

A relação autor e personagem também é marcada no livro, o protagonista faz coisas que o aproximam de seu criador, ao passo de se pensar em Fradique heterônimo de Eça de Queiroz. De acordo com o estudioso Carlos Reis, Fradique Mendes seria um projeto heteronímico de Eça, assim como os heterônimos de Fernando Pessoa, e o próprio Eça de Queiroz seria o ortónimo, mas tal concretização não se realizou, no entanto várias semelhanças entre criador e personagem são recorrentes no romance. Eça coloca sua criação usando uma cabaia chinesa na primeira visita do narrador, o escritor também tinha uma cabaia: “E não satisfeito em vesti-la, e fazer-se fotografar dentro da suntuosa cabaia, Eça tratou de enfiá-la em Fradique Mendes, que, para admiração do seu criador, passou a usá-la naturalmente.” (VIANNA FILHO, 2008, p.263).

Eça de Queiroz ganhara a sua cabaia de um amigo íntimo, com a qual se deixou fotografar em Paris:

A rica veste mandarinesca denominada cabaia, pertencente ao espólio queirosiano de Tormes, foi presente de um amigo íntimo de Eça, Bernardo Pinheiro de Melo (1855 – 1911), 1º conde de Arnoso, secretário do rei D. Carlos e um dos Vencidos da Vida. O conde de Arnoso acompanhou em 1887 Tomás de Sousa Rosa a Pequim, onde este iria assinar o primeiro tratado luso-chinês. É por ocasião desta viagem que o conde de Arnoso adquire a famosa cabaia com que Eça se fez fotografar no jardim da sua casa em Neuilly, em Paris. (MATOS, 1993, p. 143).

O narrador conta que: “Fradique Mendes voltara de dentro, vestido com uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarin, de seda verde, bordada a flores de amendoeira – que me maravilhou e que me intimidou.” (QUEIROZ, 2008, p.38). Em outro episódio o nome do hotel (Hotel Sheperd), no qual a personagem principal se hospeda, é o mesmo nome do hotel que o autor ficou quando viajou para o Egito, mais uma semelhança entre autor e personagem.

Fradique de fato não é Eça, mas não se pode afastá-lo totalmente de seu criador, nem nas características, nem na epistolografia: [...] “a propensão epistolográfica como o estilo de Fradique não manifestam uma peculiaridade suficientemente distintiva para o afastar de Eça por inteiro, porque, não esqueçamos, também este foi epistológrafo talentoso.” (REIS, 1999, p.152). Essa criação esteve tão ligada ao escritor que o filho de Eça, José Maria D’Eça de Queiroz, ao prefaciá-las insiste em mostrar como as cartas de Eça de Queiroz e Fradique Mendes estão ligadas:

[...] Com efeito, a ideia das cartas de Eça de Queiroz não podia deixar de me trazer ao espírito a recordação das cartas de Fradique Mendes, porque, para aqueles sobretudo que o conheceram, pensar em Eça de Queiroz é evocar paralelamente a figura íntima e intelectual de Fradique. Não, decerto, que o estudo, a apresentação de Fradique que precede a sua correspondência, seja de facto uma autobiografia – mas

as reminiscências são tantas, tantas as semelhanças e os pontos de contacto, que é por vezes difícil separar o biógrafo do biografado. Se os detalhes nem sempre coincidem, as características dominantes nunca divergem: mesmos gostos, mesmas aspirações de elegância, mesma idolatria da forma, mesma universalidade de interesses intelectuais, mesma percepção extraordinária da realidade, mesma alta independência, mesma reserva discreta sobre os sentimentos íntimos, mesmos instintos de “andadores de continentes”, mesmo estilo, mesma letra, mesmo papel, mesmo alfaiate! Por todo o estudo sobre Fradique enxameiam estas semelhanças, estes pontos de contacto, estes traços que parecem confissões. Nas cartas, sobretudo, há detalhes que são verdadeiras reminiscências – e eu por mim creio bem que, às vezes, Fradique compunha cartas que Eça de Queiroz já escrevera! (QUEIROZ, 1979, p.490).

Após a morte da personagem, o narrador resolve revelar as cartas do protagonista, para isto recorre a Madame Lobrinska, a qual pede alguns extratos dos manuscritos de Fradique, que este denominava de vala comum e que tinha confiado a ela para que guardasse. Ela não concede nenhum papel ao narrador: [...] “A resposta de Madame Lobrinska foi uma recusa, bem-determinada, bem-deduzida – mostrando que decerto sob “os claros olhos de Juno” estava uma clara razão de Minerva”. (QUEIROZ, 2008, p.110). Mantém a argumentação de que deve conservar o carácter íntimo de Fradique, diz que não entregaria para quem lucra na publicidade o que lhe foi confiado:

[...] “Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com o intuito de que, para sempre, conservassem o carácter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera; e nestas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestadamente contrariar o recatado e altivo sentimento que ditara esse legado...” (QUEIROZ, 2008, p.110, grifos do autor).

Através das informações passadas pelo narrador, verificamos que o biografado não gostava de exhibir-se, recordemos que até as suas doações eram feitas de forma anônima. Aquele ao querer publicar as correspondências revelaria a intimidade de alguém que sempre a preservou, mas segundo o narrador, tudo tem uma explicação:

Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro propósito de abstenção e silêncio – eu, publicando as suas Cartas, pareço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, nesse ruído e publicidade de espírito a que ele sempre se recusou, por uma rígida proibidade de espírito. E assim seria – se eu não possuísse a evidência de que Fradique incondicionalmente aprovaria uma publicação da sua Correspondência, organizada com discernimento e carinho. (QUEIROZ, 2008, p.116).

A explicação é que, no ano de 1888, o narrador manda uma carta a Fradique em que conta de uma viagem à Bretanha, na qual um livro lhe encantou, *Correspondência de Xavier Doudan*. Em carta resposta, o protagonista elogia e comenta sobre o livro, diz que leu as

cartas, e acrescenta que a publicação de uma correspondência é uma maneira de perpetuar as ideias de um homem: [...] “Li em todo o caso essas cartas – como leio todas as coleções de Correspondências [...]. Eis aí uma maneira de perpetuar as idéias de um homem que eu afoitamente aprovo – publicar-lhe a Correspondência!” (QUEIROZ, 2008, p.117).

Fradique, segundo o biógrafo, conta que as cartas são selecionadas por um grupo de amigos e de críticos que procuram mostrar ao mundo o lado superior do morto: [...] “uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável para aqueles que na Terra valeram mais pelo caráter do que pelo talento.” (QUEIROZ, 2008, p.117). E continua a argumentar:

[...] Temos depois que as cartas de um homem, sendo o produto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua filosofia. [...] E finalmente como cartas *são palestras escritas* (assim afirma não sei que clássico), elas dispensam o revestimento sacramental da *tal prosa como não há...* (QUEIROZ, 2008, p. 117-118, grifos do autor).

Com base nesses argumentos da carta, o narrador, então, decide reunir e publicar as cartas do homem que tanto admirou: “Foi a lembrança desta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade daquele camarada adorável, a reunir as suas cartas.” (QUEIROZ, 2008, p.118).

Para tal tarefa, o narrador-biógrafo dedicou um ano, pois, segundo ele, Fradique nunca datava as suas cartas: “Fradique nunca datava suas cartas; e, se elas vinham de moradas familiares aos seus amigos, notava meramente o nome do mês. [...] Quando se dirigia a mulheres, substituía o nome do mês pelo da flor que melhor o simbolizava.” (QUEIROZ, 2008, p. 119-120). Devido a essa falta de data, o narrador esclarece que as correspondências não possuem uma ordem cronológica: “Não é, portanto, possível dispor a Correspondência de Fradique por uma ordem cronológica; nem de resto essa ordem importa, desde que eu não edito a sua Correspondência completa e integral, formando uma história contínua e íntima das suas idéias”. (QUEIROZ, 2008, p.120)

Ao não se tratar de cartas de um autor, como Voltaire ou Proudhon, as de Fradique revelam a sua personalidade, como afirma seu biógrafo:

[...] Em cartas que não são de um autor e que não constituem, como as de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e constante comentário que acompanha e ilumina a obra, cumpre, sobretudo, destacar as páginas que com mais saliência revelassem a “personalidade” – o conjunto de idéias, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem. (QUEIROZ, 2008, p.120).

Assim, o narrador declara escolher algumas cartas soltas que mostram traços de caráter de Fradique, correspondências essas que possuem o intuito de mostrar as manifestações da personagem, revelando suas ideias, pensamentos, paixões. Outra justificativa para a publicação é: “Além do meu desejo que os contemporâneos venham a amar este espírito que tanto amei – eu obedeço, publicando as cartas de Fradique Mendes, a um intuito de puro e seguro patriotismo.” (QUEIROZ, 2008, p.121). O narrador e admirador faz questão que seu companheiro seja idolatrado por outros que devem conhecê-lo por suas cartas, e mais que as pessoas, o país deve apreciá-lo: [...] “mas a revelação de um espírito como o de Fradique assegura que um país vive também pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da fantasia, do humorismo e do gosto...” (QUEIROZ, 2008, p.123). Finaliza ao reforçar e elogiar, que um português como Fradique não deve ser esquecido: “Nos tempos incertos e amargos que vão, portugueses destes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um mármore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos – como uma consolação e uma esperança.” (QUEIROZ, 2008, p.123). Justifica, assim, os motivos que o levou a publicar tais cartas que encontramos em “Memórias e Notas”.

Como vimos anteriormente, as cartas que compõem o livro não poderiam ser publicadas sem que existisse um conhecimento prévio sobre seu autor, o narrador anônimo na primeira parte do romance fica encarregado de apresentá-lo. Eça de Queiroz em suas correspondências pessoais escreve uma carta a Oliveira Martins onde explica que é preciso uma biografia que anteceda a publicação das correspondências:

[...] A introdução a “Cartas que nunca foram escritas por um homem que nunca existiu”, não podia deixar de ser uma composição em que se tentasse dar a esse homem, primeiramente, realidade, corpo, movimento, vida. Não se pode decentemente publicar a *correspondência duma abstração*. [...] Tem de ser publicado tudo! Por outro lado, sem prévia histórica do homem, é impossível encetar abruptamente as cartas. O público perguntaria naturalmente – “mas quem é Fradique?” (QUEIROZ, 1979, p.585, grifos do autor).

Essa “introdução” às cartas serve como um roteiro de leitura, pois ela antecipa os acontecimentos com algumas passagens nas quais o narrador refere-se às correspondências de seu biografado, por exemplo, Madame de Jouarre é a destinatária com maior número de cartas, mas ela já é mencionada no relato do narrador, quando este conta que Fradique amou as mulheres, e contava a sua madrinha sobre seus relacionamentos amorosos: [...] “Estou em presença destas (escreve ele a Madame Jouarre), como em face de uma carta alheia fechada

com sinete e lacre.” (QUEIROZ, 2008, p.101). Aqui, temos a antecipação de um dos destinatários que aparecem na parte epistolar.

Ao comentar a visão de Fradique sobre as mulheres, podemos imaginar a antecipação da personagem Clara, pois nas cartas dirigidas a ela prevalece certo lirismo e adoração. Assim comenta sobre as mulheres: [...] “À maneira dos sentimentos da Restauração, Fradique considerava-as como “organismos” superiores, divinamente complicados, diferentes e mais próprios de adoração do que tudo o que oferece a Natureza.” (QUEIROZ, 2008, p. 100-101).

Outra opinião do protagonista exposta pelo narrador, e que reaparece em uma das cartas, é sobre os políticos, pelos quais: “Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais injustificados: horror intelectual, julgando-os incultos, broncos, inaptos absolutamente para criar ou compreender idéias.” (QUEIROZ, 2008, p.91). E na parte epistolar do romance essa crítica irá se manifestar novamente na carta VIII, dirigida ao Sr. E. Mollinet, na qual Fradique descreve ironicamente o político Pacheco:

[...] Constantemente ele atravessou a vida por sobre eminências sociais: deputado, diretor-geral, ministro, governador de bancos, conselheiro de Estado, par, presidente do Conselho – Pacheco tudo foi, tudo teve, neste país que, de longe e a seus pés, o contemplava, assombrado do seu imenso talento. (QUEIROZ, 2008, p.159).

A personagem traça a descrição da elite política portuguesa de sua época com boa dose de ironia. Esses são alguns dos momentos através dos quais notamos a inserção de assuntos que aparecerão em “As Cartas”, assim pode-se pensar na antecipação presente na primeira parte do romance, como uma direção para guiar a leitura da segunda e a aproximação com as correspondências de *Nação Crioula* que passaremos a verificar.

CAPÍTULO 2

ABORDAGENS INICIAIS – CONTEXTO ANGOLANO

As literaturas africanas de língua portuguesa têm ganhado nos últimos tempos reconhecimento e apreciação cada vez maiores de estudantes, pesquisadores e pessoas que se interessam e admiram a cultura africana. Angola, Cabo Verde e Moçambique, possuem significativa produção literária, já Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe não possuem muitos escritores com vasta produção intelectual. Esses países sofreram por muito tempo com a dominação dos colonizadores, e foi somente a partir de 1975 que alcançaram suas independências: “A independência das nações africanas de língua oficial portuguesa é fato recente, assim como o reconhecimento da própria idéia de nação dentro do conjunto do país”. (ABDALA JUNIOR, 2007, p.38-39), ou seja, antes disso, as produções dos autores, enfrentavam dificuldades para serem publicadas e divulgadas.

Ao pensarmos na tríade proposta por Antonio Candido, autor, obra e público entendemos a dificuldade enfrentada, por exemplo, em Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, pois para que a arte, e no caso aqui, a literatura, exista, é preciso que a sociedade considere esses três elementos para compreender a produção artística, pois:

[...] Na medida em que a arte é [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (CANDIDO, 2011, p. 47 – 48).

Para que a obra e o autor alcancem o valor que almejam é de extrema importância o papel do público leitor para que exista a ligação entre eles. Ainda, segundo o teórico:

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público. (CANDIDO, 2011, p. 48).

Para que a obra ganhe circulação é preciso que a procura por ela seja considerável nos meios de reprodução, para isso é necessário a existência de meios capazes de divulgar, como, por exemplo, a imprensa e a gráfica. Além disso, um conjunto de pessoas podem se interessar pela obra, no entanto, ao pensarmos na dificuldade de alfabetização tanto no Brasil como nos

países africanos de língua portuguesa, lembraremos que este é um dos entraves no desenvolvimento da sociedade. A ausência de recursos, o analfabetismo, a falta de escolas, a herança escravista, entre outros fatores, impedem a produção literária. No ensaio, “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido, este ao falar dos problemas relacionados ao Brasil e aos países latino-americanos, toca na questão da literatura e as condições para que a sua realização aconteça:

Se pensarmos nas condições materiais de existência da literatura, o fato básico talvez seja o analfabetismo, que nos países de cultura pré-colombiana adiantada é agravado pela pluralidade linguística ainda vigente, com as diversas línguas solicitando o seu lugar ao sol. Com efeito, ligam-se ao analfabetismo as manifestações de debilidade cultural: falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas. (CANDIDO, 1989, p.143).

Embora o teórico discorra sobre os problemas enfrentados pelos países de cultura pré-colombiana, eles podem ser relacionados aos países africanos, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, pois suas produções literárias desde o início tiveram dificuldades, uma vez que sofreram com a colonização portuguesa, impossibilitando o desenvolvimento de condições sociais para a literatura. Tais condições variavam bastante de colônia para colônia, por exemplo, em Cabo Verde o surgimento da revista *Clareza* (1936) deu novos rumos às produções no arquipélago. No caso de Angola passaremos a verificar como se iniciaram as manifestações literárias.

Com a criação da imprensa angolana, ainda no período colonial, a escrita jornalística ganha notável crescimento. Periódicos como *A Aurora* (1856), *A Civilização da África Portuguesa* (1866), *O Eco de Angola* (1881), *O Futuro de Angola* (1882), dentre outros, impulsionaram a literatura nascente, assim como o surgimento dos jornais “os quais contaram com a participação de europeus e de africanos”, (SANTILLI, 1995, p.10). Neste período, já existia forte ligação entre literatura e jornalismo em Angola:

Um olhar sobre textos publicados no grande número de jornais que animavam o ambiente urbano de Angola nas últimas décadas do século XIX revela a profunda ligação entre jornalismo e literatura, fato que também se verifica em outras colônias portuguesas no continente africano. Mesmo os jornais oficiais sempre dedicaram espaço às colaborações literárias, inclusive àqueles textos que estavam em sintonia com os textos informativos, manifestando um certo descontentamento pela situação da terra, apontando a necessidade de maneiras de intervenção para mudar o seu panorama sócio-econômico-cultural. (CHAVES, 2007, p.36).

O percurso da ficção angolana está ligado inicialmente aos jornais, só depois alcança a sua autonomia: “Iniciada nos domínios da atividade jornalística, a palavra literária foi aos poucos ganhando sua autonomia, através da conquista de espaços próprios, onde se podiam intensificar os exercícios da função poética que a literatura exige.” (CHAVES, 1999, p.42). Assim não se choca com os jornais, como coloca Tania Macêdo e Rita Chaves: [...] “pode-se afirmar que a literatura angolana que reivindica a sua especificidade nacional ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de autonomia da colônia, não se choca, antes acompanha, o texto jornalístico e, de certa maneira, “nasce” com ele.” (CHAVES, 2007, p.36).

Um novo passo é dado ao fortalecimento das literaturas africanas com o surgimento da *Antologia dos novos poetas de Angola* (1950), impulsionada pelo “*Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola*” e com o movimento “*Vamos Descobrir Angola*”, no qual jovens que estudavam em Portugal decidem “redescobrir” seu país, sua terra, sua cultura: “Uma das formas de “redescobrir” o país era uma revisitação de suas lendas, provérbios e adivinhas, de forma a incorporar na escrita em língua ocidental a fala de várias comunidades.” (CHAVES, 2007, p.27, grifos da autora). Logo depois aparece a revista *Mensagem* (1951-1952), na qual colaboraram escritores importantes da literatura angolana, tais como Agostinho Neto (este que depois foi o primeiro presidente de Angola), Oscar Ribas, Viriato da Cruz, e outros que foram surgindo e enriquecendo o cenário literário de Angola. Assim, pode-se afirmar que os africanos estavam fortemente vinculados aos periódicos. Recorremos mais uma vez as palavras das duas autoras mencionadas acima:

Nosso interesse reside no fato de que as manifestações literárias dos países africanos estão extremamente vinculadas à imprensa, na medida em que os periódicos foram os primeiros veículos em que os textos produzidos pelos africanos ou europeus identificados com terra seriam estampados. Mais tarde, será a partir da imprensa que a nascente literatura dos países será conhecida de um círculo amplo de leitores, propiciando que os sistemas literários se consolidem. (CHAVES, 2007, p.38-39).

Outra forma dessas literaturas se fortalecerem foi através das antologias que tiveram registros públicos e não foram esquecidas:

Gerados no espaço ou no tempo da África colonial, quase sempre viveram sua primeira infância como os filhos proibidos: às escondidas, na marginalidade. O grosso deles inscreveu seu “gênesis” entre memórias do cárcere, do exílio, das guerras coloniais. Os primeiros passos foram dificultados. Pouco alcançaram. Até os anos 60, uma ou outra edição quando houve, sem os alardes e o alcance de praxe. Não fossem as antologias e muita escrita estaria sem registro público, ou no abandono e esquecimento até 1975, o ano primeiro de Angola, Cabo Verde e Moçambique, entre os outros povos libertados. (SANTILLI, 1995, p.5).

Em Angola, o longo processo de colonização trouxe também a escrita por meio dos portugueses, e essa experiência junto com a guerra será a forma encontrada pelos angolanos de expressar e fazer uma ruptura ao transformar em palavras as suas formas de sentir e de pensar:

[...] Trazida com os tiros, a escrita corresponde a uma espécie de ruptura que será convertida em nova forma de sentir e dizer. Transformando-se em maneira de presentificar experiências e organizar o real, a palavra vai sendo trabalhada no sentido de preencher o vazio entre o homem e o mundo, agora redimensionado, nessa nova etapa do chamando processo civilizatório. Violenta e irreversível, a quebra se deu; mais tarde, caberia à literatura ali produzida a tarefa de rejuntar pedaços para a composição de uma outra ordem. (CHAVES, 1999, p.20).

Com a literatura que foi se firmando em Angola, aparece em várias obras referências ao período colonial. Nesse ambiente cheio de diferenças, a literatura se faz uma via através da qual os autores buscam uma unidade para a construção da identidade nacional, e uma das maneiras de conhecermos essas leituras é através dos romances produzidos:

A leitura de romances produzidos em Angola permite-nos acompanhar os desdobramentos dessa travessia assumida pela palavra, no interior de um universo em que as diferenças emergem e têm na contradição a sua chave. Num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício será um caminho para a construção da identidade de uma nação que mal começava a ser imaginada. (CHAVES, 1999, p. 20-21).

A busca pelo reconhecimento da identidade nacional fez destacar os fatores de cada lugar, principalmente pela cultura de cada país que prevalece, o que veio a ocasionar através dos centros urbanos uma abertura cultural para a África moderna:

Nos países africanos lusófonos, em razão da independência recente, esse processo da identidade nacional tem sido evidenciado. A dominância crioula desse processo faz prevalecer fatores de ordem social como hegemônicos, na caracterização nacional de cada país, tendo como centros impulsionadores as cidades. É sob influxo citadino que se afirma uma grande abertura cultural na África moderna. (ABADALA JUNIOR, 2007, p. 67-68).

Os autores ajudam a pensar sobre as questões identitárias de seu povo, através da memória buscam descrever um passado não tão distante para mesclar com o presente, assim as narrativas recuperam o: [...] “Espaço de reinterpretação da terra, onde se entrecruzam passado e presente, a narrativa se abre para abordar a totalidade da vida reclamada pelo homem em sua historicidade.” (CHAVES, 1999, p.22). É um apego ao passado para se

apostar num futuro melhor feito por meio da literatura, para buscar conhecer melhor o país que sofreu anos de colonização. O texto precursor da escrita em Angola é a novela *Nga Muturi*², de Alfredo Troni, mas segundo Rita Chaves o grande marco no terreno da ficção foi *O segredo da morta (romance de costumes angolenses)*, de Antônio de Assis Jr.:

[...] No terreno da ficção, o grande marco se dá em 1934, quando Antônio de Assis Jr. consegue publicar *O segredo da morta (romance de costumes angolenses)*, escrito 20 anos antes. Apesar de todo o empenho da geração do final do século XIX, é nesse texto que se pode verificar a presença de uma atmosfera de fato angolana que, mesmo insuficiente para que se exorcizem os valores portugueses, permite que a obra seja vista como o ponto inaugural da trajetória do *romance* em Angola. (CHAVES, 1999, p. 42- 43, grifo da autora).

Na ficção angolana mais recente, aparece um escritor que vem ganhando destaque com suas produções literárias, trata-se de José Eduardo Agualusa, que procura retratar em alguns livros as condições de seu país, voltando sempre os olhos para o passado de seu povo. Através do gênero romanesco produz obras em que retrata a sociedade angolana. Dentre suas obras, cabe citar algumas, *A Conjura* (1989), *Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula* (1997), *O Vendedor de Passados* (2004), *Barroco Tropical* (2009). Após essa breve introdução do contexto angolano, passaremos ao romance que utilizaremos para a comparação.

2.1 – *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*

Este romance retoma a personagem criada por Eça de Queiroz e seus companheiros Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, a novidade trazida pelo autor angolano é a viagem de Carlos Fradique Mendes à Angola, especificamente na cidade de Luanda. Outras localidades também são percorridas pelo viajante português como, por exemplo, Benguela (Angola), Paris, Lisboa, Olinda e Rio de Janeiro (Brasil), mas o que prevalece é a passagem da personagem por Luanda. Passados quase cem anos da publicação da obra do autor português, José Eduardo Agualusa opta por mostrar nesse romance epistolar mais uma faceta de Carlos Fradique Mendes e seu envolvimento com o cenário angolano da escravidão.

² [...] *Nga Muturi* (Senhora viúva). Publicada em folhetins na imprensa de Lisboa em 1882, só reaparece em 1973, ou seja, quase um século depois, edição que veio, então, possibilitar o acesso do grande público leitor de hoje. A noveleta de Troni faz a estória de uma menina, negra fula, que, de escrava (buxila) e concubina de comerciante branco, passa à condição *Nga Muturi*, com a morte deste. [...] *Nga Muturi* tem sido considerada precursora pela sensibilidade voltada já para os dados do mundo africano “nessa época recuada”. (SANTILLI, 1995, p.10-11).

Mais uma vez é importante ressaltar que a produção literária de José Eduardo Agualusa é recente e moderna, nota-se em suas obras uma forte ligação com seu país: “[...] Agualusa têm na relação literatura / história um veio bastante forte da sua ficção”. (MACÊDO, 2008, p.203). Ainda, segundo a autora, destacam-se os romances:

[...] *A conjura* (1989) cujo subtítulo é bastante esclarecedor (Relato dos infaustos acontecimentos que se deram nesta nossa terra de São Paulo da Assunção de Luanda no dia 16 de junho de 1911) e *Nação Crioula* (1998) que, a partir de uma releitura de A correspondência de Fradique Mendes, discute a sociedade luandense dos fins do século XIX. (MACÊDO, 2008, p. 203).

Essa forte relação faz com que misturem em sua prosa, elementos que considera relevantes à sociedade africana, pois no contexto da viagem de Fradique em Angola, narra questões referentes ao final do século XIX, tais como a escravidão, o comércio de escravos, o movimento abolicionista (cabe lembrar que Agualusa escreve a obra voltando ao século XIX, e, por assim dizer, dá continuidade a existência de Fradique). Esse universo narrativo não se detém apenas no continente africano, Fradique transita pela Europa (Portugal e Paris) e pelo Brasil, o que possibilita estabelecermos um diálogo intercultural entre Angola, Brasil e Portugal.

A história central do romance é o amor vivido por Fradique e Ana Olímpia, que foi escrava, depois dona de escravos e com a morte do marido que não lhe deu alforria, retorna à condição de escrava. É esse o período em que a colônia vive e sobrevive baixo a dominação da metrópole Portugal, em que o povo angolano luta por dias melhores, sem fome, pobreza, escravidão, tráfico de escravos, e a personagem se envolve com esses problemas, disposto a ajudar esse povo, mas principalmente sua amada.

As cartas de Fradique Mendes são enviadas a apenas três destinatários, sua madrinha, Ana Olímpia e Eça de Queiroz, que vira personagem. Através dessas correspondências o enredo se constrói, apenas a última carta não é enviada por Fradique, pois este já havia morrido, a angolana é quem a remete ao escritor Eça de Queiroz. Ela envia para contar a história de sua vida e dizer que aceita a publicação das correspondências de Fradique, que de acordo com Ana Olímpia devem ser de conhecimento da humanidade, assim narra:

[...] As suas cartas podem ser lidas como capítulos de um inesgotável romance, ou de vários romances, e, nessa perspectiva, são pertença da humanidade. Aquelas que agora lhe envio, recolhidas entre as muitas que Fradique me escreveu ao longo de vinte anos (e às quais junto outras dirigidas a Madame de Jouarre e que ela recentemente me ofereceu), contam uma história que talvez a si, e aos leitores europeus, pareça um tanto extraordinária. Não é a história da minha vida. É a história da minha vida contada por Fradique Mendes. (AGUALUSA, 1998, p.138).

Além dessas personagens que aparecem na obra do escritor angolano, ele retoma mais uma do romance de Eça de Queiroz, o companheiro fiel de Fradique, o escocês Smith. Este que lia todos os dias para Fradique Mendes as notícias dos jornais, mantendo-o informado sobre o mundo, ele também o acompanha em sua viagem a Luanda.

O narrador-biógrafo de *A Correspondência de Fradique Mendes* quando questiona Carlos perguntando por que ele não escreve sobre sua viagem à África: “- Fradique! Porque não escreve você toda essa viagem à África?” (QUEIROZ, 2008, p. 113). Ao passo que o narrador até tenta convencê-lo e lhe diz que um homem com um modo de ser superior poderia ter muitas coisas para relatar, mas Fradique nega: “- Para quê?... Não vi nada na África que os outros não tivessem já visto.” (QUEIROZ, 2008, p.114).

Essa não revelação sobre o que viu em África, podemos dizer que se torna a lacuna da qual Agualusa faz uso para compor o livro escrito no contexto do século XIX, período da atuação de Fradique na obra queirosiana, como coloca Isabel Pires de Lima:

Procurando ocupar vazios cronológicos deixados na biografia de Fradique Mendes pela criação queirosiana, as cartas de Fradique, imaginadas por Agualusa, começam dando conta, através de uma carta datada de 1868, isto é, de data anterior às que Eça publicou, de uma viagem a Luanda para onde o nosso herói rumara [...]. E o Fradique de Agualusa, não deixando de ser consentâneo com o Fradique de Eça, vai explorar as brechas deixadas por esta personagem porventura a mais difusa, a mais obscura, a mais inconsequente das personagens de Eça de Queirós. Aliás, terá sido exactamente o lado inconcluso que a personagem e a obra têm que atraiu Agualusa. (LIMA, 2000, p.84).

Nação Crioula é escrito no século XX, no entanto, para maior verossimilhança e por poder falar através de Fradique Mendes de assuntos referentes aquele momento de Angola, o enredo desenvolve-se abordando questões presentes naquele período no qual Fradique supostamente esteve em terras africanas. Pode se dizer que o tempo histórico do enunciado é o mesmo nos dois livros, ou seja, o século XIX, no entanto, o período da enunciação é diferente. O escritor angolano produz seu romance voltando os olhos ao passado. O lugar e o tempo estão profundamente marcados na sua narrativa, é à volta ao passado de sua gente, que esteve sobre dominação portuguesa, e torna-se significativo para o contexto ao mostrar o olhar de um viajante português para uma das colônias de Portugal. Todo o cenário descrito no romance é rico em detalhes da sociedade angolana, e principalmente, como as pessoas e suas relações se estruturavam tendo de conviver com a dominação e o poder de donos de escravos ainda presentes. Configura-se então a busca da memória, da identidade do povo angolano

frente a um passado não tão distante, uma vez que os países africanos de língua portuguesa conseguiram sua independência tardiamente, Guiné-Bissau a partir de 1974 e os demais em 1975.

2.2- O Fradique de Agualusa: características

A personagem mantém seu lado aventureiro na obra angolana impulsionada pelas mesmas motivações do Fradique de Eça, ou seja, seu gosto por viajar e se envolver com a cidade na qual se encontrava e expor sua opinião como o dândi queirosiano. Cabe lembrar que o romancista Eça de Queiroz ao colocar na personagem Fradique Mendes ares do típico dândi, deixa transparecer o fascínio que exerceu em si mesmo essa tendência, além disso, o dandismo³ teve forte presença nas artes: [...] “o dandismo como fenómeno histórico-social que influiu decisivamente nas atividades artísticas e literárias do século XIX.” (MATOS, 1988, p. 252). Ainda segundo Matos, esse gosto pelo dandismo será mais notado em suas últimas obras: “Embora Eça não logre desprender-se completamente da existência dandística que sempre exercera nele grande fascínio, os seus últimos escritos revelam a perfeita consciência das duas alternativas que restam ao dândi no fim do século: a morte ou a conversão.” (Idem, p.153).

Para Carlos Fradique Mendes restou a morte, uma vez que se recusa a vestir a casaca russa que pertencia a um general, quando saía de uma festa e percebeu que por engano alguém

³ Derivado do termo inglês "dandy", trata-se de um fenómeno cujos contornos sócio-políticos se começam a delinear na viragem do séc. XVIII para o séc. XIX. Com efeito, é no período da Regência inglesa (1800-1830), que a afectação no traje masculino se torna sinónimo de uma postura ideológica pró-aristocrática e da concomitante rejeição dos códigos de conduta e dos valores burgueses. Enquanto que estes enfatizam a igualdade, a responsabilidade e a perseverança, o *dandy* opõe-lhes um sentimento de superioridade elitista, cultivando a irresponsabilidade no decurso de um dia-a-dia votado ao ócio. [...] Brummel é a primeira figura a encarnar uma tal postura, nos finais do séc. XVIII. [...] A instabilidade entretanto trazida pela Regência favorece a expansão deste fenómeno e o aparecimento de outras figuras carismáticas como Lord Byron, Edward Bulwer e Disraeli. Favorece também um intercâmbio de influências com a França, o país mais permeável, nessa época, à voga da "anglomania" e do dandismo. As réplicas francesas sucedem-se, num consciente e deliberado esforço de imitação, exemplarmente conseguida nalguns casos, de entre os quais se destacam Alfred D'Orsay e Barbey D'Aurevilly. [...] Charles Baudelaire é a figura responsável por esta nova configuração do dandismo que, daí em diante, se apoia e se reforça na doutrina da Arte pela Arte e no Esteticismo. [...] o dandismo abre caminho às posturas decadentistas do "fin-de-siècle", paradigmaticamente representadas por J. K. Huysmans em França e por Oscar Wilde em Inglaterra. (CEIA, s/d, s/p, grifo do autor. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=703&Itemid=2. Acesso em: 18 de setembro de 2014).

tinha levado a sua vestimenta. Fradique não quis se “envolver” com essa sociedade e saiu sem se agasalhar: [...] “Fradique, que sofria de repugnâncias intolerantes, não se quis cobrir com o agasalho daquele oficial rabugento e catarroso, e atravessou a Praça da Concórdia a pé, de casaca, até o clube da Rue Royale”. (QUEIROZ, 2008, p. 106). Uma das ideias do dândi era ir contra o burguês, um protesto contra a sociedade de sua época e uma maneira de afirmar sua superioridade aristocrática, além de reforçar suas potencialidades de homem superior, como um “deus”, segundo Ana Nascimento Piedade, Fradique é um ser individualista que quer aproveitar a vida sem limites, quer viver sua liberdade, assim o modelo existencial de Fradique:

[...] pode ainda, traduzir, para além do evidente protesto antiburguês do dândi contra a mediocridade da sociedade moderna, e de uma concomitante afirmação da superioridade aristocrática do (seu) espírito [...] uma espécie de *divinização do ser-Homem* e das suas potencialidades. (PIEADADE, 2003, p.266, grifos da autora).

A característica do culto ao belo está intimamente ligada à figura do dândi, Fradique Mendes é descrito pelo narrador como um homem muito bonito. Esta tendência do dandismo surgiu na Inglaterra, assim comenta a estudiosa Isabel Pires de Lima:

[...] é no segundo decénio do século passado que, em Inglaterra, surge a moda dândi com o seu programa liminar do culto do belo até mais pequeno e gratuito detalhe do próprio vestuário. Condições sociais específicas, decorrentes das grandes transformações trazidas pela industrialização e pelo desenvolvimento da sociedade liberal, propiciam uma profunda alteração das mentalidades e geram, a par da proclamação altissonante dos novos valores burgueses da economia, do trabalho e do igualitarismo, uma reação elitista e elegante de fascínio por certos valores tradicionais ligados à aristocracia e de óbvio repúdio por aqueles vulgares valores burgueses. O dândi integra, evidentemente, este movimento de repúdio e o dandismo parece ser, neste contexto, uma estratégia de vida fruto de uma sociedade que se aborrece na uniformização própria da democracia e da produção em cadeia: o dândi recusa o anonimato, antes de mais, através de uma busca de excentricidade na elegância e do culto da arte de surpreender. (LIMA, 1991, p. 101).

Embora Fradique Mendes no que se refere aos seus escritos e as doações feitas para os necessitados, prefira manter-se no anonimato, ele possui as características do dândi, pois: [...] “Ele é bem o filho rebelde, rebelde na passividade, como é sempre o dândi, de uma sociedade aborrecida, construída sobre certezas inabaláveis, que esgotou a capacidade de surpreender.” (LIMA, 1991, p.101-102). A personagem acaba por “vivenciar” as transformações conturbadas de um fim de século que:

[...] o fim-de-século foi um tempo de transição e de hibridismo algo tumultuoso e até caótico, ao nível das concepções filosófica, social e estética, que, por isso mesmo, gerou um ambiente de instabilidade e de desconfiança generalizadas. Portugal

absorvia de forma *sui generis* a turbulência intelectual e social europeia. (PIEDADE, 2003, p. 266).

Esse ambiente vai aparecer em alguns momentos de *A Correspondência de Fradique Mendes*, em que a personagem, diante das mudanças vistas em Paris, quando está em Portugal lamenta não estar no velho país de Dom João V, e Ramalho Ortigão critica como um egoísmo de Fradique. É esse sujeito que, embora pareça ser individualista e superior, não encontrará dificuldades em nacionalizar-se em terras diferentes e envolver-se com suas gentes: [...] “Viajando por todos os continentes e experienciando, sucessivamente, as mais variadas religiões, culturas, costumes, modas e civilizações, Fradique opta pela *diversidade* e pelo *pluralismo*”. (PIEDADE, 2003, p.289, grifos da autora).

Nesse âmbito de viajar e conhecer distintas culturas, conhecemos mais uma proposta de leitura de Carlos Fradique Mendes, personagem que agora em *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* irá desvendar os mistérios de Angola e revelar ao leitor detalhes de seu envolvimento com esta terra e mostrar como a aproximação com o outro pode contribuir para o crescimento do ser humano através de seus questionamentos.

Na primeira carta de Fradique a Madame de Jouarre percebemos a visão deste ao chegar a uma das colônias de Portugal e se deparar com modos de viver distintos do seu:

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África. (AGUALUSA, 1998, p. 11).

Agualusa coloca nessa personagem uma visão, digamos, preconceituosa em relação aos países africanos, um senso comum que não carrega uma visão positiva, tanto dos portugueses que durante muitos anos dependeram dos africanos, como de muitos brasileiros ou de qualquer outra nacionalidade que pouco conhecem sobre o continente africano ou se já possuem algum conhecimento sempre é através da mídia que focaliza sempre a fome, as doenças, a falta de saneamento, etc.

Fradique que possui como característica a ironia não poderia fazer uma descrição sem ter um fundo de crítica. Continua a narração até chegar ao ponto alto de sua ironia e dizer a seu criado “Bem vindo a Portugal!”, cabe transcrever o trecho que mostra ainda certo “arrependimento” de ter levado o criado escocês:

Olhando a cidade que se erguia fatigada à minha frente pensei que não devia ter trazido o Smith. Vi-o desembarcar, tentando manter o aprumo de Escocês antigo enquanto cavalgava os dois negros, a perna direita no ombro esquerdo de um deles, a perna esquerda no ombro direito do outro. Chegou junto a mim lívido, descomposto, pediu perdão e vomitou. Disse-lhe: “Bem Vindo a Portugal!”. (idem).

Aos poucos a estranheza do país desaparece e Fradique passa a envolver-se com os problemas da sociedade. É outro mundo que vai descobrindo na medida em que conhece seu povo, seus costumes, suas lutas, além de permear a história com uma reflexão sobre a sociedade, onde em finais do século XIX ainda é presente a escravidão. Nesse contexto, a personagem assim como na obra de Eça de Queiroz, discorre por meio das correspondências não só de Angola como Brasil e Portugal, espaços que se entrelaçam na narrativa possibilitando uma visão ampla de Fradique, tal como o tráfico de escravos. Como vimos, ao chegar a Luanda, outro lado de Portugal, como comenta Fradique, este percebe que há ali outro mundo que vai lhe revelando na medida em que começa a se envolver com sua gente e seus costumes. A partir do momento que conhece Ana Olímpia, dá-se início a aproximação com o país que lhe causou estranhamento ao chegar. É interessante que toda a visão desse turista sobre Luanda é modificada quando a vê e a descreve como a mulher mais bela do mundo, pela qual se apaixona.

Com essa relação, Fradique se envolve com Ana Olímpia e percorre lugares, como o Brasil, o que faz esse questionar e refletir sobre as condições do tráfico entre as nações, África, Brasil e Portugal. Nesse romance o autor insere personagens que existiram historicamente, como Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, que hospeda Fradique e Smith. Ao narrar para Madame de Jouarre sobre o mesmo nos faz conhecer como enriqueceu esse senhor, segundo o protagonista a patente de coronel é mera ostentação:

[...] A patente de coronel que tão orgulhosamente ostenta – coronel comandante das províncias do Bié, Bailundo e Embo (!) - , não tem no entanto significado algum para além do honorífico, já que Arcénio de Carpo não é militar, nunca visitou nenhuma destas províncias, que aliás não prestam vassalagem ao governo português, e em nenhuma delas existe sequer um corpo de soldados. (AGUALUSA, 1998, p. 12).

Conforme a carta se desenvolve, percebemos que essa figura fez fortuna contrabandeando escravos, ao mostrar a sua casa a Fradique este nota que o quintal era grande com habitações onde existiam cadeias de ferro e um pelourinho que o coronel garantiu nunca ter usado. Essa personagem de fato existiu e fez parte do tráfico, ele é a típica figura do contraventor, a sociedade dele desconfiava, pois era um criminoso confesso, [...] “todos esses

temas entremeados de características que bem marcam a sua personalidade de criminoso confesso numa sociedade onde todos mais ou menos participaram de seu crime, o tráfico de escravos.” (OLIVEIRA, 1997, p. 36). Este além do tráfico era escritor de poesias e antigo ator de teatro, até o momento em que é preso:

Aí está o escritor negreiro, antigo actor de teatro, desempenhando mais um papel na sua carreira. Arsénio Pompílio Pompeu do Carpo, na ânsia de se desculpar, culpa toda a gente, incluindo a Igreja. Estava no ponto alto do seu drama, quando, pretendendo ser nomeado Governador-Geral de Angola (o que chegou a requerer), é obrigado a recolher a Lisboa, preso pelo inimigo número um do tráfico negreiro, o Chefe da Estação Naval e Governador-Geral, Pedro Alexandrino da Cunha, sintomaticamente em plena polémica que apresentará aspectos contraditórios, sendo ele o inimigo comum a todos os participantes, que também se revelam ocasionalmente inimigos uns dos outros. (OLIVEIRA, 1997, p. 42).

Agualusa cruza, em sua narrativa, dados históricos com ficção, uma maneira de mostrar por meio da atuação da personagem todo contexto de uma sociedade que convive com a escravidão. O protagonista ao se encontrar na cidade de Luanda conhece de perto essa realidade, principalmente a partir de seu relacionamento com Ana Olímpia. Esta ganha destaque na obra por sentir na pele todo o processo da escravidão. Era filha de um príncipe congolês, mas este ficou aprisionado até a morte pelas tropas portuguesas. Suas três mulheres foram vendidas, e uma que estava grávida foi comprada por Victorino Vaz de Caminha. A filha dessa senhora, Ana Olímpia, será a esposa de Victorino.

A jovem viveu cercada de luxo, além de seu marido incentivar a educação da esposa, ele contratava professores para que Ana Olímpia pudesse conhecer um pouco de tudo. Após a morte de Victorino, tornou-se dona de escravos e herdou todas as propriedades, no entanto, aparece o irmão daquele e reclama pelos direitos e faz da angolana sua escrava ao descobrir que Victorino não lhe tinha dado alforria. Para tentar salvá-la Fradique percorre o Atlântico em um navio negreiro para buscar refugio no Brasil, nesse contexto participa diretamente do movimento abolicionista.

Cabe-nos agora, falar um pouco sobre a relação da personagem com seu interlocutor Eça de Queiroz, nas seis cartas enviadas nota-se que Fradique discute bastante sobre seu envolvimento com as questões abolicionistas. Seus assuntos abordam figuras exóticas, como o padre Nicolau dos Anjos, que descreve a Eça como uma das figuras mais interessantes de Angola: [...] “Creio que na minha anterior correspondência já lhe falei de Nicolau dos Anjos. Este homem é um dos espíritos mais interessantes de Angola e em toda a parte se escuta o nome dele.” (AGUALUSA, 1998, p. 32), assim comenta ao amigo:

Este homem tão grande, temido e venerado – é anão! A cabeça, presa a um minúsculo tronco de criança, parece enorme, muito maior que a de um homem normal. Entretanto emana dele tal autoridade, sobretudo quando fala, que ao seu lado poucas pessoas alcançam maior estatura. Áspero, rude, muitas vezes dogmático, o padre é, apesar disso, excelente conversador. (AGUALUSA, 1998, p. 33).

A próxima carta endereçada a Eça é depois de algum tempo do decorrer da narrativa, no momento em que Fradique já está envolvido com a angolana e foge para o Brasil em um navio negreiro. Nessa correspondência dá a notícia da compra de uma fazenda, Cajaíba, a qual se localiza no Recôncavo Baiano, e que havia se tornado senhor de engenho, ao adquirir não apenas a propriedade e sim tudo que estava nela, até os escravos:

Quer saber o que tem feito este seu admirável amigo nos últimos meses? Pois espante-se: comprei uma fazenda! Vinte mil hectares de boa terra no Recôncavo Baiano, a uns duzentos quilômetros de São Salvador, com todos os seus cento e cinquenta escravos um rico solar, sanzala (ou senzala, como aqui lhe chamam), enfermaria, terreiro ladrilhado, duas máquinas a vapor, uma turbina, uma máquina de fazer fubá e outra de cevar mandioca, caldeiras e prensas, alambiques, tonéis e demais utensilagem para a fabricação de açúcar. (AGUALUSA, 1998, p. 87).

Uma das figuras que a personagem faz questão de destacar para Eça de Queiroz é a de Cornélio, que vivia na fazenda. Conta ser um velho hausa respeitado por todos e que participou da revolta de 1835. O escravo contou a Fradique que se os revoltosos ganhassem iriam vingar-se dos brancos, mestiços e crioulos: [...] “Os brancos seriam degolados e os mestiços e crioulos escravizados e levados para a África.” (AGUALUSA, 1998, p. 89). É interessante que ao relatar isso a seu amigo, Fradique entra nas questões dos escravos, mostra assim de quais regiões eles chegavam a Pernambuco:

Depois de 1835 nunca mais os hausa foram vendidos no Brasil e isso talvez explique, pelo menos em parte, o fim das revoltas. Os escravos que nestes últimos anos têm chegado a Pernambuco e a São Salvador, quase todos naturais de Angola, Congo, Gabão e Moçambique, são na sua maioria camponeses pouco instruídos nas artes da guerra, e sem vontade alguma de a fazer. Os angolenses, tidos por trabalhadores, vendem-se por bom dinheiro. Já com os negros de Moçambique acontece o contrário, pois que por aqui os consideram, e sirvo-me das palavras de Alexandre, “uma pobre e feia raça de seres lânguidos, preguiçosos e propensos à melancolia”, sendo o seu preço inferior aos de qualquer outra nação.” (AGUALUSA, 1998, p. 89).

Com esses detalhes pode se pensar que Fradique preenche com informações do Brasil do século XIX e mostra como este dependia da escravidão para sobreviver, relacionada com a fala de Arcénio que disse a Fradique, [...] “Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso.” (p.13). E nessa conclusão o protagonista também chega: [...] “Enfim, do norte ao sul, ou, como aqui se diz, do Oiapoque ao Chuí, os negros carregam o Brasil. Nas cidades

nada se move sem eles, nada se faz ou constrói, e nos campos coisa alguma se cultiva sem a sua força.” (AGUALUSA, 1998, p.90). A personagem, embora tenha de passar por situações constrangedoras ao precisar fugir em um navio negreiro, quando se instala em terras brasileiras e compra uma fazenda, conhece de perto a vida dos escravos, mesmo dando-lhes liberdade, alguns continuaram trabalhando. No entanto, o que não muda é sua posição confortável, pois adquire uma propriedade, mas continua suas viagens por Paris.

Fradique chega a comentar também que se divertiu muito com o fato dos jornais portugueses e franceses terem noticiado sua morte, foi o que todos pensaram quando ele, Ana Olímpia e Arcênio de Carpo (filho), fugiram para o Brasil: “A propósito de morte e ressurreição pode imaginar como me diverti ao saber que também os jornais portugueses e franceses noticiaram o meu trágico falecimento.” (AGUALUSA, 1998, p.93). Continua os detalhes da escravidão na carta seguinte, conta que houve em sua fazenda uma grande festa porque decidiu conceder carta de alforria a todos os escravos, motivo que serviu para se fazer uma festa em comemoração à manifestação emancipatória, a maioria optou por permanecer trabalhando para Fradique, menos Cornélio que estava decidido a voltar para sua terra. Com a grande festa muitas pessoas que apoiavam o fim da escravatura compareceram na propriedade, como o jornalista José do Patrocínio⁴ que segundo Fradique diziam ser “o terror dos grandes Senhores de Engenho”. Também conheceu o advogado Luís Gama⁵, mais uma figura importante do movimento abolicionista, conhecido por se envolver para ajudar os cidadãos ilegalmente escravizados.

⁴ José do Patrocínio “nasceu em Campos (Estado do Rio de Janeiro) a 8 de outubro de 1854 e morreu no Rio a 29 de janeiro de 1905. Era mestiço, filho de uma escrava liberta e do cônego João Carlos Monteiro. Muito jovem, foi mandado para o Rio de Janeiro, onde estudou Humanidades e tirou o curso de farmacêutico. [...] Passou quase toda a sua vida em árdua atividade literária, principalmente como romancista e jornalista, tendo sido também notável orador na campanha em prol da abolição da escravatura, onde ocupou sempre lugar de destaque, entre as figuras de Joaquim Nabuco, Joaquim Serra, Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa. [...] Os seus romances mais conhecidos são: *Mota Coqueiro* ou *A Pena de Morte*, publicado em folhetins na *Gazeta de Notícias* em 1877 e em livro em 1890; *Os Retirantes* (1879); e *Pedro Espanhol* (1884). José do Patrocínio foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.” (BRINCHES, 1965, p. 394-395).

⁵ Luiz Gama (1830 – 1882) “foi um personagem tão extraordinário quanto complexo, a começar por suas qualificações: abolicionista, republicano, poeta, advogado, jornalista e maçom. Pertenceu a uma geração que preparou a derrocada do Segundo Império no Brasil, no século XIX. Com a pena e a oratória, embrenhou-se na luta contra os conflitos da época, tais como as relações entre Igreja e Estado, Monarquia e República, raça e nação. Tomava o partido das causas libertárias e havia um sentido pessoal nessa escolha: Gama foi escravo, que tinha sido vendido por seu pai quando criança. Quase adulto, conseguiu conquistar a liberdade. Autodidata, extraiu de sua dramática e épica história de vida força e obstinação para libertar mais de 500 escravos”. (NUNOMURA, 2014, p. 72).

Alguns dias depois, conta que seu amigo, Alexandre Gomes, lhe convenceu a comprar a fazenda. Junto com o Barão Frutuoso Vicente vão, com o intuito de alertá-lo da figura perigosa de José do Patrocínio como sendo um bandido, claro que isto não agradou Fradique que lhes contestou, assinando como ele disse “uma declaração de guerra”. Ainda ao dialogar sobre a escravidão, Fradique envia outra carta para agradecer os livros e jornais enviados por Eça e também para lhe contar que se ligou a uma sociedade secreta antiescravista, chamada Sociedade do Cupim, e que tenciona partir para Lisboa, depois Paris e Londres para recolher apoios à causa abolicionista. Mostra na correspondência como está perigoso o seu envolvimento com essa questão, pois um homem tentou matá-lo quando fazia a travessia entre Niterói e o Rio de Janeiro, discorre sobre a história para José do Patrocínio que lhe arruma dois homens para vigiá-lo, Cobrinha Verde e João Sossego, pois poderiam tentar tirar-lhe a vida novamente. Fradique não gostou muito dos dois seguindo-o, mas teve de aceitar.

As histórias contadas por Fradique para Eça de Queiroz sobre sua passagem por Luanda, fazem o escritor acreditar que aquele faz literatura, pelo menos é assim que nos faz pensar. O que notamos também através da escrita do protagonista é a frequência das correspondências:

Na sua última carta, a dado passo, V. duvida que sejam autênticas as personagens de que lhe venho falando, e deduz assim que eu estou já “fazendo literatura”. Mas realmente acha-me capaz – acha que alguém seria capaz – de criar, por exemplo, a figura de um padre negro, anão, milagreiro e nefelibata?! Só a Realidade, na sua vertiginosa e incedível insensatez, se atreve a sonhar tais prodígios. (AGUALUSA, 1998, p. 121-122).

Fradique insiste que não deseja fazer literatura, pelo contrário, pretende dizer o que de mais interessante aconteceu em sua vida, ou seja, a vida das outras pessoas. Dialoga com Eça sabendo que ele como representante da coroa não pode se envolver nesses assuntos abolicionistas, mas pede para de certa maneira manter seus superiores informados sobre tudo que está acontecendo, como das palestras abolicionistas, na qual em uma delas a própria Ana Olímpia discursou, em Paris, sobre tudo que passou. Eça como grande crítico da sociedade através de sua literatura seria a pessoa perfeita para revelar ao mundo as atrocidades do tráfico negreiro e Fradique sabe disso:

[...] Peço-lhe outra coisa: mantenha os seus superiores informados sobre esta, sobre todas as palestras abolicionistas. Envie dia após dias relatórios alarmistas, mostrando como a questão da escravatura domina a opinião pública no Reino Unido. Diga-lhes que é urgente tomar medidas efectivas para acabar com o que resta do tráfico negreiro. Insinue que a armada britânica estuda um bloqueio total ao Brasil. Diga-lhes que se fala num boicote ao Vinho do Porto. Enfim, aborreça-os, aterrorize-os! (AGUALUSA, 1998, p.122).

Na última carta endereçada ao escritor português, Fradique se nega a escrever um artigo sobre “A Situação Actual de Portugal em África” para a *Revista de Portugal*, e ao longo da correspondência o protagonista tenta explicar seus motivos, alegando “que seu silêncio é patriótico”, que a situação da colonização o faz pensar em “Portugal montado em África. Montado, não, depositado.” (p.132). Sua opinião é bem crítica a todo esse sistema:

[...] A nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parece ter outro fim que não seja o saque dos africanos. Depositados em África os infelizes colonos portugueses tentam em primeiro lugar manter-se na sela, isto é, vivos e roubando, pouco lhes importando o destino que o continente leva. E Portugal, tendo-os depositado, nunca mais se lembra deles. Uns tantos, assim esquecidos, depressa perdem a memória da pátria e em pouco tempo se cafrealizam. (AGUALUSA, 1998, p. 132).

Os nossos políticos gostam de dizer que estamos em África para civilizar os selvagens e propagar a mensagem de Cristo – tretas! Foi o impulso biológico da propagação da raça que empurrou as caravelas portuguesas. Estamos em África, na América e no Oriente pelo mesmo motivo por que os fungos se alastram e os coelhos copulam – porque no íntimo sabemos (o nosso sangue sabe-o) que colonizar é sobreviver! (idem, p.133).

Esses são alguns dos motivos dos quais Fradique argumenta para não escrever o artigo, pois sabe que sua opinião não agradaria os políticos de Portugal e o país sem essa exploração não conseguiria sobreviver. Essa relação entre o protagonista e seu interlocutor Eça de Queiroz é de grande importância para a composição do romance de Agualusa. Por meio das cartas notamos que estas se fazem relevantes, uma vez que por meio delas tomamos conhecimento maior do envolvimento de Fradique com a questão do tráfico negreiro e se tornam componentes essenciais na construção da narrativa do angolano. Seu olhar detecta todos os movimentos da sociedade, inclusive no que refere-se a distinta alimentação dos angolanos, por ele observada.

No decorrer da narrativa a visão de Fradique sobre a culinária de Luanda aparece em alguns momentos, como também o olhar que este tem da sociedade angolana e do Brasil quando se encontra “exilado”. O português, em carta a Madame de Jouarre, relata que como hóspede de Arcénio de Carpo só passeia e engorda, mas seu fiel companheiro Smith apenas engorda, pois segundo o protagonista ele se converte a culinária angolana: [...] Smith, esse, apenas engorda. Surpreendentemente, ou talvez não, converteu-se à calorosa culinária angolense e por mais de uma vez o encontrei entre a criadagem, comendo alegremente o funge e o feijão. (AGUALUSA, 1998, p. 15). O ambiente europeu é deixando para trás e

Fradique confessa não saber nem das intrigas da corte, nesse momento seu centro de comunicação é outro, assim só sabe da venda de ratos assados nos mercados de Luanda:

[...] Ignoro, é verdade, o preço exacto do ouro na bolsa de Londres, desconheço o destino de Livingstone e nem sequer consigo acompanhar as intrigas da corte. Em contrapartida sei que os ratos assados continuam a vender-se muito bem nos mercados de Luanda, a quinze réis a dúzia, enfiados pela barriga em espetos de pau, e que tem havido distúrbios no Sumbe e no Congo. (AGUALUSA, 1998, p. 15).

Assim como o Fradique criado por Eça de Queiroz, este também se deixa envolver com o local em que se encontra, percebe a diferença de alimentação de Paris ou Portugal e resolve descrever, em seu percurso por Luanda, sobre a culinária. Por exemplo, durante uma caçada aos jacarés quando regressam para a ceia faz questão de descrever o que comeram: “À ceia assaram-se cascudos, género de peixe de água doce, muito saboroso, que abunda em toda esta parte de África, e bebeu-se vinho português, quissanga e quimbombo, com os caçadores reunidos em grupos à volta das fogueiras.” (AGUALUSA, 1998, p.59). Nessa mesma carta enviada a sua madrinha, Fradique conta que após a volta à caçada aos jacarés na qual decorreu a morte de Arcénio de Carpo, passado alguns dias Arcénio de Carpo (filho), conseguiu libertar Ana Olímpia e na fuga, antes de chegarem ao navio negreiro que os levaria ao Brasil, param no meio do caminho para almoçar: “Almoçamos ali mesmo, cinco latas de sardinhas de Nantes, um pouco de peixe seco, assado na brasa, funge de farinha de bombó, pão e aguardente.” (AGUALUSA, 1998, p.63).

Na carta seguinte para Madame de Jouarre, relata que já saiu de Novo Redondo - e escreve de Olinda - conta que na última noite em Novo Redondo, Horácio Benvindo, que os hospedava, promoveu uma festa em homenagem a eles a qual Fradique chamou de “espetáculo bizarro”. A festa fora farta de comida e bebida: “Horácio Benvindo mandara colocar uma grande mesa do largo da Igreja, com travessas de carne assada (pacassa, porco do mato e aves diversas), três barris de bom vinho da Madeira e outros tantos de aguardente de cana.” (AGUALUSA, 1998, p.68). Fradique conta que Lívia, a filha de Horácio, apareceu com uma travessa de gafanhotos assados, que ele provou e disse serem bons. Em seguida relata a madrinha um episódio que o comandante lhe contou sobre gafanhotos:

Lívia apareceu de repente com uma travessa cheia de gafanhotos assados. “Provem”, disse virando-se para mim e para o comandante: “são ótimos”. Eram realmente muito bons, com um ligeiro travo de avelã, a consistência de pequenos camarões. O comandante contou que em certa ocasião, após uma grande tempestade, ficou uma semana à deriva em pleno equador, naquela região desolada e quente a que os marinheiros chamam esparrela, com um mar de azeite, completamente morto, e sem uma brisa que enfunasse as velas. Tinham perdido todas as provisões e já os marinheiros falavam em matar alguns escravos para os comer, quando viram de

repente o céu tornar-se escuro e uma imensa nuvem de gafanhotos caiu sobre as águas. “Nas três semanas que se seguiram comemos apenas gafanhotos, assados, cozidos, fritos e salteados, e não só não perdemos um único escravo como eles chegaram gordos e luzidios e foram todos vendidos por bom preço.” (AGUALUSA, 1998, p. 69-70).

Para o protagonista parece não existir problema em experimentar iguarias diferentes, pode ser pelo fato de ter curiosidade, por não querer fazer desfeita ou simplesmente para poder relatar ao outro, como faz para sua madrinha. É interessante que após Fradique contar sobre os gafanhotos servirem de alimentos para os marinheiros, ele como se escutasse ou imaginasse a reação de sua madrinha ao ler a carta descreve no parágrafo seguinte à apreciação de algumas culturas em relação à culinária e as infusões feitas com percevejos, como Roma, Grécia, Lisboa de maneira a explicar que a culinária angolana não é tão exótica:

Repugna-lhe a culinária angolana? Pois lembre-se que entre a aristocracia romana os gafanhotos, preciosamente assados em mel, eram muitíssimo apreciados. Os Romanos, de resto, praticavam a entomofagia com particular entusiasmo. Nas mesas dos ricos não faltavam, por exemplo, as larvas de escaravelho temperadas em vinho e depois grelhadas. Já na Grécia antiga as infusões de percevejos eram utilizadas para combater as febres mais resistentes, e ainda hoje, em alguns países da Europa Central, se recorre em idêntico propósito a um chá confeccionado a partir da vulgar barata doméstica. No meu país, na minha Lisboa, comem-se pelas tascas pequenos caracóis, cozidos em água, sal e óregãos, sendo este petisco muito apreciado pelas classes populares. (AGUALUSA, 1998, p.70).

Como vimos, a personagem é capaz de discorrer sobre diversos temas, a culinária angolana parece estranha aos olhos de Fradique, no entanto, ele não deixa de apreciá-la, experimenta para poder descrever a sua madrinha sem preconceito, reforça que é distinta, assim como em outros países. Sua visão traz sempre marcada a sua própria opinião, como as coisas que vê e conhece ou que são relatadas por Smith. Este, segundo Fradique, lhe contava as novidades enquanto ensaboava o rosto para lhe barbear, isso se refere inclusive aos dramas domésticos, aos quais o protagonista chega a dizer que: [...] “A acreditar no que tenho ouvido não existe nesta cidade um único homem honesto, esposa fiel, donzela recatada.” (AGUALUSA, 1998, p. 15-16). Esse relato é enviado para sua madrinha, e ainda acrescenta sua visão sobre os colonos que divide em “criminosos a cumprir pena de degredo” e “degredados que, cumprida a pena, preferiram sabiamente manter-se por cá”. (idem, p.16). Quanto ao trabalho, com o tempo que fica em Luanda e observa a vida das pessoas é capaz de opinar que apenas os escravos exercem alguma atividade, pois o trabalho para os luandenses representa uma atividade inferior, assim comenta:

Trabalhar ninguém trabalha em Luanda a não ser os escravos; e fora da cidade trabalham os, assim chamados, “pretos boçais”. Trabalhar representa portanto para o

Luandense uma atividade inferior, insalubre, praticada por selvagens e cativos. “Fulano vem de uma família trabalhadora”, ouve-se dizer às vezes em voz baixa, venenosa, à mesa sombria de um café. É uma insinuação cruel, capaz de destruir reputações, pois sugere que o visado só há pouco tempo comprou o primeiro par de sapatos e que provavelmente descende de escravos. (AGUALUSA, 1998, p.16).

Ao corresponder-se com Madame de Jouarre, Fradique descreve e mostra sua visão acerca daquilo que está a ver e a fazer em Luanda, o ato de escrever proporciona o registro daquilo que lhe marcou, para que não seja esquecido e para que outros conheçam suas histórias. Ao ser convidado para um baile durante sua estadia, conta a ela o ambiente desta festa, as pessoas que ali se encontravam, como comerciantes, homens de negócios, entre outros. É interessante que nesse relato o protagonista menciona diversos tipos da sociedade com a qual se deparou, no entanto ali só se encontrava, uma vez que o baile era do governador, pessoas com alguma importância na sociedade:

Domingo foi convidado para o Baile do Governador, acontecimento de grande brilho, ruído e ostentação, ao qual comparece habitualmente *toute Luanda* – ou seja, quem quer que nesta cidade, tendo algum capital, saiba ler e escrever. Nos salões do palácio misturam-se comerciantes honestos e criminosos a cumprir pena de degredo, filhos-do-país e louros aventureiros europeus, escravocratas e abolicionistas, monárquicos e republicanos, padres e maçons. Alguns dos mais prósperos homens de negócios de São Paulo de Luanda iniciaram fortuna pedindo emprestadas umas poucas de macutas com que compravam peixe para fritar, vendendo-o depois nas feiras e mercados. Em pouco tempo as macutas tornaram-se tostões e depois libras e finalmente contos de réis. (AGUALUSA, 1998, p.21, grifos do autor).

Após esse parágrafo descritivo do ambiente, Fradique concluiu que ali era possível encontrar todos os tipos de pessoas em baixo de um mesmo teto, “É difícil imaginar coleção mais interessante de tipos físicos e psicológicos, até patológicos, reunida debaixo de um mesmo tecto.” (AGUALUSA, 1998, p.22). Dentre essas pessoas, um ser com “características patológicas” certamente era Gabriela Santamarinha, esta senhora à qual todos que iam à Luanda deviam ser apresentados. Segundo Arcénio de Carpo, era a mulher mais feia do mundo:

[...] Entre toda esta gente sobressai a figura da senhora Gabriela Santamarinha. Os Luandenses, que em tudo pretendem ser superiores e para os quais todo excesso é virtude, tinham-me assegurado, gravemente, ser tal senhora a mulher mais feia do mundo. Eu, que com alguma largueza venho percorrendo o globo, fui forçado a concordar. Não há, não pode haver, mulher tão completamente feia e tão satisfeita de o ser. [...] A senhora Gabriela Santamarinha é de uma fealdade natural, sem artifícios nem retórica, e exerce-a em cada gesto, em cada frase, no odor corporal, na forma bestial como caminha. “Veja como é feia!”, disse-me emocionado Arcénio de Carpo, “nem entre os aborígenes do continente austral houve alguma vez criatura assim.” (AGUALUSA, 1998, p. 22).

Quando descreve o ambiente de Luanda e seus tipos, Fradique mostra sua visão e seu envolvimento com este país. Depois de ser apresentado a figura de Gabriela Santamarinha conhece o oposto de toda a feiura dessa mulher: Ana Olímpia, a bela angolana. Ao vê-la seu olhar se abre com mais interesse para esta terra:

[...] No instante seguinte vi-a: a mulher mais bela do mundo! Dançava-se a rebita, moda do país que com singular harmonia combina a graça mundana da valsa e o ritmo selvagem dos batuques. O mestre de cerimônias, um oficial negro conhecido por Gingão, dirigia a dança numa língua misteriosa, que mais tarde me garantiram ser francês. Ao vê-la – à mulher mais bela do mundo – logo naquele momento me reconciliei com a humanidade e os meus olhos se abriram com outro interesse para este país e as suas gentes. (AGUALUSA, 1998, p.23).

A visão de Fradique muda quando conhece Ana Olímpia. Cabe lembrar que os papéis dessas duas personagens femininas mostram como era comum naquela época a mulher administrar seus bens, as duas tiveram grandes fortunas: [...] “Era comum, a existência em Luanda de mulheres que administravam grandes fortunas, obtidas por via do tráfico negreiro, como é o caso na ficção de Agualusa das personagens Gabriela Santamarinha e Ana Olímpia.” (CARVALHO, 2014, p. 114).

No momento que Fradique descreve sua futura paixão, não deixa de falar da dança que ela participava e que o deixa mais encantado, a partir desse olhar a história do protagonista começa a mudar, pois existe ali, naquele país, alguém que lhe atraiu profundamente. Suas descrições não ficam centradas apenas nesse local, após se envolver com a angolana, e devido às consequências dela ser escravizada e vendida a Gabriela Santamarinha, Arcénio de Carpo (filho), e Fradique fogem com ela para o Brasil em um navio negreiro. Já em terras brasileiras, o português relata brevemente a sua madrinha como é a mudança de espaço, agora Olinda, ficaram instalados no palacete colonial de Arcénio de Carpo, enfatiza a diferença do ambiente em relação a Angola:

[...] As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que depressa se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão. (AGUALUSA, 1998, p.67).

A essa visão de Fradique segue a sua descrição da cidade em que se encontra no Brasil, Olinda: [...] “Sentado nesta mesa vejo a cidade, as casas pintadas de cores loucas, os palacetes coloniais, as igrejas barrocas e as palmeiras altas, ondular pelos morros em direção ao abismo.” (AGUALUSA, 1998, p.67). Antes de chegarem a esta cidade, estavam em Novo

Redondo, hóspedes de Horácio Benvindo, este que para homenageá-los, promoveu uma grande festa com muita comida, bebida e dança da qual até Fradique participou: “A orquestra rapidamente arrebatou o gentio com o seu ritmo turbulento. Horácio e Livia entraram na dança, e por fim até eu entrei, para escândalo de Arcénio de Carpo, que um pouco afastado olhava tudo aquilo com indisfarçado desdém.” (AGUALUSA, 1998, p.68). Como narra para sua madrinha aproveita para descrever como é essa dança:

[...] Neste género de batuque os dançarinos formam usualmente uma roda, no centro da qual um deles evolui executando passos que os restantes aplaudem; ao fim de algum tempo o dançarino, ou dançarina, escolhe um outro e aproximando-se dele dá-lhe uma umbigada, o semba, passando o escolhido para o meio do círculo. Também eu tive de dançar no centro da roda, tendo a minha natural incompetência divertido toda a gente, em particular Ana Olímpia, que não podendo juntar-se a nós acompanhava a festa sentada numa cadeira de rede. (AGUALUSA, 1998, p. 68-69).

Pode-se dizer que o Fradique Mendes, de Agualusa, transportado para Luanda, descreve a todo o momento características do local em que está, seja sobre as pessoas, a culinária típica, as festas, ou a escravatura, para que possamos entender através de seu olhar essa sociedade. Também quando está em Lisboa, Paris ou no Brasil não deixa de acrescentar os detalhes e de dar sua opinião sobre os costumes, como vimos, nos vários trechos selecionados para reforçar o olhar do viajante português. Como no romance apenas uma carta não é escrita por Fradique, este precisa narrar o que encontra, o que vê, para que nós, leitores, possamos acompanhar e entender como é essa sociedade na qual ele estava.

A cidade de Paris, em ambos os romances, continua a ser o lugar que Fradique Mendes escolhe para morar, embora em *Nação Crioula* existam outras localidades pelas quais a personagem habita por determinado período. No texto queiroziano é enfatizado pelo narrador e no romance angolano conhecemos através das cartas remetidas pela personagem quando sai de Luanda. Quanto a Lisboa, no romance de Agualusa não aparecem críticas e ironias tão intensas quanto as que encontramos no livro de Eça de Queiroz, fato provavelmente relacionado à maior permanência da personagem em Luanda e o envolvimento que passa a ter com a escravidão, assim suas críticas são focadas nesse viés.

A tradição africana é marcada pela forte presença da oralidade passada de geração para geração. No romance de Agualusa percebemos que em alguns momentos das correspondências o protagonista relata fatos que lhe chegam aos ouvidos através da fala do povo. Na primeira carta do romance, Fradique ao contar a sua madrinha sobre a figura do senhor Arcénio de Carpo e seu envolvimento com o tráfico de escravos, aproveita para

incrementar a narrativa. Relata que segundo lhe contaram o velho foi enganado por um capitão inglês, Arcénio se orgulhava de mandar um navio com quatrocentos escravos para o Brasil, mas durante um almoço com o capitão, este o enganou ao enviar o navio para Serra-Leoa, este episódio, segundo o protagonista ainda era motivo de risos aos luandenses.

No final da carta seguinte a Madame de Jouarre, Fradique conta uma história que seu criado Smith lhe narrou, provavelmente a recolheu dos luandenses. Essa narrativa mistura amor, morte e escravidão. Uma jovem, Carolina, filha de um rico comerciante e escravocrata, Mateus Lamartine, se apaixona por um jovem enfermeiro negro. O pai é contra porque o jovem não tem nenhuma ligação com as velhas famílias de Luanda, e proíbe a relação. Desesperado, o rapaz rapta Carolina e fogem. Na vila na qual se encontravam um padre os casou, mas deu como conselho que voltassem para pedir perdão ao pai da noiva. No entanto, na chegada o enfermeiro é morto. Passado pouco tempo, Mateus Lamartine obriga a filha a casar-se com L. A., muitos presentes na cerimônia reconheceram este como o assassino. A moça na mesma noite matou o marido. Para terminar essa história, o próprio Fradique faz um pequeno suspense para o que ele chama de novela:

O nosso feroz Camilo teria terminado aqui esta novela. Zola ainda antes, naquele cais onde primeiro correu o sangue. Os desvairados deuses de África, porém, deram-lhe um fim impossível. Quer saber o que aconteceu? Sete meses mais tarde Carolina deu à luz um menino negro. A criança não chorou quando a parteira a ergueu nos braços e a levou para a noite, mostrando-a às estrelas, às árvores escuras, a toda as coisas imóveis e moventes onde os espíritos dos antepassados se ocultam e vigiam. (AGUALUSA, 1998, p.18).

O fato narrado por Fradique mostra as histórias que se passam na cidade de Luanda, onde os finais podem ser bem diferentes do imaginado. Para maior curiosidade o fruto do amor proibido traz a denuncia do avô negreiro que planejou o crime:

Não chorou. Em voz alta e firme, a voz do pai, denunciou o avô negreiro. Voltou a fazê-lo já na presença de numerosas testemunhas, explicando que o velho contratara os serviços de L. A., e que os dois tinham architectado o crime. Depois calou-se e começou finalmente a chorar, como choram todas as crianças no momento em que percebem o mundo. (AGUALUSA, 1998, p. 19).

Para concluir a carta, Fradique conta a sua madrinha que Mateus Lamartine se suicidou na semana anterior. O protagonista mostra que, a partir do momento que começa a se envolver com essa nova cultura, não hesita em aprender e tentar compreender os costumes desse povo e isso acontece pelas histórias interessantes que passa a conhecer e resolve compartilhar com seus interlocutores. Como bom viajante, insere fatos referentes à Luanda e

aos costumes desse povo. Como na África a tradição oral tem forte presença é interessante o autor inseri-las através do protagonista, uma vez que ele conta sempre as novidades, não poderiam faltar as histórias contadas pelos moradores locais. Quando embarca ao Brasil, descobre novas histórias, como a do velho hausa que vivia no engenho que comprou. E que narra momentos difíceis durante o tempo que esteve no navio que transportava escravos da costa da Nigéria. Ele foi um dos sobreviventes, pois muitos morreram de uma estranha doença, os detalhes demonstram a fraqueza humana e a fragilidade diante da fome:

Conta ele que dois dias depois do embarque todos os escravos começaram a morrer de uma estranha e horrível moléstia, uma espécie de lepra fulminante, que no espaço de horas abria feridas por todo o corpo, apodrecia os membros, levava os homens à loucura. Os primeiros cadáveres ainda foram retirados do porão pelos marinheiros, mas depois também um deles contraiu a doença, e teve de ser levado ao mar aos uivos, e os outros recusaram-se a entrar lá dentro. Cornélio viu uma jovem mulher a matar o próprio filho à dentada, sendo depois assassinada pelos outros escravos; viu homens sem rosto, como assombrações, a comer os cadáveres; viu os ratos (“os ratos”, disse-me ele, “eram enormes, eram quase gente: falavam comigo”). Viu o inferno, com todos os seus demónios. (AGUALUSA, 1998, p. 89).

Esse fragmento reforça o envolvimento de Fradique Mendes com a questão dos escravos, mas principalmente a vontade de mostrar o discurso de alguém que esteve em um navio e sofreu todas as consequências possíveis e não sabe como sobreviveu a tudo isso. Ao perceber que estava vivo Cornélio passou a acreditar que era imune à morte, o que segundo o português o transformou em um homem perigoso, participando de várias batalhas. Essa correspondência é endereçada a Eça de Queiroz, e, como nas outras, notamos o interesse de Fradique a por o escritor português a par de tudo que escutava e presenciava sobre as questões do tráfico negreiro.

Para Ana Olímpia existem também cartas nas quais Fradique conta histórias, como uma que lhe envia de Paris, no entanto, nessa o protagonista se utiliza de uma notícia da *Revue de Médecine*, e comenta um artigo, em que um assassino, Bruno Sanjuan, fora guilhotinado e a família entrega o corpo para serviço da ciência, comandado pelo Professor Jupin. Este pega o corpo, uma bateria elétrica e um cão vivo e começa sua experiência na tentativa de provar que a cabeça pode sobreviver separada do corpo. Por alguns segundos a cabeça até se mexeu: [...] “Empregando-se a corrente eléctrica as pálpebras pestanejaram, e os olhos se abriram durante quinze a vinte segundos.” (AGUALUSA, 1998, p.118). É claro que a ciência não funcionou e o professor admitiu que não era possível a cabeça sobreviver separada do corpo. Após contar, a personagem ainda brinca com a angolana: “Horroriza-te, Princesa? É verídica! É o verídico rosto da civilização que te aguarda.” (Idem, p.119).

Viajar para Luanda torna a vida de Fradique Mendes bem agitada e surpreendente, estar em um país diferente o faz perceber como as pessoas relacionam-se e a partir disso pensar e refletir sobre como elas vivem. Mantém a mesma característica do Fradique de Eça de Queiroz que ao estar em um lugar distinto do seu, devia deixar-se envolver com a cultura local, e nesse sentido percebemos que a interação da personagem com seus três interlocutores vai ser o eixo para a comunicação, momento em que os leitores são informados das histórias, das curiosidades, das intrigas, etc. Ao ser Fradique uma pessoa instruída tudo que passa a sua frente é notado e mesmo em Luanda ele procura manter-se informado dos acontecimentos de sua terra. Assim, o protagonista ao percorrer outros países reforça em suas cartas à ideia de que quem viaja tem muita história para contar e assim o faz de maneira a não só olhar os defeitos dos lugares onde está, mas dando importância às particularidades de cada localidade, a cultura de um povo deve ser sempre respeitada, e ele mostra que ao conhecer melhor Luanda até suas ideias preconcebidas se desfazem, quando se depara com a realidade, e como em toda sociedade alguns cidadãos são bons e outros não.

CAPÍTULO 3

LITERATURA COMPARADA E INTERTEXTUALIDADE: EÇA DE QUEIROZ E JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

A partir do romance do escritor português Eça de Queiroz podemos estabelecer um diálogo com a obra de José Eduardo Agualusa para notar como este tece seu texto de maneira a dar voz a personagem Fradique Mendes e inseri-lo em um contexto distinto do imaginado e criado pelo escritor português, para que possa mostrar como era a cidade de Luanda naquele período de colonização. Através do olhar minucioso do angolano as obras se entrelaçam mesmo após um longo período que as separam.

A literatura comparada será a base para nos guiar na aproximação entre os romances. José Eduardo Agualusa, certamente leitor de Eça de Queiroz, faz algo interessante ao resgatar a personagem Fradique Mendes, nesse sentido pode-se dizer que a obra do português serviu para potencializar a visão do angolano na construção de um romance que, de certa forma, deu uma continuidade a existência da personagem, ou seja, “As influências propriamente ditas podem ser definidas como o mecanismo sutil e misterioso pelo qual uma obra contribui para dela fazer nascer outra”. (BRUNEL, P. ; PICHOSIS, C. ; ROUSSEAU, A.M. ; 1995, p.42). Eça de Queiroz produz um romance no qual a personagem deixa lacunas acerca das viagens feitas e não relatadas, já Agualusa por meio dessa influencia positiva faz uma homenagem ao escritor português. Os dois textos ao possuírem o mesmo protagonista proporcionam uma leitura comparada que mostra que ambas são riquíssimas e merecem um tratamento que as aproximem.

A opção escolhida por José Eduardo Agualusa no romance *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* é uma forte tendência das literaturas contemporâneas de revisitar o passado. Essa proposta proporciona ao escritor o resgate de obras já conhecidas e assim [...] “revisa figuras já conhecidas do grande público” (VENTURA, 2001, p. 94). A relação de um texto com outro texto é um fenômeno característico do chamado pós-modernismo, conceito desenvolvido pela teórica Linda Hutcheon, para ela: [...] “o pós-modernismo é um fenômeno contraditório que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia.” (HUTCHEON, 1991, p. 19).

Uma das formas modernas de que um texto utiliza-se para retomar outro é através do uso da paródia:

[...] Em certo sentido, a paródia é uma forma pós-moderna perfeita, pois, paradoxalmente, incorpora e desafia aquilo a que parodia. Ela também obriga a uma reconsideração da idéia de origem ou originalidade, idéia compatível com outros questionamentos pós-modernos sobre os pressupostos do humanismo liberal. (HUTCHEON, 1991, p. 28).

A ideia de paródia aqui não é aquela de ridicularizar outro texto pelo simples fato de poder alcançar um efeito humorístico, a autora deixa bem clara a sua definição:

Aqui – como em todos os pontos do presente estudo - , quando falo em “paródia”, não estou me referindo à imitação ridicularizadora das teorias e das definições padronizadas que se originaram das teorias de humor do século XVIII. A importância colectiva da *prática* paródica sugere uma redefinição da paródia como uma repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança. (HUTCHEON, 1991, p.47, grifos da autora).

Nesse sentido, ao utilizar-se da paródia não significa que será feito simplesmente uma imitação, pois quando o escritor reinterpreta o passado na ficção é como o ato de “revelá-lo ao presente” (HUTCHEON, 1991, p.147). A paródia vai estabelecer com o texto utilizado uma “relação dialógica entre a identificação e a distância.” (p.58), como no texto *Nação Crioula* que, para dialogar com o passado, José Eduardo Agualusa recupera a personagem Fradique Mendes e, de certa forma, o distancia do seu contexto inicial. Quando o escritor angolano propõe o intertexto, ele sugere o questionamento do passado de Luanda e para que esse discurso aconteça, parte do texto queirosiano com a recuperação do protagonista e outros personagens: [...] “A paródia parece oferecer, em relação ao presente e ao passado, uma perspectiva que permite ao artista falar *para* um discurso a partir de *dentro* desse discurso, mas sem ser totalmente recuperado por ele.” (HUTCHEON, 1991, p.58, grifos da autora).

De acordo com Linda Hutcheon, a paródia não deixa de ser uma imitação de um texto para com outro, no entanto o que vai ser o diferencial é a inversão irônica: “A paródia é, pois, uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado. [...] [ela] é, noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança.” (HUTCHEON, 1985, p. 17). No romance de Agualusa, a repetição da personagem queirosiana marca a diferença, o português que tem uma vida correta e segura, passa por transtornos nunca imaginados pelo elegante Fradique no momento em que foge em um navio negreiro.

O *pastiche* é outro conceito que aparece ao lado de paródia, mas diferente dessa, aquele caracteriza-se por ser apenas imitação: [...] “O *pastiche* tem geralmente de permanecer dentro do mesmo gênero que o seu modelo, ao passo que a paródia permite a adaptação.” (HUTCHEON, 1985, p. 55). Os dois são na realidade “empréstimos confessados” (p. 56), no entanto a paródia se diferencia por estar relacionada a ironia presente no texto.

[...] A paródia é, pois, na sua irônica “transcontextualização” e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distância crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia da paródia tanto pode ser apenas humorada, como depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva. O prazer da ironia da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no “vaivém” intertextual.” (HUTCHEON, 1985, p. 48).

Esse recurso da paródia possui também outra função importante, pois, na realidade, além de questionar, de ser construtiva, de provocar o humor, a ironia possui o papel de julgar. Essa função é importante para a leitura do texto que recupera outro, é o momento de através das ironias ali inseridas o leitor ser capaz de refletir a proposta do autor. Assim, de acordo com Linda Hutcheon: “A paródia é uma das formas mais importantes da moderna auto-reflexividade.” (HUTCHEON, 1985, p.13).

José Eduardo Agualusa ao aproximar seu romance, *Nação Crioula*, do texto de Eça de Queiroz, propõe um olhar para o passado ao recuperar a história de Angola, especificamente a cidade de Luanda do século XIX. E ao mesmo tempo o leitor é convidado a lembrar ou conhecer a personagem Fradique Mendes. Assim: “A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto.” (HUTCHEON, 1991, p.157).

Com a delimitação dos *corpus* textuais, a proposta será demonstrar o diálogo entre duas obras distintas, o que as aproxima ou distancia. Definir o conceito de literatura comparada não é tão simples, uma vez que vários teóricos a veem de formas diferentes. Uma definição que nos respalda nesse conceito em relação aos romances estudados é a de Henry H. Remak, pois toca na questão das fronteiras dos países e as possíveis relações que possam gerar:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião etc. Em

suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (REMAK, 1994, p. 175).

A literatura comparada fornece-nos uma maneira de olhar para outras fronteiras e estabelecer relações entre elas que possam enriquecer o estudo de modo a aprimorar o conhecimento das culturas envolvidas, no caso deste trabalho a portuguesa e a angolana diretamente e a brasileira que aparece no romance de Agualusa. Dessa forma, a interpretação dos romances escolhidos terá a tarefa de explorar os elementos que mais nos chamam a atenção, pois:

[...] a literatura comparada *compara* não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 2010, p.7, grifo da autora).

No plano das literaturas africanas de língua portuguesa, em alguns países, como, por exemplo, em Cabo Verde, a questão do contato com os portugueses fez com que se misturassem as culturas e as raças, chamada por Benjamin Abdala Junior de *crioulidade*, que de acordo com o estudioso, passou a existir maior interesse nos estudos comparados dos países africanos:

O estudo comparativo com as literaturas dos países africanos lusófonos ganha marcado peso ideológico pelo caráter impositivo da situação de dependência que os envolveu até recentemente. Uma das respostas a essa situação secular de carências foi a *crioulidade* – uma profunda miscigenação cultural que originou formas de resistência e de promoção dos valores da nacionalidade. Dessa forma, paralelamente ao que ocorreu no plano linguístico, quando aparecem os dialetos crioulos africanos, no plano mais amplo da cultura também houve um processo intenso de miscigenação. Mesclam-se duas culturas, mas com dominante nacional africano. As culturas dinamizam, assim, uma cultura africana miscigenada. (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 65-66).

No entanto, o termo *crioulidade* não foi facilmente aceito em todos os países, em Angola, até hoje, o assunto divide opiniões. De acordo com Mário Antônio Fernandes de Oliveira, a aceitação da palavra crioulo não é nada pacífica, a interação linguística entre portugueses e africanos não é entendida como algo que dê um caráter crioulo à sociedade angolana. Na definição do autor:

A palavra é aplicável a todo o Mundo crioulo, delimitado pela escravatura negra dos tempos modernos, com seu fornecimento na África e principal destino nas Caraíbas e na América. Tão largo e vasto papel na definição da *crioulidade* tiveram os portugueses, que a sua contribuição linguística é a principal ainda em áreas que nunca estiveram sob o seu domínio. (OLIVEIRA, 1997, p. 15).

Essa visão de Angola como uma nação crioula, na qual as culturas se misturam não é vista como algo benéfico, principalmente no que se refere à caracterização dada a Luanda de “ilha” crioula, feita por Mario Antônio F. de Oliveira. Uma das pessoas que opõe-se a essa visão é Luís Kandjimbo, em entrevista na União dos Escritores Angolanos, encontramos sua crítica no que diz respeito a questão da criouldade em Angola:

[...] A criouldade, substantivo e adjectivo, que deriva do que Mário António chamou «ilhas crioulas», na verdade não existe em Angola. Cada vez mais se conclui que com essa invenção Mário António errou na análise dos fenómenos sociológicos de Angola, ao ter pretendido incorporar uma perspectiva organicista e biológica para explicar as relações e os contactos que as populações angolanas estabeleceram com os portugueses. Nesse sentido, ele acabou por defender uma visão essencialista, atribuindo importância, infundadamente, ao conceito de raça e à mestiçagem biológica como se no mundo dos nossos dias houvesse raças puras. (KANDJIMBO, 2010).

Questão essa um tanto quanto complicada, para alguns é fácil entender esse processo da mescla de culturas, mas outros defendem a sua opinião e não aceitam tal definição. No caso do escritor aqui estudado, podemos pensar na aceitação da criouldade cultural de Angola, afinal em seu romance *Nação Crioula* aparece essa mistura, o português que escreve cartas para uma ex-escrava.

Ao comparar as literaturas portuguesa, brasileira e africana de língua oficial portuguesa, notamos que elas pertencem ao mesmo sistema linguístico, porém com diferentes sistemas culturais com grande diversidade, ao pensar nisso recorreremos às palavras de Leyla Perrone-Moisés citadas por Salvato Trigo, palavras estas que reforçam a ideia de que a literatura comparada nasce do diálogo com outros textos:

[...] Leyla Perrone-Moisés, situando-se no campo teórico da Literatura Comparada, em que nos propomos também ficar, afirmava: “Estudando relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a Literatura Comparada não só admite mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos géneros e dos temas já existentes. Escrever é pois dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea.” (TRIGO, 1986, p.25).

As diversas literaturas estão sempre em constante diálogo com as do passado e do presente, as africanas de língua portuguesa, embora recentes, também buscam a interação através do outro para enriquecer suas produções. O conceito de influência comum no início da literatura comparada como vimos citada em *Que é literatura comparada?*, de P. Brunel, C. Pichois e A. M. Rousseau é modificado quando tomamos conhecimento da teoria da intertextualidade proposta por Julia Kristeva, essa concepção coloca o texto como algo maior

na interação com outros discursos: [...] “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos) onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto).” (KRISTEVA, 1974, p.64). As semelhanças entre os textos aparecem devido à relação de proximidade que passa a se estabelecer com outros textos, um se transforma em outro: [...] “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade* e a linguagem poética lê-se pelo menos como *dupla*.” (KRISTEVA, 1974, p.64, grifos da autora). Nesse sentido a palavra não é algo fixo, ela varia através do diálogo com distintas escritas, segundo Cláudio Guillén este diálogo pertence a três partes, o escritor, o destinatário e o contexto cultural, assim explica:

[...] La palabra nos es un “punto”, algo fijo, un sentido dado, sino un “cruce de superficies textuales”, un “diálogo de varias escrituras.” Este diálogo se entabla entre tres lenguajes: el del escritor, el del destinatário (este fuera o dentro de la obra) y el del contexto cultural, actual o anterior. (GUILLÉN, 1985, p.310-311).⁶

O objetivo da comparação será o resgate dessas obras que se complementam na medida em que *Nação Crioula* retoma a personagem queirosiana em um ambiente distinto da primeira. O ponto em comum é sem dúvida Carlos Fradique Mendes, o que faz toda a diferença para que a obra produzida por Agualusa tenha seu ponto de inovação é o espaço pelo qual ele opta. A personagem tipicamente portuguesa, com ares de conhecedor do mundo protagonizará uma história em solo africano.

3.1– Diálogos narrativos

No texto de *Eça de Queiroz* encontramos uma personagem caracterizada por suas viagens, sabemos pelo narrador da primeira parte da obra que Fradique era rico, recebera a herança dos pais e depois da avó Dona Angelina, com a morte desta ficou sob tutela de seu tio Tadeu Mendes, que vivia em Paris. Após receber o dinheiro, começa a viajar por todo o mundo para conhecer e se envolver com novas culturas: [...] “Com um ímpeto de ave solta,

⁶ [...] A palavra é um “ponto”, algo fixo, um sentido dado, senão um “cruzamento de superfícies textuais”, “um diálogo de várias escrituras”. Este diálogo se inicia entre três linguagens: a do escritor, a do destinatário (este fora ou dentro da obra) e o do contexto cultural, atual ou anterior. (GUILLÉN, 1985, p. 310-311 – tradução livre).

vijara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até o Saara.” (QUEIROZ, 2008, p. 29).

Por possuir esse hábito de viajar para diferentes locais, narrador e personagem se desencontravam sempre, poucos são os momentos em que ambos compartilham o mesmo local. As viagens do Fradique de Eça não carregam muita descrição, pois ele não permanecia muito tempo apenas em um lugar, ele retornava quando algo lhe interessava muito, grande parte da sua cultura foi adquirida de suas aventuras, por exemplo, um dos lugares que segundo o narrador Fradique visitou mais de uma vez foi o Oriente, pela sua arqueologia e principalmente suas mulheres:

A cultura de Fradique recebia um constante alimento e acréscimo das viagens que sem cessar empreendia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intelectuais. Só a arqueologia o levou quatro vezes ao Oriente – ainda que a sua derradeira residência em Jerusalém, durante dezoito meses, foi motivada (segundo me afirmou o cônsul Raccolini) por poéticos amores com uma das mais esplêndidas mulheres da Síria. (QUEIROZ, 2008, p. 87).

Cabe exemplificar que foram várias as viagens desse protagonista, só que são narradas pelo ponto de vista de quem nos conta, ou seja, o narrador, figura importante na construção da narrativa por apresentar a sua opinião sobre o outro. Segundo ele, Fradique percorreu também a China, a Rússia, a Suécia, Londres, Paris, a América do Sul e países da África, etc. O que diferenciava suas viagens era a sua maneira de se relacionar com os povos, seus costumes, seus homens:

O que tornava essas viagens tão fecundas como ensino era a sua rápida e carinhosa simpatia por todos os povos. Nunca visitou países à maneira do detestável *touriste* francês, para notar de alto e pecamente “os defeitos” – isto é, as divergências desse tipo de civilização mediano e genérico donde saía e que preferia. (QUEIROZ, 2008, p.89).

Essa característica de Fradique Mendes é abordada de uma maneira um pouco diferente por José Eduardo Agualusa em *Nação Crioula*. Imaginamos que a viagem do Fradique de Eça à África tenha sido o ponto escolhido pelo escritor africano para compor seu romance. Como ficou exposto acima, o narrador de *A Correspondência de Fradique Mendes*, sugere ao protagonista de escrever sobre sua viagem ao continente africano e ele nega afirmando que nada viu que outros já não tivessem visto. O enredo selecionado por Agualusa delimita a viagem de Fradique a Angola, ponto que contrasta com as narrações que observamos do Fradique de Eça. Quando se inicia *Nação Crioula*, a personagem já está em Luanda e manda notícias a Madame de Jouarre na primeira carta enviada a ela. O que vamos

encontrar logo no começo da obra é distinto do que deparamos quando da leitura do texto português porque as poucas descrições das aventuras de Fradique eram nos dadas pela boca do narrador-anônimo, agora a voz do herói se faz presente nas cartas e as enriquece com detalhes do país em que se encontra.

Na primeira carta de *Nação Crioula*, percebemos que a delimitação do espaço já é marcada pela narração de Fradique Mendes, e no decorrer da história será ressaltado questões típicas do país, como a culinária, a caçada aos jacarés, e outros que já mencionamos no capítulo anterior. Interessa agora algumas descrições da viagem para diferenciá-la do Fradique queirosiano e mostrar a inovação de Agualusa nesse aspecto.

Quando desembarca em Luanda a personagem não hesita em relatar a madrinha desde o primeiro momento que chega nesse novo lugar, com sua visão crítica ao descrever o cheiro que sentiu, a mistura “de frutas e cana-de-açúcar com o de um corpo em decomposição”, e o pensamento de que não devia ter levado o criado escocês que passou mal e vomitou. Fradique mantém a sua característica ironia e diz para Smith, “Bem vindo a Portugal!”, pois sabe que o país naquele estado só poderia estar nas mãos de seu país de origem.

Nas cartas de Fradique para Madame de Jouarre as descrições do espaço são mostradas, como todo o olhar daquele para relatar a estrutura da sociedade na qual estava e se envolver e não só visitar como o Fradique de Eça. O que não presenciava sabia pela boca de Smith que se adaptou rapidamente aos costumes angolanos e a criadagem: [...] “Neste convívio recolhe o noticiário da cidade e assim também em Angola posso, todas as manhã, “ler o Smith”. (AGUALUSA, 1998, p.15). A confiança de Fradique em seu criado é retirada do texto de Eça, a frase “ler o Smith” é quase integral daquela obra: [...] “Estes curtos resumos de Smith formavam a carcaça das suas noções políticas: e Fradique nunca dizia – “Li no *Times*” – mas “Li no Smith”.” (QUEIROZ, 2008, p.99). Mostra que Agualusa para produzir um Fradique que convencesse não hesita em recolher trechos da obra de Eça. Esse tema comum da viagem é presente nas duas obras, mas cada autor aborda com suas particularidades.

Outro aspecto que diferencia a personalidade de Fradique é a maneira como demonstra sua emoção em cada contexto. A descrição que o narrador de *A Correspondência de Fradique Mendes* faz sobre a personagem, nos leva a pensar que esta é modelo de perfeição, possui o melhor caráter, trata bem as mulheres, respeita os animais, faz suas doações sem que ninguém saiba que foi ele, enfim, um Fradique modelo criado pela admiração do narrador-biógrafo. No

entanto, quando lemos as cartas que compõem a segunda parte do texto queirosiano, as reações da personagem perdem aquela aura de perfeição, não há um ser perfeito e sim um ser humano. Exemplo disso, temos nas correspondências enviadas a Clara, aparentemente digna do amor de Fradique pela qual mantém certa idolatria, mas que reclama das queixas feitas por ela, como se não fossem necessárias, e em uma das cartas termina seu romance sem demonstrar muita emoção, pois parte para mais uma de suas viagens e agradece a sua “amiga” toda a felicidade que lhe deu. Em contrapartida, o Fradique de Agualusa aparece diferente, como se a vida lhe ensinasse a ser um homem melhor, isso devido a sua nova aventura em Luanda, onde aprendeu a se envolver diretamente com os problemas dos outros, nesse caso os de Ana Olímpia. Essa mudança transparece em uma carta a Madame de Jouarre em que o próprio herói confessa não ser mais aquele homem que ela conheceu, o nascimento da filha o fez ser diferente. Essa mudança operada na personagem iniciou-se com Ana Olímpia, a mulher que rouba o coração do protagonista. O tratamento nas cartas de Fradique para a angolana mostra a diferença das correspondências enviadas para Clara, em que esta parecia ser uma deusa. Fradique Mendes não mede esforços para agradar e proteger sua amada, explícito na Carta a Ana Olímpia, Engenho Cajaíba, Março de 1877, na qual a personagem ao se encontrar distante remete uma carta em que descreve o que fez em cada dia da semana, um exagero que nunca demonstrou à Clara era frio para deixar transparecer seus sentimentos.

Em *Nação Crioula*, outro momento de sentimentalismo do protagonista é quando narra a Ana Olímpia o episódio no qual encontra a cabeça de Cornélio. O episódio choca Fradique, que não esperava encontrar a cabeça do hausa empalhada, sabe que ao dar a notícia à angolana isso irá lhe perturbar como fez com ele: “Sei que a notícia te irá perturbar. Podes imaginar como me perturbou a mim. A morte do velho Cornélio é um crime tanto mais ignóbil, absurdo, quanto é certo que foi cometido com o único propósito de nos amedrontar e escarnecer.” (AGUALUSA, 1998, p.108). Esse lado mais sensível de Fradique o torna mais próximo como personagem “real” para que as pessoas se identifiquem com suas dificuldades, não o interpretamos como um simples aventureiro, mas como alguém capaz de se envolver com profundidade nas relações sociais e humanas. Um dos fatos que ocasiona essa mudança é o herói se envolver na luta antiescravagista para ajudar a angolana, que após a morte do marido retorna a condição de escrava porque Victorino Vaz de Caminha não se preocupou em lhe deixar carta de alforria, seu irmão Jesuíno foi à Luanda e tomou posse de tudo que era de Victorino, inclusive da jovem. Frente a essa situação Fradique faz de tudo para ajudá-la, como não poderiam permanecer em Angola a maneira encontrada para continuarem juntos é a fuga

ao Brasil em um navio negreiro. Em uma das correspondências a personagem conta a Ana Olímpia que foi ver uma fazenda, quando já estavam no Brasil, junto com um colega Alexandre que pretendia comprá-la, em certa parte da descrição, narra o que fez em cada dia da semana para a amada que se encontrava em outro local, na sexta-feira assim conta:

Sexta-feira: “Fui ver o pomar. Ernesto assegurou-me que as laranjas maduras se não forem colhidas ficam verdes outra vez, conservam-se frescas mais um ano e até melhoram de gosto. Parece-me este prodígio a prova definitiva de que o Éden se situou nesta região, o que explicaria os outros vestígios de vida eterna que prosperam entre as águas e as árvores: o sono, o silêncio, o mar adormecido. Tanta eternidade chega realmente a aborrecer (Alexandre decidiu não comprar a fazenda, compro-a eu?)”. (AGUALUSA, 1998, p. 85).

Esse empreendimento de Fradique com a causa da angolana leva-o a fazer tudo para dar mais conforto e comodidade, antes da opinião dela sobre a compra da fazenda, ele decide adquiri-la. O comentário do português sobre o Éden no fragmento acima nos leva a pensar na própria ideia do paraíso bíblico de Adão e Eva porque após todo o sofrimento da angolana, principalmente em mãos da cruel Gabriela Santamarinha, a fuga no navio negreiro representava para eles um novo recomeço em terras brasileiras, o português, a angolana e o fruto da relação, a filha mulata, Sophia. Para uma leitura mais aguçada, não podemos esquecer que a ironia era presente no Fradique de Eça e se manteve no de Agualusa, este pela voz da personagem ironiza ao retomar essa questão, como a visão tida pelos portugueses quando do Descobrimento do Brasil, este local representaria para as personagens o recomeço feliz e perfeito. Nesse ponto de envolvimento do protagonista notamos que se diferencia do de Eça que no romance não teve uma grande causa pela qual lutar e se destacar.

No entanto, o que não muda no caráter da personagem nas duas obras é a crítica que cada uma mantém. Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, o herói não hesita ao falar de seu país e mostrar seus defeitos, como faz a personagem retomada por Agualusa que mesmo ao manter o olhar português reflete e critica a sociedade luandense. Por exemplo, no texto do português, seja através do narrador ou das cartas do próprio Fradique, transparece a crítica aos políticos, “Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais injustificados”. (QUEIROZ, 2008, p. 91), ou em carta a sua madrinha que reclama da falta de estrutura na estação de Sacavém em Lisboa, perde uma de suas bagagens, chega de madrugada e não consegue transporte o que o deixa extremamente frustrado: [...] “Em todas as estações do mundo [...] havia, à chegada dos comboios, ônibus, carros, carretas, para transportar gente e bagagem... Por que não as havia em Lisboa? Eis aí um abominável serviço que desonrava a nação!” (QUEIROZ, 2008, p.155).

Em *Nação Crioula*, a crítica de Fradique aparece nas cartas a Madame de Jouarre, quando a personagem expõe sua visão da sociedade que se encontra e também nas cartas ao amigo Eça de Queiroz. A maneira ilegal com que muitos proprietários fizeram fortuna em Luanda está ligada ao tráfico de escravos, como o Coronel Arcénio de Carpo que enriqueceu “comprando e vendendo a triste humanidade”, ou como preferia dizer “contribuindo para o crescimento do Brasil”. Na opinião de Fradique “Ninguém trabalha em Luanda a não ser os escravos” (AGUALUSA, 1998, p.16), mesmo ao mostrar a realidade dessa sociedade, a visão de que os escravos não eram considerados ninguém está refletida nessa frase, que retrata a fragilidade na qual estavam ancorados, tudo para funcionar dependia do serviço dos negros. Como continua Fradique: [...] “Trabalhar representa portanto para o Luandense uma atividade inferior, insalubre, praticada por selvagens e cativos.” (idem, p.16). Em uma festa que pôde presenciar, o protagonista analisa os tipos que se misturam nessa sociedade, desde “comerciantes honestos e criminosos a cumprir pena de degredo”. (AGUALUSA, 1998, p.21). Em uma carta que Fradique remete do Engenho de Cajaíba a Eça de Queiroz, surpreende-o ao contar que se transformou em senhor de engenho, é claro que todo o fragmento vem embasado de crítica aos verdadeiros senhores de engenhos do Brasil que se orgulham de implantar terror, mas nem ao menos sabem quem foi o Imperador D. Pedro II:

Eis-me pois transformado em senhor de engenho, os quais por estes vastíssimos sertões, entre Salvador e Pernambuco, exercem desde há séculos a única autoridade, tanto maior e mais temida quanto é certo que ninguém aqui conhece o Imperador D. Pedro II, nem sequer por gravura. Para a pobre escravaria os grandes latifundiários são a imagem mais próxima de Deus que conseguem conceber. Tratam-nos em conformidade, com terror reverencial (os seus senhores chamam-lhe respeito), e uma espécie de devoção que, vindo de mais perto, não é outra coisa senão a estranha mistura entre o ódio e a impotência. (AGUALUSA, 1998, p. 88).

Essa característica de aproximação das personagens que encontramos nos dois romances pode ser encarada como verossimilhança do escritor angolano em manter determinados aspectos da criação queirosiana. Ambos também se recusam a escrever uma obra, seja livro, biografia ou memórias. No livro de Eça de Queiroz, as cartas do protagonista são confiadas a Madame Lobrinska, como uma maneira de que ninguém tivesse acesso a elas. O narrador quando resolve publicar as correspondências de Fradique escreve a esta senhora, mas ela prefere não entregar o papéis do protagonista:

Logo que comecei a colecionar as cartas dispersas de Fradique Mendes, escrevi a Madame Lobrinska contando o meu empenho em fixar num estudo carinhoso as feições desse transcendente espírito – e implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*. A resposta de

Madame Lobrinska foi uma recusa, bem-determinada, bem-deduzida. (QUEIROZ, 2008, p. 110, grifos do autor).

No caso de *Nação Crioula*, em uma carta a Eça de Queiroz, a personagem de maneira humilde afirma não ter vivido o suficiente para escrever poesia, romance ou memória: [...] “Eu pouco li ainda e, ao contrário do que V. pretende, não vivi o suficiente para escrever um soneto, quanto mais um romance, ou, pior ainda, as “minhas memórias”.” (AGUALUSA, 1998, p.121). Isso porque Eça duvida que as personagens africanas das quais Fradique comenta sejam reais, imagina que esteja fazendo literatura, “Na sua última carta, a dado passo, V. duvida que sejam autênticas as personagens de que lhe venho falando, e deduz assim que eu estou já “fazendo literatura”. (idem). De fato o protagonista procura enfatizar que esse não é seu propósito: “Não, não faço literatura. E também não tenciono, nem agora nem nunca, escrever memórias. Aquilo que de mais interessante aconteceu na minha vida foram as vidas das outras pessoas.” (AGUALUSA, 1998, p. 122). É interessante que ao mencionar que não pretende escrever nada, pode-se relacionar com o texto queirosiano, primeiro pelo fato do narrador encontrar a personagem principal por meio das poesias escritas por ele, poesias essas que Fradique não queria assinar para que ninguém conhecesse sua identidade. Segundo, após sua morte existe o romance, feito com suas correspondências, como modo de fazê-lo eternizar sua memória tanto escrita como imaginária para as pessoas que leiam a obra. Também Agualusa publica as memórias e as experiências vividas e não relatadas, seus segredos não narrados na obra de Eça de Queiroz, aparecem como as “correspondências secretas” de Fradique no subtítulo de *Nação Crioula*.

Há no texto de Eça de Queiroz a inserção de personagens que existiram historicamente, as quais aparecem tanto na primeira parte do romance como nas cartas. Dentre eles estão, Carlos Mayer, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão que são mencionados pela voz do narrador-anônimo que antecipa o contato que Fradique Mendes mantinha com essas personalidades, com as quais o escritor Eça de Queiroz partilhava a amizade nos encontros dos *Vencidos da Vida*. Quando começamos a leitura da segunda parte do romance alguns desses nomes surgem nas correspondências. A terceira carta é enviada a Oliveira Martins, Fradique a remete de Paris, o tratamento é de amigo, remete a fotografia da múmia de Ramsés II e discorre sobre a mesma. A quinta carta um pouco mais extensa que a anterior é endereçada a Guerra Junqueiro, também de Paris, o assunto aqui é sobre religião, Fradique discorre desde catolicismo a budismo. Ramalho Ortigão aparece na sexta correspondência, remetida de Paris, o protagonista conta uma história cotidiana com uma dose

de ironia e humor, marcado encontro no qual Ramalho deveria comparecer, mas que não fora, comenta o episódio da traição de uma mulher francesa com um de seus colegas Chambray, e esta mulher era esposa do argentino que Fradique conheceu enquanto aguardava seu amigo para o encontro, no final usa de ironia ao falar das três pessoas envolvidas na traição:

Três ditosos, ao fim desse dia de Primavera e de campo. E se daqui resultar um filho (o filho que o argentino apetece) que herde as qualidades fortes e brilhantemente gaulesas de Chambray, acresce, ao contentamento individual dos três, um lucro afetivo para a sociedade. Este mundo, portanto, está superiormente organizado. (QUEIROZ, 2008, p. 151-152).

A carta na qual se encontra uma opinião de Fradique Mendes sobre o Brasil é uma destinada a Eduardo Prado. Porém essa não aparece em todas as edições do romance, por isso recorreremos a uma edição mais antiga do Porto: Lello & Irmão, esta é melhor quando pensamos na inserção dessa correspondência, no entanto não traz notas explicativas, já as edições mais recentes ganham ao inserir notas de rodapé e contribuir para uma melhor leitura. A escolha de mencioná-la foi pensando na contribuição da opinião da personagem acerca desse país, distinto de *Nação Crioula* no qual se torna local de fuga. Diferentemente das outras correspondências que aparecem cidade e mês, mas nunca ano, essa é datada de Paris, no ano de 1888. Fradique deixa entender que esta é uma resposta a uma carta de Eduardo Prado, na qual este pede sua opinião sobre o Brasil, a que este diz só poder dar impressões:

[...] Mais duro e complicado é que eu lhe dê (como V. reclama tão azafamadamente) a minha opinião sobre o seu Brasil... E V., menos céptico que Pilatos, exige a Verdade, a nua Verdade, sem *chauvinismo* e sem enfeites... Onde a tenho eu, a Verdade? Não é, infelizmente, na Quinta da Saragoça que se esconde, sob o cipreste e o louro, o poço divino, onde ela habita. Só lhe posso comunicar uma impressão de homem que passou e olhou. E a minha impressão é que os brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil. (QUEIROZ, sd, p.231).

Como notamos a opinião do português será exposta de maneira a criticar a então colônia de Portugal. Mais adiante falará que o povo brasileiro devia ser rural, no sentido de criar algo tipicamente brasileiro e não inspirado nos países europeus para que se formassem novas ideias, sentimentos, costumes, arte, literaturas originais. Queria um país espontâneo e não o que viu:

[...] O que eu queria (e o que constituiria uma força útil no Universo), era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços de Europa, levados pelo pacote e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongênere, que lhe faz ressaltar mais o bolor e as nódoas. (QUEIROZ, sd, p. 232).

A ideia debatida pelo protagonista é voltada para um país simples, com suas próprias criações sem interferência dos sistemas europeus, capitalismo, industrialismo, mas o que aconteceu foi à incorporação de todos os moldes de fora. Sua crítica se refere à facilidade com que o brasileiro aceitou tudo rapidamente: [...] “o Brasil ficou coberto de instituições alheias, quase contrárias à sua índole e ao seu destino, traduzidas à pressa de velhos compêndios franceses.” (QUEIROZ, sd, p.234). Aqui faz-se necessário lembrar que a ironia se pauta no gosto do dândi pelo pitoresco, principalmente quando se refere a Portugal, mas na realidade ele habitava a moderna Paris. De acordo com ele todos os antigos costumes foram deixados de lado, o que prevalecia eram os modelos franceses, mesmo com altíssimas temperaturas as mulheres seguiam a moda e se derretiam dentro dos gorgorões e dos veludos. Tudo foi incorporado até o título de doutor se espalhou de norte a sul: [...] “A nação inteira se doutorou. [...] Doutores, com espada, comandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos [...] doutores, sem coisa alguma, governando o Estado!” (Idem, p.235). A conclusão que chega é de ter estado por todo o país e não ter encontrado nada de novo:

Percorri todo o Brasil à procura do *novo* e só encontrei o *velho*, o que já é velho há cem anos na nossa Europa – as nossas velhas ideias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo Sol. [...] por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilização europeia, e recobrimdo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo... (QUEIROZ, sd, p.237, grifos do autor).

Diante de todos os fatos, a única chance para o país ter uma vida nacional seria a mudança de governo, ou seja, quando existir um Imperador ou Rei que seja forte, brasileiro, ame a natureza e deteste o livro. Para concluir a carta expõe como deve ser essa salvação:

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heroico, se decidir a ser brasileiro, a ser do *novo mundo* – haverá no mundo uma grande nação. Os homens têm inteligência; as mulheres têm beleza – e ambos a mais bela, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) – pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original, do que um doutor mal traduzido do francês. (QUEIROZ, sd, p. 238, grifos do autor).

Ao final pede a Eduardo Prado para que não lhe queira mal por toda a franqueza, e diz ser tão amigo dele quanto do Brasil. Essa opinião de Fradique Mendes de que tudo devia ser copiado da França é mantida na personagem de *Nação Crioula*, pois em uma de suas correspondências a Eça de Queiroz também faz questão de ressaltar a incorporação de tudo que é francês na vida dos brasileiros. Nessa carta a crítica se centra em uma raiva aos barões

do café que são a favor da continuidade do trabalho escravo, para o protagonista não é justo que andem tranquilos pelos Champs-Élysées, lugar pelo qual nutrem grande obsessão. Afinal, comenta com seu interlocutor que para os barões não há motivo de ser tão rico se não puder exercê-lo em Paris:

Para que quer um rico latifundiário brasileiro todo o seu poderio se não o puder livremente exercer em Paris? Para que lhe serve a cartola e o monóculo, o título fresco, o relógio de ouro e o fato de janota, se não for possível mostrar-se assim, alegremente, na novíssima Ópera do Charles Garnier ou no clássico Odéon? (AGUALUSA, 2008, p.102).

Dessa maneira verificamos que a personagem não possui uma visão totalmente positiva no que se refere ao papel do Brasil. Primeiro a opinião de quem procurava encontrar algo novo e só encontra reprodução da Europa. Na segunda obra reaparece a crítica a maneira de olhar para a Cidade Luz e querer incorporar tudo.

José Eduardo Agualusa na composição de seu romance não abre mão de inserir pessoas que existiram historicamente. Esse tipo de personagem é denominado pela estudiosa Susana Ramos Ventura, de “personalidades literárias” (p.55). No seu entender, são figuras que atuaram na sociedade e reaparecem em obras literárias como um dos elementos da construção narrativa: [...] “é a utilização de personalidades literárias ligadas às respectivas sociedades como modelos para a composição de personagens.” (VENTURA, 2001, p.55). Como no caso da aparição de Eça de Queiroz, no romance de Agualusa, não só o resgate de alguém conhecido, mas também da personagem Fradique Mendes que devido a sua aparição em textos literários, mais de uma vez, acabou por tornar-se fruto da imaginação das pessoas que pensavam ser ele uma pessoa real, devido ao mistério de ter ou não existido no início da publicação de *A Correspondência de Fradique Mendes*.

Em *Nação Crioula*, aparece também Arcénio de Carpo que fez parte da sociedade angolana e Fradique fica hospedado na casa dele. Quando compra a fazenda no Brasil e promove uma festa após libertar os escravos, aparece como um dos convidados o jornalista José do Patrocínio, conhecido por participar do movimento abolicionista, é descrita como uma pessoa que possui o dom da palavra para convencer a todos: [...] “O extraordinário vigor de suas palavras e a teatralidade estudada dos seus gestos fazem dele, certamente, um orador perigosíssimo, capaz de incendiar multidões.” (AGUALUSA, 2008, p.96). Outra figura que marca presença nesta festa é o advogado Luís Gama, também importante no movimento abolicionista: “Na companhia de José do Patrocínio veio do Rio de Janeiro uma outra figura

importante do movimento emancipalista; o advogado Luís Gama, muito conhecido por nos últimos anos se ter distinguido na defesa de cidadãos ilegalmente escravizados.” (AGUALUSA, 2008, p.97). Essas personagens que aparecem são citadas em alguns momentos do romance, diferentemente do texto queiroziano no qual o protagonista remete correspondências às pessoas reais como seus conhecidos e amigos, o enredo de Agualusa trabalha de maneira a não destacar diretamente, eles são sim de grande importância, principalmente para a questão da escravidão que permeia a história, mas não participam como destinatários.

A construção a partir de personalidades que existiram historicamente para as obras fictícias demonstra o envolvimento da matéria histórica para a composição da narrativa criando assim maior verossimilhança com a realidade, embora inseridas como fictícias o homem e a história se entrelaçam e esta é componente essencial na construção dos romances, seja em contexto português, angolano ou brasileiro. Nas duas obras ficcionais seus autores buscaram preenchê-las com esses componentes, mesclando narrativa ficcional com histórica, no entanto podemos acrescentar que Agualusa surpreende também ao colocar o escritor Eça de Queiroz como personagem de sua história. Como vimos no capítulo anterior, ele é amigo de Fradique e este lhe remete algumas correspondências através das quais somos informados dos acontecimentos que envolvem a sua vida em Angola ou fora dela, como assunto recorrente está o envolvimento da personagem com a questão da escravidão por meio de Ana Olímpia. Eça está ali como confidente, amigo, informante, e mostra que entre ambos existe uma forte ligação, “Encontrei a sua carta ao regressar dos sertões de Benguela” (AGUALUSA, 2008, p.31). No total são seis correspondências ao amigo português, em uma delas Fradique conta da compra da fazenda, após sua fuga ao Brasil momento em que o dão como morto. Quando narra sobre a festa na fazenda que libertou os escravos, menciona a Eça que fez sua opção de classe ao bater de frente com os que reprovavam tal atitude, encontra assim uma maneira de afastar o ócio, [...] “encontrei neste país uma nova causa com que entreter o espírito e afastar o ócio.” (AGUALUSA, 1998, p.99). Além de correspondente, envia jornais e livros: “Recebi em Cajaíba a sua carta, os livros e jornais, tudo isso cheirando realmente a fumo, a alcatrão, ao suor operário dessa pavorosa Newcastle-on-Tyne.” (Idem, p.101). Mais uma vez percebe-se a inserção de elementos reais na construção da narrativa, pois menciona uma das cidades na qual Eça de Queiroz passou parte de sua vida trabalhando como cônsul.

Na composição do Fradique de Eça de Queiroz, as características da personagem nos fazem pensar em uma pessoa que se sentia atraído por viagens na intenção de conhecer e se envolver com distintas pessoas e culturas. Nas cartas selecionadas pelo narrador não aparece nenhuma na qual o protagonista tenha demonstrado algum sentimento de tristeza ou confusão perante os acontecimentos relatados. No entanto, em *Nação Crioula*, isso é diferente, ao longo da narrativa as surpresas aparecem e o português frente aos fatos mostra-se mais real e sensível. Dentre as histórias, pode se mencionar duas, uma traz o sentimento de perda, a morte de Arcénio. Fradique ao encontrá-lo morto leva um grande susto, conta que a volta para a casa foi confusa, ainda mais por saber que Arcénio filho já sabia da morte do pai:

A viagem de regresso foi confusa e turbulenta. Os dias que se seguiram ainda piores. O jovem Arcénio, que ficara em Luanda a tratar de negócios, soube da morte do pai muito antes da nossa chegada. Vi-o na praia, ainda do palhaborde não lançara ancora, à frente de um cortejo de escravos, pistola à cintura, largo chapéu tombado sobre o rosto. Enquanto as mulheres se lamentavam, chorando, gritando, agitando o corpo em convulsões, o jovem abraçou-se em silêncio ao corpo do pai. (AGUALUSA, 1998, p. 60-61).

Trecho com forte carga emocional que Fradique transmite a sua madrinha, mais adiante na mesma carta confirma que o velho Arcénio de Carpo foi morto a pedido de Jesuíno que confessa ao filho de Arcénio quando este tenta lhe matar: “Jesuíno não teve escolha. Foram para o pátio e no caminho confessou que tinha sido ele quem realmente dera a ordem a um dos seus criados, o paraguaio, para matar o coronel.” (AGUALUSA, 1998, p. 62). Na luta pela libertação de Ana Olímpia, a vida do português também é afetada, sente a perda do coronel, logo em seguida precisa fugir em um navio negreiro, o que lhe deixa espantado e com vontade de recuar: “Olhei-o perplexo. Um navio negreiro?! Disse-lhe que não contasse comigo. Arcénio encolheu os ombros: “vossa excelência já não tem escolha. Eu próprio não tive escolha. Neste negócio, aliás, ninguém tem escolha.” (AGUALUSA, 1998, p.63).

Apesar das dificuldades, em outro momento transparecem os sentimentos de Fradique, nesse caso é uma mistura de surpresa e felicidade, o nascimento da filha Sophia. Ele que no texto queirosiano morre sem deixar descendentes, aqui transmite seus genes. Primeiro o espanto de ser pai, narrado em carta a Ana Olímpia, na qual mostra como os sentimentos dele se misturam:

[...] Tivesse eu, como as minhocas, cinco corações, e um estaria em festa, outro apertado de angústia, o terceiro em fúria, o quarto duvidando do mundo e o quinto, simplesmente, ardendo de paixão. No meu único coração todos estes sentimentos se confundem, e assim, violentamente confundidos, produzem em mim uma excitação geral, que não sou capaz de controlar ou sequer de definir. (AGUALUSA, 1998, p.125).

Na correspondência seguinte a Madame de Jouarre conta a novidade após dois meses do nascimento da filha, e que a escolha do nome foi uma homenagem para ela, mas ainda ressalta não entender o furor de procriar:

Nunca compreendi o furor de procriar, essa pulsão sobre a qual invariavelmente assentam todos os grandes movimentos sociais, e se fundamentam as teologias, as filosofias, os mistérios sagrados. Ainda não compreendo. Todavia sou pai e de alguma forma obscura sinto que esta criança é o meu futuro, e a razão do meu passado. (AGUALUSA, 1998, p. 127).

A opção de José Eduardo Agualusa ao inserir a história de Fradique Mendes em Angola e colocá-la com um enredo no qual mantém uma história de amor, proporciona aos leitores conhecer um lado distinto da personagem, não é apenas o dândi conhecedor de novas culturas, mas sim um homem que mostra como os fatos ocasionam mudanças ao deparar-se com o outro.

3.2– Dois olhares distintos sobre Fradique Mendes

Quando estamos diante do jogo entre narrador e leitor, somos direcionados por aquele a compartilhar de seus pontos de vista. No texto português essa figura é bem marcada na primeira parte, pois é através dele que somos apresentados a Fradique Mendes. Esse é o olhar externo que precede as correspondências e por ser em primeira pessoa nem tudo o que narra é digno de confiança. Os capítulos de “Memórias e Notas”, como foram mencionados anteriormente, necessitam de fatos que antecedam as cartas, e quem explica é o narrador. Como observa Salvatore D’Onofrio essa função é importante para a coerência interna do relato, pois: [...] “exige que o narrador-personagem, vez por vez, nos explique como e quando tomou conhecimento dos fatos que está narrando e dos pensamentos das outras personagens.” (D’ONOFRIO, 1983, p. 35). Esse foi o papel do narrador de *A Correspondência de Fradique Mendes*, como exposto no primeiro capítulo que nos embasa com grande número de informações sobre a personagem, como foi o primeiro contato e o motivo de seu interesse em conhecê-lo, o que possibilitou a visão distinta sobre o biografado.

Em contrapartida *Nação Crioula* não traz um narrador, a nova personagem se corresponde com seus interlocutores, e nós, leitores, partilhamos do conteúdo do seu ponto de vista. No entanto, como no livro de Eça de Queiroz, Fradique Mendes morre, a opção com a

qual nos deparamos no texto de Agualusa é a inserção integral da passagem da obra portuguesa, após a última carta do protagonista a Eça de Queiroz, enviada de Paris, em outubro de 1888, em que aparece o excerto:

“Assim, cheios de ideias, de delicadas ocupações e de obras amáveis, decorreram os derradeiros anos de Fradique Mendes em Paris, até que no Inverno de 1888 a morte o colheu sob aquela forma que ele, como César, sempre apetecera – inopinadamente ataque repentino. [...] O dr. Labert declarou que fora uma forma raríssima de pleurisia. E acrescentou, com um exacto sentimento das felicidades humanas: “Toujours de la chance, ce Fradique.”” (AGUALUSA, 1998, p.135).

Logo abaixo esse trecho aparece “Eça de Queiroz, em *A Correspondência de Fradique Mendes*”, assim, fica clara a relação estabelecida por este escritor com o texto português. Mas o romance não termina aí, uma longa e última carta encerra a narrativa. Ela é escrita por Ana Olímpia para o escritor Eça de Queiroz, nesta a voz da africana se faz presente e conhecemos a sua visão sobre Fradique Mendes. Através dessa correspondência observaremos como esse segundo olhar vê a personagem.

Na construção romanesca de José Eduardo Agualusa, a opção por inserir Eça de Queiroz como personagem, cria a união entre fatos da obra portuguesa e da angolana. Fradique Mendes se corresponde com Eça de Queiroz, tido como um amigo, mas o papel do escritor se mostra mais importante na última carta “Carta da senhora Ana Olímpia, comerciante em Angola, ao escritor português Eça de Queiroz”, enviada de Luanda, em Agosto de 1900. Nesta o diálogo estabelecido mostra a intenção do escritor em publicar o livro, como a inserção de frases do narrador, cabe citar o primeiro parágrafo no qual as ideias estão imbricadas entre ambas as obras:

Exmo Senhor,

Receio que já não se recorde de mim. Em 1888 recebi uma carta sua informando-me que tencionava publicar em livro a correspondência de Carlos Fradique Mendes, e perguntando-me se eu o podia ajudar nessa tarefa. Era, dizia V., “*uma forma de homenagear o português mais interessante do século XIX*”, e era também um acto de patriotismo, “*pois nos tempos incertos e amargos que vão, Portugueses destes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a nudez de um mármore*”. Respondi-lhe que acreditava ser desejo de Carlos manter-se morto depois de morto, longe, sob a nudez de um mármore. Poucos meses depois, ao folhear a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, soube que V. tinha decidido ignorar a minha opinião. (AGUALUSA, 1998, p. 137, grifos do autor).

A retomada de trechos mencionados pelo narrador do romance português são inseridos nessa obra, como afirmação de que Eça de Queiroz conheceu Fradique Mendes, justificando a publicação do livro em 1900. Ana Olímpia comenta que de início se sentiu revoltada com a

exposição de Fradique Mendes, mas que com o passar dos anos percebeu ao reler as cartas nos jornais que Fradique não lhes pertencia, era como uma ave solta. O seguinte comentário da angolana é como uma explicação dos dois romances: [...] “As suas cartas podem ser lidas como os capítulos de um inesgotável romance, ou de vários romances, e, nessa perspectiva, são pertença da humanidade.” (AGUALUSA, 1998, p.138). De certa forma, temos através desse fragmento, a valorização de Agualusa ao texto queirosiano e a sua personagem, que mantém ativa, assim possibilita a sua retomada com diferentes abordagens.

Ana Olímpia recolhe as cartas enviadas por Fradique Mendes a ela no decorrer de vinte anos (1868 – 1888) e as manda para Eça para que possa juntá-las e perceber que ali contem a história da vida dela pelo olhar de Fradique e que nós leitores, conhecemos no decorrer da narrativa:

[...] Aquelas que agora lhe envio, recolhidas entre as muitas que Fradique me escreveu ao longo de vinte anos (e às quais junto outras dirigidas a Madame de Jouarre e que ela recentemente me ofereceu), contam uma história que talvez a si, e aos leitores europeus, pareça um tanto extraordinária. Não é a história da minha vida. É a história da minha vida contada por Fradique Mendes. Conseguirá V. compreender a diferença? (AGUALUSA, 1998, p.138).

Após essa explicação a angolana começa a narrar como conheceu o turista português, e passamos a ler e notar o olhar dela sobre tal personagem. Começa pela primeira vez que o viu e nesse ponto existe a marcação temporal para entender que todas as correspondências abarcam momentos distintos, mesmo a enunciação dando-nos um caráter de linearidade, pois temos o começo, o meio e o fim do envolvimento de Fradique e Ana Olímpia. Ela conta possuir dezoito anos quando o vê: “Vi Carlos Fradique Mendes, pela primeira vez, numa tarde sombria de Maio, em 1868, no cais de Luanda. Eu completara há pouco dezoito anos e só conhecia o mundo pelos livros. Naturalmente, julgava que conhecia o mundo.” (AGUALUSA, 1998, p.138). Na imagem que o protagonista passa não pensamos nela tão nova, pois ele se concentra em descrevê-la focando os elogios a sua beleza. Agora é a angolana que descreve a Eça a primeira vez que viu Fradique, no dia em que ela esperava seu marido Victorino regressar de uma viagem e no desembarcar de várias pessoas, notou duas figuras que lhe chamaram a atenção:

[...] e de repente chamou-me a atenção a figura de um velho de cabeleira branca, rosto muito vermelho, enfiado num casaco de abas curtas, com umas calças de xadrez verde e preto e sapatos de verniz. Ao lado dele estava um homem alto, elegante, de bigode curvo, vestido inteiramente de linho branco. (AGUALUSA, 1998, p. 138-139).

A visão de Ana Olímpia traz características do dândi que não apreendemos na leitura do romance. Imagina-se que ele seja bem vestido, alto, elegante, quando nos lembramos da imagem descrita pelo narrador do texto português, de um Fradique de pele branca, olhos negros e que chega a considerá-lo um “varão magnífico”. Esse é o primeiro olhar da africana para o homem que mudará sua vida. Ela volta a vê-lo durante o Baile do Governador, do qual o protagonista também marca como o momento que conheceu a bela angolana. Mas antes teve o episódio de ser apresentado para a senhora Gabriela Santamarinha, da qual teve pavor, do ponto de vista de Ana Olímpia, esta narra que o viu muito assustado e teve pena, [...] “Vi Fradique tão assustado que tive pena dele. Sorri-lhe e ele sorriu para mim.” (AGUALUSA, 1998, p.139). Do mesmo modo que o protagonista obteve informações sobre a angolana, Ana Olímpia também fica sabendo das aventuras e da importância de Carlos Fradique Mendes através de Arcénio de Carpo que o hospedou e pelo modo que, segundo ela, esse senhor narrava os feitos do português:

[...] Arcénio dizia a toda a gente que tinha em casa o último Português do Velho Portugal. Jurava a pés juntos que Fradique era íntimo de Victor Hugo; que acompanhara Garibaldi na conquista das duas Sicílias; que ainda há poucos meses se batera na Etiópia ao lado da expedição punitiva, anglo-indiana, do marechal Robert Napier. A mim impressionou-me mais saber que ele estivera com Bakunin em Londres, em 1860, bebendo vodka, discutindo Deus e o Estado, ouvindo o grande homem contar como escapara à morte nos campos gelados da Sibéria. (AGUALUSA, 1998, p. 139-140).

Diante de todas as aventuras, a angolana pede para que Arcénio os apresente, dando início à relação entre ambos. No entanto, quem não simpatizou com Fradique foi o marido de Ana Olímpia, este se sentia irritado com as opiniões do português, e sua maneira de ser tão comportado com suas vestimentas, na realidade não acreditava que fosse um homem de verdade, pois quando a esposa sugere de convidá-lo para jantar este, de acordo com ela, responde: [...] “Aquilo não é um homem”, “é uma invenção literária”. (AGUALUSA, 1998, p.140). Ao que ela conclui que ele sentia ciúmes do português.

No entanto, como Victorino não negava nada a esposa, conta que duas semanas depois Fradique, Arcénio de Carpo (pai e filho), apareceram para jantar. Os assuntos, segundo narra, foram sobre perfumes, escravos, a situação dos comerciantes em Angola, e sobre a revolução anarquista. A aproximação entre eles, de fato acontece duas semanas após o jantar, quando Victorino fora viajar e Fradique mandou uma carta a Ana Olímpia para saber se podia recebê-lo e lhe dar conselhos para a viagem que estava preparando a São Salvador do Congo. A mulher recebe-o e mostra sua coleção de mapas, o protagonista aproveita a oportunidade e

fala que Arcénio, filho, é louco pela angolana, que não responde nada. No entanto, decide tomar a iniciativa e a beija:

Fradique olhou-me intensamente: “V. é a prova de que Deus existe”, disse: “e de que é completamente louco”. Inclinou-se para mim e beijou-me e eu beijei-o a ele. Mais tarde voltámos a ver os mapas, e depois jogamos xadrez. Perguntei-lhe o que é que ele tinha querido dizer quando falara na loucura de Deus. Fradique riu-se: “Só um Deus completamente louco seria capaz de conceder um anjo e depois de o lançar no inferno”. (AGUALUSA, 1998, p.143).

A descrição dada pela angolana do começo de seu envolvimento com Fradique Mendes é contada de maneira natural, pois logo no parágrafo seguinte, sabemos que o português partiu para sua viagem e depois para Lisboa. Nesse período ficam sem se encontrar, somente em 1872, se reencontram, e nesse espaço de tempo, ela nos informa que Victorino havia morrido dois anos antes. Segundo, Ana Olímpia, a morte de seu marido deixou-a mal algumas semanas, só depois ela se deu conta de que era uma das pessoas mais ricas de Luanda. E Fradique ao retornar a encontra de luto, vestida com seus panos negros de nga muturi.

A narradora começa a inserir os fatos que aconteceram no tempo em que Fradique esteve em Luanda, maneira de preencher os assuntos inseridos pelo protagonista. Por exemplo, quando o português conta que esteve doente em Benguela, a angolana enfatiza que ele ao regressar estava magro e abatido. Nesse tempo em que Fradique fica perto dela, esta diz se sentir muito feliz, e acredita que ele também. Sabemos que o pai da angolana ficou preso, quando Fradique nos informa, o que lhe contaram. Mas a voz de Ana Olímpia relata esse momento difícil pelo qual passou na infância e como ela e a mãe foram acolhidas por Victorino Vaz de Caminha. Temos a sua justificativa de ter casado com esse homem, união esta que, segundo o protagonista espantou a cidade. No entanto, ela ao prever o interesse de Eça de Queiroz lhe narra:

Há-de querer saber porque me casei com Victorino. A resposta é simples: porque me sentia amada (e protegida). Ao princípio, é certo, tinha medo dele, das suas longas barbas de profeta, do seu olhar incendiado, do seu passado tumultuoso e das suas fúrias repentinas. Depois, pouco a pouco, fui-me deixando seduzir pela torrente arrebatadora daquela paixão tardia. (AGUALUSA, 1998, p. 149)

Percebemos que o fato de casar com um homem mais velho não foi problema para Ana Olímpia, ainda menina. Através de sua carta fica evidente que ela se sentia protegida, pois era tratada como uma princesa, a qual o marido não deixou que lhe faltasse nada, tudo o que sabia transmitia a ela, e quando isso não era possível contratava pessoas especializadas,

como um professor de Paris, François de Bigault, para que aprendesse a língua estrangeira, e um professor de piano, de Nápoles, que se chamava Angelo de la Morte, mas que os escravos lhe apelidaram de Ohali. Após mencionar aspectos de sua vida, volta a falar da convivência com o protagonista. Caracteriza de paraíso o tempo que pôde estar ao lado de Fradique e de inferno quando esteve sob o mesmo teto que Gabriela Santamarinha, aos serviços dessa senhora que lhe odiava. Episódio que marcou profundamente sua vida, mas que se esforça para descrever os detalhes ao escritor português, a situação que enfrentou quando soube que o marido não havia deixado testamento e que não fez uma carta de alforria, sofrimento que conhecemos quando Fradique narra a Madame de Jouarre. A informação nova é que além da loucura de Gabriela, esta tinha horror à felicidade alheia que a irritava. No entanto, Ana Olímpia, julga que ela não conseguiu foi suportar o amor correspondido com o português: [...] “Mas o que ela não podia tolerar era um amor correspondido. A minha relação com Fradique deixou-a de cabeça perdida.” (AGUALUSA, 1998, p. 154). Começou a espalhar pela cidade que Ana Olímpia pretendia fugir com Fradique, mandava cartas anônimas para Victorino e até inventou que o português lhe tinha feito a corte. Segundo a angolana os insultos a cansaram e fora até a casa dessa senhora e lhe disse para parar de colocar seu nome nas intrigas, o que ocasionou grande fúria, até o dia que levou Ana Olímpia para o inferno de sua casa.

Ana Olímpia, como sabemos, fora torturada por Gabriela, até que Arcénio filho, e Fradique fugiram juntos com ela no navio Nação Crioula para o Brasil. Porém, ela sempre sentia saudades de sua terra e em 1889, após a morte de Fradique, ela retornou. Todas as pessoas que conhecera, receberam-na com estranheza e não compreendiam as razões de sua volta, mas sentia que ali era seu lugar. Ao final da carta, comenta que Eça de Queiroz já conhece a sua história, e acrescenta que se casou com Arcénio de Carpo, e que é feliz, “tanto quanto é comum ser-se feliz” (p.159). O tempo que ficou no Brasil, fez com que tudo que conhecia em Luanda mudasse, alguns morreram, outros nasceram, acredita também que poucos ainda se recordam do português Fradique Mendes, e finaliza sua correspondência:

[...] A própria memória rapidamente se dissolve. Creio que aqui já ninguém se recorda de como morreu o velho Arcénio de Carpo, e muito menos se lembram de Fradique Mendes. A mim chamam-me a brasileira e os mais novos acreditam realmente que eu nasci no Brasil. Também por isso lhe entrego estas cartas. Disponha delas como entender. (AGUALUSA, 1998, p.159).

Assim, chegamos ao final da narrativa de José Eduardo Agualusa, e percebemos que a última carta além de constituir o fecho da história de Fradique em Angola, mostra a visão que Ana Olímpia detém sobre sua história, que antes presente apenas na voz do protagonista se

fez presente com o seu olhar. Ao analisar as duas construções romanescas percebe-se que existem dois olhares distintos sobre o protagonista:

[...] É importante notar, ainda, que os dois livros apresentam também um olhar externo sobre Fradique Mendes. No conjunto escrito pelo autor português, existe um capítulo inicial, uma espécie de prefácio intitulado “Memórias e notas”, em que o narrador relata apaixonadamente a história de seu encontro com a personagem, fornecendo informações suplementares sobre ela e ajudando a desenhar, no leitor, a impressão de estar diante de um homem à frente de seu tempo. No texto mais recente, esse olhar externo está presente na carta que Ana Olímpia envia a Eça de Queirós, recuperando dados acerca do modo como conheceu o aventureiro português, oferecendo novos dados que preenchem as lacunas deixadas pelas cartas de Fradique. Essa carta, presente no final da obra – e, talvez, por isso mesmo - distancia-se do caráter pretendido pelas “Memórias e notas”, pois, mais do que orientar o leitor à construção de um retrato definido da personagem, oferece uma nova abordagem que dialoga com as informações enviadas anteriormente, ampliando e transformando os sentidos. (JORGE, 2001, p.366).

As relações que no decorrer desse capítulo se estabeleceram foram uma maneira de mostrar através da comparação como as fronteiras são ultrapassadas e conseguem imbricar obras distintas. Nesse sentido o texto não possui limites, pois pensar na literatura é dialogar com o outro, o local torna-se universal e contribui para a comparação:

[...] Há mais de cem anos, com as marcas do tempo, Texte formulou um princípio básico aos estudos comparatistas: pensar o literário como conjunto de relações múltiplas que ultrapassam fronteiras nacionais. Além disso, ao entender as literaturas e os escritores não restritos aos *limites* da origem, ele aludia a uma das questões centrais do comparatismo em todos os tempos: as relações centrais entre o particular (o local) e o geral (o universal). (CARVALHAL, 2003, p. 51, grifo da autora).

A personagem Fradique Mendes ao possuir o hábito de viajar torna possível comparar a sua visão a partir do olhar do outro com quem passa a manter contato. Assim os dados levantados são de uma visão geral da atuação do protagonista nos dois romances, o último capítulo deterá a análise em algumas cartas que carregam uma união maior entre os textos, seja aproximando ou distanciando-os.

CAPÍTULO 4

A ARTE DE COMUNICAR-SE ATRAVÉS DAS CARTAS.

Nos dois romances estudados um dos pontos em comum é a epistolografia. Os autores dão voz a personagem Carlos Fradique Mendes por meio de suas cartas. O gênero epistolar possui poucos trabalhos teóricos no que se refere às produções de obras literárias ficcionais, em sua maioria, os estudos concentram-se em cartas reais, principalmente de personalidades importantes, tais como os escritores.

Em ambos os romances a personagem Carlos Fradique Mendes ao emitir suas correspondências é detentora de expressar a sua opinião sem precisar de uma voz que fale por ela:

Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”. (BRAIT, 2006, p.61).

No que se refere ao romance epistolar, esse, de acordo com Beth Brait, tem sempre um receptor em mira:

No romance epistolar, assim como nas memórias, o aparente monólogo narrativo tem, diferentemente do diário, um receptor em mira, ainda que esse destinatário não esteja implicando nos acontecimentos. Por meio desse recurso, a caracterização da personagem num tempo passado que é recuperado pela narrativa como uma maneira sutil, um pretexto para mostrar o presente e as nuances da interioridade. (BRAIT, 2006, p.62).

No caso de Fradique percebemos que seus interlocutores não compartilham da troca de cartas dentro do romance, mas as suas intenções somos capazes de inferir através das correspondências do protagonista. A própria carta por possuir como característica o fato de ser ilimitada, pode aproximar-se de outros tipos de escritas: [...] “à sua própria textura a aproximam do diário, da confissão, do romance, do relato de viagem, e, até, do teatro.” (ROCHA, 1965, p. 26).

As cartas eram usos comuns nas literaturas de viagens, uma maneira de relatar ao outro o que se passava no local onde estavam, cabe lembrar, por exemplo, as cartas de descobrimentos, como as de Cristóvão Colombo ou Pero Vaz de Caminha, nas quais esse tipo de escrita era a fonte predominante para relatar o exterior, e claro, devido à intimidade ali

transposta, era sempre um lado da história que se tornava relevante. O narrador viajante transmite suas impressões, assim como lemos nas cartas de Fradique Mendes em *Nação Crioula*, são os fatos que mais lhe chamaram a atenção que são mencionados. Essa epistolografia dos narradores viajantes fez com que as cartas alcançassem domínios maiores, nas palavras de Andréé Crabbe Rocha:

No Renascimento, a epistolografia conquista domínios inéditos, nos quais se expande largamente. É sob forma de carta que chegou até nós boa parte da atividade narrativa dos viajantes dos novos mundos: observadores, como Pero Vaz de Caminha, cabos de guerra, como Albuquerque, missionários, viso-reis ou historiadores – todos os obreiros da aventura ultramarina deram à carta incremento notável. (ROCHA, 1965, p. 28).

Os relatos de viagens acabam, também, por estarem ligados ao colonialismo e, além de representar estes há também os missionários, os comerciantes, os conquistadores que descreveram sua impressão do local a outro, nesse sentido o indivíduo ao encontrar-se diante de pessoas ou da natureza precisará de alguém como interlocutor ou receptor de suas informações. Deste modo, de acordo com os autores, Antonio R. Esteves e Sérgio Augusto Zanoto, em *Literaturas de viagem – viagem na literatura*, este outro se torna fundamental ao relato de viagem:

No que sim parece haver consenso é que a viagem, ou o relato de viagem, permite colocar o indivíduo diante do *outro*. E a experiência da constatação da existência do *outro*, ao nosso lado, ou mais diante, leva, parece ser consenso nos últimos tempos, à constatação de que um *eu* não pode existir sem um *ele*, ou um *você*. Nesse sentido, há poucas dúvidas com relação à importância da viagem e de seus relatos na construção da identidade, seja individual, cultural, política ou ideológica. (ESTEVES, 2010, p.15, grifos dos autores).

Ao viajar, o ser humano depara-se com culturas distintas que servem como experiência de vida, no caso dos viajantes europeus que foram em busca de novas descobertas, Silviano Santiago ao discorrer sobre porque viaja o europeu, coloca que: “o europeu viaja porque é curioso pelo que desconhece.” (SANTIAGO, 2002, p. 222). Esse também, como define o autor na parte “O turista” tem: [...] “A condição de viajante (de viajante sabichão, já que sabe mais que os nativos) é indispensável ao europeu que quer impor um significado ao seu Outro no próprio campo do Outro.” (SANTIAGO, 2002, p.236). Em vista dos olhares dos autores europeus e seus relatos de viagens, seja com intuito de comércio, de colonização, de exploração ou de turismo, o fato é que isso proporcionou diversas manifestações em formato de livros, de diários, de cartas. E é esta última que nos auxilia a

pensar, principalmente na composição de *Nação Crioula*, pois encontramos um turista europeu que manifesta seu olhar através das correspondências.

Nos textos mais antigos, desde a poesia épica à tragédia o ato de narrar, de contar ao outro suas histórias, está presente na vida do ser humano. Com o surgimento do gênero romance essa característica é fortemente presente nas histórias. O romance foi por muito tempo considerado um gênero menor. Segundo Bourneuf e Ouellet, a palavra “romance” evoca conotações agradáveis:

“Romance”, portanto, identifica-se de imediato a “lazer”, a “férias” do corpo e da imaginação, a “diversão” no sentido de que nos afasta da vida real para nos imergir num mundo fictício. Na realidade, talvez o romance permita atingir melhor a realidade e conhecê-la profundamente, mas para o leitor vulgar o romance é, em primeiro lugar, uma história complexa e inverossímil, encontros miraculosos, heróis demasiado perfeitos e heroínas demasiado belas para serem verdadeiros. (BOURNEUF, 1976, p.5)

Com o passar do tempo a palavra romance foi ganhando diferentes sentidos, alguns pejorativos, por exemplo, [...] “A censura é dirigida a Mme Bovary, espírito “romanesco”, como às leitoras do correio sentimental”. (BOURNEUF, 1976, p.6). No século XII, romance designava um escrito em verso e a língua na qual era regido, depois se referia a qualquer obra em língua vulgar. Na França, a partir do século XII dá se início às produções romanescas:

[...] um primeiro grande florescimento romanesco, com *Percival, Le Chevalier de la charrete* de Chrétien de Troyes, *Le Roman de Tristan* de Béroul, fonte de inúmeras variantes sobre o tema do amor impossível. Três séculos mais tarde, essas longas narrativas em verso foram passadas a prosa e o público do século XVI apaixonava-se ainda por essas histórias de cavaleiros [...]. No século XVII, a moda abandonou estas aventuras fabulosas em favor das dos pastores e das pastoras cujos amores nem por serem infelizes eram menos belos. [...] No século XVIII, com Montesquieu, Voltaire e Rousseau, o romance é chamado à luta pelo triunfo das Luzes. (BOURNEUF, 1976, p. 7-8).

Como exposto na citação acima, o romance sofreu modificações até introduzir-se na vida cotidiana das pessoas. Antes era artigo de luxo, apenas os ricos tinham acesso a ele, o que reduzia os números de leitores. Além disso, outros fatores contribuíram: [...] “deficiência de luz à noite, pela impossibilidade de isolamento nas habitações superpovoadas, pela falta de bibliotecas de empréstimos.” (BOURNEUF, 1976, p.9). Pode-se dizer que “o termo “romance” só se consagrou no final do século XVIII” (BOURNEUF, 1976, p.10). Ainda segundo os autores mencionados acima, com a invenção das máquinas no século XIX, o público do romance se expande e chega até os meios sociais mais afastados da cultura, as

grandes tiragens reduzem o preço dos livros e também a difusão dos jornais que faz nascer o romance-folhetim. E no século XX já acontece o fenômeno da “massificação”.

O romance passa por várias modificações, mas é ele que manterá fortemente o ato de narrar das diferentes sociedades e tempos:

[...] aquele que se utiliza prioritariamente deste recurso é o romance. Se nós o entendermos como uma narrativa em prosa que, em última instância, conta uma história, veremos que o ato de narrar se modifica durante os séculos, absorvendo influências externas e refletindo um modo de viver e de pensar característico de cada época. (VALENTIM, 2006, p. 18).

Neste gênero literário há ainda uma forma de manifestar-se com mais ênfase na experiência pessoal – a carta. Ao longo do século XIX a carta aparecerá nos romances como estratégia ficcional voltada, muitas vezes, para o convencimento do leitor. Nesse tipo de narrativa a personagem ao mesmo tempo em que vive é capaz de contar ao outro sobre sua vida, há escritores que produziram romances com esse recurso que permite ao leitor maior proximidade com a consciência da personagem. Alguns inserem cartas no desenvolver da história, como Camilo Castelo Branco, em *Amor de Perdição* (1862), no qual as correspondências trocadas entre Simão Botelho e Teresa Albuquerque, servem como elo entre os amantes. Eça de Queiroz em *O Primo Basílio* (1878), utiliza a carta como uma espécie de conquista para a empregada Juliana que através das correspondências guardadas passa a chantagear a patroa Luísa. Outros textos inserem esse recurso apenas como meio de comunicação, como no romance *Le Père Goriot* (1835), de Honoré de Balzac, as pequenas cartas de Eugène de Rastignac para as irmãs Anastasie de Restaud e Delphine de Nucingen servem apenas para breve informação sobre a saúde do pai. O texto epistolar será retomado ao longo dos anos como uma forma de estratégia dos autores para ampliar as possibilidades estruturais desse tipo de escrita. Como exemplo, temos, *Carta ao futuro* (1958), de Vergílio Ferreira, livro no qual o escritor português retoma esse tipo de escritura da tradição literária e utiliza as cartas como formas ensaísticas da escritura ficcional. Encontramos a sua estratégia em escrever a um “amigo” do futuro, não há um destinatário explícito, dirige-se a própria humanidade, a relação de Virgílio com a carta é expressa já no início de seu ensaio, o que reforça o caráter de uma forma direta de comunicação: [...] “Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque é ela a forma de comunicação mais directa que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo.” (FERREIRA, 1966, p. 9).

Ian Watt, que analisou o romance na Inglaterra no século XVIII, menciona dois romances que trazem a manifestação da experiência pessoal através das cartas, *Pamela* e *Clarissa*, de Samuel Richardson. Este adota a correspondência para dar maior subjetividade às narrativas. Esse meio de escrever romances era pouco utilizado, uma vez que as cartas serviam mais para o teor público,

[...] No século XVI e mesmo antes a maioria das cartas tinha um teor público, referindo-se a questões comerciais, políticas ou diplomáticas. Naturalmente também se escrevia sobre outros assuntos – literatura, problemas familiares e até amor - , mas parece que essas cartas eram um tanto raras e limitadas a um círculo social mais ou menos restrito. (WATT, 2010, p. 200).

Essa escolha do escritor fez com que inserisse na ficção maior sentimentalismo ao construir uma narrativa com carta informal que pressupõe mais subjetividade, pois:

[...] Mais que o diálogo a carta informal permite que o autor expresse seus sentimentos com maior sinceridade, e o culto desse tipo de correspondência se difundiu amplamente na época de Richardson, que também o adotou. [...] pode-se considerar o estilo de Richardson um reflexo de uma mudança bem maior: a transição da orientação objetiva, social e pública do mundo clássico para a orientação subjetiva, individualista e privada da vida e da literatura dos últimos duzentos anos. (WATT, 2010, p. 186).

Nesse sentido no romance, *Pamela* (1740), Richardson coloca a protagonista, Pamela, como uma criada que se corresponde com seus pais, ela ao saber escrever distancia-se de sua classe social: “A habilidade epistolar de Pamela indica, contudo, uma posição social um pouco mais elevada que a sua – ela definitivamente não precisa que ninguém a ajude a redigir!” (WATT, 2010, p. 200). A explicação para esse fato está na distinta maneira como foi criada:

[...] Na verdade Pamela foi criada segundo o modelo daquelas inúmeras senhoras do século XVIII que seguiam o conselho de Richardson relativo ao emprego do tempo ocioso: “Nos dedos de uma mulher a pena é um instrumento quase tão belo quanto a agulha.” (WATT, 2010, p. 200).

O uso das cartas na produção literária permite a proximidade do leitor com a experiência cotidiana do indivíduo observando seus sentimentos, sensações e pensamentos. Além disso, “A principal vantagem consiste no fato de as cartas serem a prova material mais direta da vida interior de seus autores.” (WATT, 2010, p. 202). O método epistolar ajuda o escritor “a produzir algo aceitável como a transcrição espontânea das reações subjetivas dos protagonistas aos fatos na medida em que estes ocorrem.” (WATT, 2010, p. 203).

No segundo romance, *Clarissa* (1748), Richardson insere a protagonista como pertencente a uma rica família, o enfoque social é distinto do livro mencionado acima. Assim, como em *Pamela*, o escritor cria o enredo a partir das correspondências trocadas entre as personagens, mas segundo Watt, em *Clarissa* a construção do drama é reforçada nas cartas o que não acontece no anterior, pois existia “só uma correspondência principal – entre a heroína e os pais” (WATT, 2010, p. 220). Nesse sentido:

Em *Clarissa*, contudo, o método epistolar carrega todo o peso da trama, que, conforme Richardson diz no posfácio, é, mais uma “narrativa dramática” que uma “história”. Sua diferença principal e evidente com relação ao drama é importante: as personagens se expressam não por meio de falas, mas de cartas – uma distinção que está plenamente de acordo com a natureza intimista e subjetiva do conflito dramático envolvido. (WATT, 2010, p. 221).

O escritor inglês consegue em seus romances introduzir o cotidiano para dentro das narrativas por meio das cartas informais, nas quais os interlocutores compartilhavam de seus sentimentos e pensamentos. Com Richardson, “O emprego da forma epistolar também leva o leitor a sentir que realmente participa da ação, com uma intensidade até então inédita.” (WATT, 2010, p. 26).

Outro escritor a compor seu romance apenas de cartas é Choderlos de Laclos com *Les Liaisons Dangereuses* (1782), no qual vários personagens participam do jogo de envios e respostas:

[...] Mas é no romance epistolar com envios e respostas de diversos correspondentes que o caráter simultaneamente relativo e plurívoco dos acontecimentos e das personagens mais é posto em relevo. Em *Les Liaisons dangereuses*, por exemplo, não somente o mesmo acontecimento é contado várias vezes por correspondentes diferentes, mas ainda é contado diferentemente pela mesma personagem consoante se dirige a este ou àquele outro. Valmont e Mme de Merteuil utilizam com frequência o processo para agir sobre o correspondente, para enternecê-lo ou para enganá-lo. (BOURNEUF, 1976, p. 120).

Esse tipo de narrativa possui mais intimidade com o leitor, no caso de Carlos Fradique Mendes ser o único remetente sua personalidade é facilmente revelada, e essa característica varia de acordo com a quantidade de cartas trocadas dentro de uma narrativa, assim de acordo com Antonio Candido poderíamos aproximá-lo do texto de Goethe:

Os que estudaram essa modalidade narrativa indicam entre as características a proximidade maior com o leitor, que parece estar vendo a realidade se formar à medida que o missivista escreve. Isto ajudaria a verossimilhança, porque o missivista é uma espécie de testemunha fidedigna da informação. Quando ele é apenas um, como no *Werther*, de Goethe, a revelação da sua personalidade pode ser mais profunda; quando há troca de cartas, como em *Gente pobre*, de Dostoiévski, estabelece-se uma dualidade de visão que ilumina os fatos narrados; quando os

correspondentes são muitos, como n' *As ligações perigosas*, de Laclos, forma-se um contraponto de perspectiva. (CANDIDO, 2004, p. 68).

O ato de produzir um texto em forma epistolar torna a narrativa com características mais pessoais, se pensarmos nos dois livros analisados a personagem Fradique Mendes é o remetente que produz sua carta e aborda a sua opinião a um outro que, ao manter-se distante, se fará presente no momento que sua função de leitor e futuro remetente entrar em ação. Michel Foucault no livro *O que é um autor*, traz questões referentes ao papel da correspondência. E através desse processo de escrita que quem escreve ao mesmo tempo se faz presente e se manifesta ao outro e a si mesmo, pois o que deseja narrar e a maneira de narrar aproxima quem enviou e quem recebeu a carta:

[...] A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas aventuras ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 2000, p. 149-150).

A carta como um meio de se comunicar antigo tem o papel de aproximar ao mesmo tempo em que faz sentir-se a presença do outro como única maneira de contato direto. Por meio da escrita contida na correspondência o remetente expõe-se, primeiro por estar ali sua letra, uma característica pessoal de recordação e de segurança para quem lê, e segundo por relatar e descrever a seu interlocutor sua intimidade:

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 2000, p.150).

Ainda no texto de Michel Foucault que trabalha com as cartas de Séneca com Lucílio, algumas características mencionadas colaboram para entendermos alguns pontos da personagem Fradique Mendes de *Nação Crioula*. Nessas correspondências Foucault menciona a existência de dois elementos que passam a servir de ponto estratégico quando “a narrativa de si é a narrativa da relação a si” (p.152). O primeiro está relacionado com a saúde que evolui para as descrições que o remetente passou:

As notícias da saúde fazem tradicionalmente parte da correspondência. Pouco a pouco, porém, adquirem a dimensão de uma descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal-estar, das diversas perturbações que se terão podido experimentar. (FOUCAULT, 2000, p. 153).

Após essa citação cabe lembrar que Fradique Mendes ao enviar uma carta a Ana Olímpia, de Benguela, conta que esteve doente, no entanto a descrição de seu estado físico é curta e direta não ocupa a correspondência inteira com este assunto. Ao informá-la procura enfatizar que não deixa de pensar nela mesmo com a saúde fragilizada: [...] “Estendido nesta cama, ardendo de febre e no entanto trémulo de frio, procuro entender os segredos da África. E penso em si. Penso muito em si.” (AGUALUSA, 1998, p.29).

O segundo elemento diz respeito à importância de narrar ao outro cada detalhe dos acontecimentos do cotidiano. Se recordarmos a personagem ao dirigir-se à angolana não hesita em descrever, como havia lhe prometido, cada dia da semana desde o momento em que se separaram no Cais de Ramos, em Pernambuco. O próprio Fradique reforça que começou a tomar nota do que lhe ia acontecendo para enviá-la. Segundo Foucault essa prática de relatar ao outro é a qualidade de um modo de ser, pois:

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana. Relatar o seu dia – não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, não a relevância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser – faz parte da prática epistolar. (FOUCAULT, 2000, p.155).

Como veremos adiante, no livro de Agualusa a personagem Fradique através de uma carta informa sua vida cotidiana para Ana Olímpia de maneira a revelar seu modo de ser naquele momento, um homem apaixonado. No entanto, a personagem de Eça de Queiroz não mantém esse mesmo espírito para informar à Clara o seu dia-a-dia, diz ser um exagero da parte dela.

Algo em comum em ambos os livros estudados é a personagem principal manter sua característica de turista, assim não se fixa em um espaço seu percurso se estende o que irá tornar a carta o meio de amenizar a necessidade de se comunicar e de não se sentir só. Nádya Battella Gotlib ressalta que:

A distância pode ser considerada, de modo geral, o motivo propulsor da prática do gênero epistolar. Os agentes de tal escrita, sem a possibilidade do diálogo pela via da fala um diante do outro, procuram então, pela troca de papéis escritos, sob a forma de bilhetes, notícias, cartas, ou até verdadeiros tratados de diversificados registros, instaurar um espaço de comunicação, conversa de longe, tentando assim abreviar os metros ou até milhares de quilômetros que os separam um do outro. (GOTLIB, 2003, p.113).

No romance de Eça de Queiroz como verificamos, Fradique Mendes se corresponde com um número maior de destinatários para os quais escreve sobre diferentes assuntos para dar sugestões, expressar opiniões ou no caso de sua madrinha, mantê-la informada e diminuir a distância. Porém, vemos a situação da ausência mencionada no fragmento acima mais presente nas cartas de Fradique à angolana no romance de José Eduardo Agualusa, no qual transparece a falta de estar ao lado da pessoa amada e a maneira de amenizar é o diálogo da correspondência, e dessa narrativa só temos conhecimento de um lado, para o outro só resta a imaginação. E todas as informações só existem porque os correspondentes encontram-se distanciados, o espaço que os separa é provocado pela experiência da viagem:

A correspondência nasce, pois, de uma falta. A falta da presença do outro. E tem caráter de suplência. Tenta suprir ou pelo menos amenizar, amortecer, essa falta da presença do outro. E justamente por esse fator, que implica estar o outro em lugar distante, ou em país distante, o gênero traz consigo questões implícitas: a do deslocamento pela viagem, a experiência de se estar no lugar distante e a de como tal lugar ocupa espaço no território epistolográfico. (GOTLIB, 2003, p. 113-114).

Quanto ao contexto das cartas enviadas pela personagem nos romances é possível dizer que é híbrido, uma vez que, Fradique remete-as de distintos lugares. No livro do escritor português encontramos correspondências de Londres, de Paris e de Lisboa, já em *Nação Crioula* temos como espaço a África (Luanda, Benguela e Novo Redondo), Portugal (Lisboa e Quinta da Saragoça), Paris e Brasil (Olinda, Engenho Cajaíba no Recôncavo Baiano e Rio de Janeiro). Essa diversidade de espaço procura manter o diálogo da personagem com seus interlocutores, embora não possamos ter conhecimento do jogo de envios e respostas, através das cartas de Fradique podemos imaginar as reações das outras personagens o que faz prevalecer o diálogo de espaços:

[...] a carta, por injunção das circunstâncias de seu próprio processo de gênese, traduz um contexto híbrido por natureza: remete sempre ao lugar onde se está – o do remetente – em função do outro, aquele ao qual se destina – o destinatário. Tal diálogo de espaços desdobra-se por sua vez em novo corpo textual, equivalente sob a forma da resposta, que repete o esquema dialógico, e tal esquema repete-se assim sucessivamente, em cadeia, que permanece enquanto dura, ou seja, até que tal corrente discursiva, por algum motivo, se rompa. (GOTLIB, 2003, p. 114).

As respostas direcionadas ao protagonista ficam ocultas, o jogo discursivo se rompe em *Nação Crioula* quando Fradique Mendes morre. A última carta que compõem o romance, a de Ana Olímpia serve de fecho para a história. Já o texto de Eça de Queiroz traz um narrador que seleciona as correspondências após a morte de Fradique, o que conhecemos com a publicação é a intimidade desse homem e sua relação com as pessoas as quais escreve,

graças ao papel do narrador inserido pelo escritor para manter viva a obra o que faz necessária a biografia:

[...] Os escritos de Fradique precedidos de uma biografia erigem em paradigma do código queirosiano, parecendo querer confirmar, se houvesse a necessidade disso, que a obra é una, continente e conteúdo, pouco importando desde que permaneça a letra. Letra que teria permanecido morta sem esse epílogo revelador que representa a *Correspondência*. (PETIT, 2000, p.116).

Com a antecipação biográfica de Fradique Mendes, as cartas podem ser lidas como uma maneira de manter na memória com o passar do tempo essa figura que viveu e conviveu com personalidades históricas. Sendo assim, [...] “Por essas cartas destinadas à posteridade, Fradique, e com ele seu criador, escapa ao tempo.” (PETIT, 2000, p.116). Fradique como um homem que escreve, mas sem a pretensão de ser escritor precisa ter um narrador para dar-nos informações e ao mesmo tempo instigar a curiosidade para conhecer um pouco mais a vida do turista português.

Eça de Queiroz como já vimos não compõe *A Correspondência de Fradique Mendes* apenas de cartas e José Eduardo Agualusa já mantém *Nação Crioula* com um romance epistolar. Buscaremos comentar nessa parte apenas as cartas mais relevantes de cada obra, se faz necessário um recorte devido a grande quantidade delas. O escritor português fez muito uso desse meio de comunicação e inseriu como característica de Fradique, uma vez que este viajava e necessita relatar suas experiências. Segundo o “Prefácio” de André Crabbé Rocha :

A carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. Compartilhado por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. *Communicare* não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda “pôr em comum”, “comungar”. Escreve-se, pois, ou para *não estar só* ou *não deixar só*. (ROCHA, 1965, p.13, grifos da autora).

Tomaremos por base alguns conceitos utilizados pela autora citada acima no que se refere à estrutura da carta, embora sejam de cartas reais, utilizaremos alguns pontos na observação dos romances. O primeiro ponto é o “lugar” importante na troca epistolar, o distanciamento entre os correspondentes, o Fradique de Eça, como vimos, possui diversos destinatários, o que não vai ser diferente no de Agualusa, embora com um número menor de interlocutores, a característica relevante para essas cartas é a viagem à Luanda, que não seria possível se a personagem não fosse um viajante, pois, [...] “O turista mais rebelde à letra manuscrita sente-se na obrigação – ou na necessidade – de reafirmar o seu afecto e de transmitir um resquício das emoções vividas, por meio do correio.” (ROCHA, 1965, p.14).

Como um privilegiado e conhecedor de mundos o protagonista sente a ausência dos outros e ao mesmo tempo a necessidade de compartilhar suas experiências através das palavras:

[...] A ausência não só motiva, pela nostalgia dos contatos humanos perdidos ou interrompidos, um desejo de reafirmação no campo dos factos, como provoca também um considerável enriquecimento daquilo que se tem para dizer: outros mundos, geográficos ou espirituais, nutrem de revelações e experiências inéditas o recheio da carta. (ROCHA, 1965, p. 14-15).

Ao relatar suas viagens e manter informados seus interlocutores, a personagem consegue transmitir o que viveu e sua intimidade de maneira abrangente, pois ninguém melhor que ela para contá-las. Outra pessoa que fosse narrar não conseguiria universalizá-las uma vez que seu olhar já se tornaria diferente, assim [...] “A singularidade da experiência corresponde a singularidade do testemunho, e esse, sim, tem projecção universal.” (ROCHA, 1965, p.15).

O próximo item é a “data” que serve para situar o leitor no tempo, na maioria das vezes a carta é datada, ou traz a indicação do dia da semana ou mês. Aqui temos um ponto que distancia os dois romances, o Fradique do escritor português nunca datava suas correspondências, a única marcação temporal era o mês, detalhe este já anunciado pelo narrador. Em contrapartida, o de José Eduardo Agualusa data todas as cartas emitidas pelo protagonista, insere cidade, mês e ano, amplia a visão do leitor que se localiza com mais facilidade ao período histórico abordado. Essa questão do tempo é característica do gênero epistolográfico que precisa de certa distância para que os sujeitos possam interagir através do discurso:

Também no diálogo epistolográfico os sujeitos e, conseqüentemente, os seus discursos, estão dependentes do seu “posicionamento” no espaço-tempo – sujeito e espaço(s)-tempo(s) são elementos que interagem entre si. De facto o diálogo epistolográfico é determinado por uma diferença espaciotemporal existente entre dois sujeitos; por sua vez este diálogo pode alterar ou modificar essa relação em termos de distância. (SIMÕES, 1987, p.17).

O terceiro ponto abordado pela escritora é o “destinatário”, este é de suma importância para o epistológrafo que vai se dirigir a ele conforme sua relação de confiança, se é uma pessoa mais íntima ou não. Devido a isso a reação do outro ao receber a carta deve ser captada pelo leitor, pois, [...] “devemos ler, sem nunca perder de vista a repercussão que provocou nesse *correspondente*.” (ROCHA, 1965, p.18). Em ambos os romances a interação de remetente e destinatário se faz presente, em muitos momentos, como veremos adiante,

sentimos ressoar a opinião ou reação dos leitores de Fradique Mendes. A “assinatura” como marca característica desse gênero é encontrada nas duas narrativas.

Andrée Crabbé Rocha menciona ainda o “segredo” como aspecto de relevância na composição da carta que traz normalmente um caráter confidencial, secreto da mensagem, mais forte em determinadas épocas e mesmo assim acabavam sendo violadas. Diferentemente do que encontramos nos romances, uma vez que são projetos literários e não correspondências verdadeiras, deparamo-nos mais com detalhes do dia-a-dia da personagem. O seguinte ponto imbrica com o texto de Eça de Queiroz, refere-se à “divulgação e publicação de cartas”, quando o escritor produz sua correspondência seu intuito na maioria das vezes é comunicar-se com apenas um leitor, quando deseja o contrário ele mesmo sugere a divulgação ou prefere o aspecto confidencial:

[...] A obra de criação, para atingir o seu fim, necessita de abranger o maior número possível de leitores. A carta pretende comunicar com um leitor único, e como tal, prescinde da publicação. Pode até o seu autor desejar e especificar que a mensagem permaneça estritamente confidencial. (ROCHA, 1965, p.22).

No caso de Fradique Mendes, até onde conhecemos, ele não tinha a pretensão de publicar nada, esse fato é inclusive acrescentado no Fradique de Agualusa ao escrever para Eça de Queiroz-personagem, quando diz não ter vivido o suficiente para escrever nenhuma obra literária. Diante disso, o papel do narrador é fundamental na recolha e publicação das cartas após a morte do protagonista na tentativa de homenageá-lo:

A recolha de cartas dum escritor, em muitos casos, coincide, ou, mais exatamente, segue de perto o seu enterro – e oferece, por isso, um aspecto algum tanto necrológico. Mas corresponde, no fundo, a um desejo premente de avolumar, com todas as parcelas que a compõem, a obra inelutavelmente truncada pela morte. (ROCHA, 1965, p.22).

A divulgação das cartas do protagonista feitas pelo narrador-anônimo tem a função de ampliar e compartilhar o que pertencia a apenas um leitor para vários. O “valor biográfico e estético” analisado pela escritora refere-se à justificação da ordem biográfica como a mais fácil de demonstrar, pois a carta é “uma revelação da personalidade íntima no que tem de mais superficial como de profundo.” (ROCHA, 1965, p.24). As correspondências da personagem de Eça são publicadas, conforme nos informa o narrador, sem uma ordem, algumas revelam aspectos do cotidiano, outras a intimidade de Fradique, mas o fato de serem a distintos destinatários mostra mais a personalidade desse homem, o que não aconteceria ao conhecer

apenas uma carta. Já no romance *Nação Crioula*, as correspondências seguem uma ordem por ser um recorte daquele momento vivido em Angola e o que se passou depois.

O último ponto destacado é “o conteúdo da carta”, este é ilimitado e vai de acordo com os interesses e as intenções. No caso do turista dos romances, cada correspondência traz uma informação diferente que cria motivações para com o leitor a quem se dirige, e já no início através das saudações notamos se o assunto será mais informal ou não. Com esses aspectos levantados nota-se que os escritores seguem a estrutura de cartas verdadeiras para dar maior credibilidade para o eu que se afirma na carta.

O escritor Eça de Queiroz como exímio produtor de cartas fez transparecer em Fradique Mendes o domínio de prosador que narra os mais simples acontecimentos de sua vida como trechos de literatura. A impossibilidade do diálogo direto com o outro torna a correspondência o elo para transmitir-se a experiência pessoal à outra pessoa, nas palavras de Maria João Albuquerque Figueiredo Simões (1987): “Como é reconhecido pelo senso comum, uma carta surge da necessidade de um sujeito (um ‘eu’) comunicar algo (um ‘objecto’) a um outro (um ‘tu’) com o qual se encontra impossibilitado de comunicar *in praesentia*. (SIMÕES, 1987, p.12).

A forma como Fradique Mendes em ambos os romances inicia suas cartas, leva-nos a pensar na relação de intimidade que se fixa com os interlocutores, sempre com saudações amigáveis “Querida Madrinha”; “Minha amiga”; “Meu caro”; “Minha doce princesa”. No entanto, nas mais formais exige-se um tratamento diferenciado, tais como nas cartas “Ao Sr. E. Mollinet”, Diretor da Revista de Biografia e de História e “Ao Mr. Bertrand B.”, Engenheiro na Palestina. Além dessa relação, a correspondência pode ser preenchida nos espaços vazios quando não sabemos a opinião do interlocutor, pelas expressões e recursos utilizados, como a interrogação ou os pedidos de resposta, por exemplo, no romance angolano que são mais comuns quando Fradique escreve a Ana Olímpia e pede para que lhe responda ou para que tome cuidado, são frases que guiam o leitor a possível carta resposta. Nas cartas do Fradique de Eça nota-se mais a imposição da opinião da personagem, como na correspondência a Madame S., na qual expõe sua opinião para a pouca necessidade de se falar bem a língua estrangeira e falar bem apenas o seu idioma de origem. Esse recurso utilizado por Eça de Queiroz, de acordo com Ana Teresa Peixinho, revela uma estratégia bem construída na composição do discurso:

Apresentar Fradique por cartas revela-se uma estratégia de tal maneira importante na estruturação da sua personalidade e na construção do seu discurso que o narrador-editor d'A Correspondência de Fradique Mendes tem o cuidado de reservar os dois últimos capítulos da biografia ao tratamento do espólio de Fradique, bem como aos princípios que terão estado na origem da publicação de textos, à partida privados e particulares, como são as cartas que este terá enviado a um conjunto diversificado de ilustres destinatários do seu tempo. (PEIXINHO, 2002, p. 340).

Ainda segundo a estudiosa, o assunto das correspondências “depende da formação, dos gostos e das ideias dos destinatários a que se dirigem e, sobretudo, dependem do conhecimento que o leitor deles adquirira, pela leitura de *Memórias e Notas*.” (PEIXINHO, 2002, p.346). Outro fato a notar é que a personagem ao emitir suas cartas a pessoas conhecidas, como Oliveira Martins, busca exaltar características dessas personalidades de conhecimento do público leitor de Eça de Queiroz. Por exemplo, Oliveira Martins além de escritor era também historiador, o que faz Fradique escrever uma carta na qual discorre sobre a fotografia de uma múmia. Para Guerra Junqueiro, que era poeta, inicia a correspondência exaltando esse talento “A sua carta transborda de ilusão poética.” (QUEIROZ, 2008, p.137). Ainda segundo Simões (1987) nessas cartas aparece a valoração dessas figuras, também as características de Ramalho Ortigão são mencionadas por Fradique:

Há nos textos-cartas múltiplos indícios (normalmente vinculados por atributos valorativos) que sugerem a criação dessa imagem, como podemos ver, por exemplo, na carta a O. Martins o adjectivo “erudita” remetendo à cultura do historiador, [...] e ainda o adjectivo (maiusculado) “Ramalhal” e os substantivos “esplendor” e “viço” que remetem, inegavelmente, para a aparência física de Ramalho Ortigão. (SIMÕES, 1987, p.53).

Nesse sentido as cartas do Fradique de Eça carregam maior proximidade com essas personalidades históricas que são valorizadas. Já nas do Fradique de Agualusa a única figura real é o próprio Eça de Queiroz com o qual a personagem corresponde-se e lhe informa dos acontecimentos de sua aventura em Angola, o escritor insere fatos reais da vida de Eça como o tempo em que viveu em Newcastle-on-Tyne para enfatizar que conhecia a personagem e era de fato íntimo do escritor. Ambos saem juntos para jantar e compartilham dos mesmos gostos, como narrado nesse trecho de uma carta a Ana Olímpia:

Há uma semana atrás fui com o Eça de Queiroz comer um bacalhau à Mouraria, numa taverna que ele cultua com justo (justíssimo!) fervor. Exilado vai fazer quatro anos em Newcastle-on-Tyne, onde, a bem da nação, definha e escreve, o meu amigo veio a Lisboa à procura de Portugal. Não encontrou sinais da heroica pátria de Camões nem do Rossio nem do Chiado, e então, quase descrente, lembrou-se da Mouraria e da taverna. Fomos os dois, e ali encontrámos realmente Portugal, sentado entre vadios e varinas, cantando o fado, cheirando brutalmente a alho e a suor. Vejo o bacalhau, esplêndido, com o grão-de-bico, os pimentos, a salsa fresca, e nós calámo-nos para celebrar tão grande momento. Saímos já passava da meia-noite,

exaustos mas refeitos, arrotando a Pátria, e um pouco tontos porque o tinto era óptimo. (AGUALUSA, 1998, p.111-112).

Cabe lembrar que Fradique Mendes também é um narrador diferente do que encontramos na primeira parte de *A Correspondência de Fradique Mendes* que narra a vida da personagem através de sua visão. Ao compor as cartas o protagonista atua como alguém que narra sua vida cotidiana repleta de subjetividade e claro de sua visão, dessa maneira:

Para um narrador, a maneira mais simples e mais total de estar presente na narrativa é contar as suas memórias ou publicar o seu diário íntimo. Ele garante-se assim um lugar central donde poderá ter uma visão sobre tudo o que constitui a matéria da sua narrativa. Visão estreita, subjectiva, sujeita a caução, mas privilegiada por permitir – teoricamente, pelo menos – transcender a oposição tradicional sujeito-objecto: o sujeito é o objeto da sua narração. (BOURNEUF, 1976, p. 114-115).

A carta carrega uma carga de subjetividade que aparece no discurso de Fradique no romance queirosiano quando comenta ou descreve alguma situação para convencer seu interlocutor, [...] “a subjectividade inerente a este género discursivo encontra-se bem presente, na forma como Fradique descreve, comenta, critica os quadros e as situações, tentando persuadir o seu destinatário, e conseqüentemente, o leitor, a adoptar o seu ponto de vista.” (PEIXINHO, 2002, p.344). No entanto, a privacidade da vida do protagonista poucas vezes é mencionada se compararmos as descrições feitas por Fradique em *Nação Crioula*, onde transparece a necessidade de informação para Ana Olímpia com tons sentimentais que no primeiro romance encontramos nas cartas à Clara. No texto de *Eça*, Fradique escreve a um número maior de destinatários e embora transpareça a sua opinião, de sua vida fala pouco, o que é distinto nas correspondências para a angolana, Madame de Jouarre e Eça-personagem os quais mantêm informados de sua aventura em Luanda.

Assim em ambos os romances a personagem ao corresponder-se com seus interlocutores transmite sempre seu ponto de vista por mais que o discurso seja diferente com os destinatários. Fradique é um narrador autodiegético, pois ao mesmo tempo em que narra o que pensa, sente e vive é também o herói. E nessa troca epistolar o diálogo do “eu” para com os “outros” é fortemente marcado pela característica da conversa, o narrador constrói seu discurso e imaginamos a resposta dos interlocutores:

A carta, quer seja dirigida a outrem, quer fale de outrem, possui vários atributos do diálogo. Pela troca provoca a revelação, e pelo seu caráter lateral põe em evidência o que um simples relato deixaria escondido ou sem relevo. A troca epistolar constitui uma espécie de conversa, tornada extremamente lenta, entre dois ausentes que não podem conhecer diretamente a reação do outro no momento que quiserem para a réplica. Surpreendido ou chocado por uma mensagem recebida, o correspondente

pode responder imediatamente, sob o choque da emoção, ou retardar a resposta para reflectir e melhor produzir o efeito desejado. (BOURNEUF, 1976, p. 265).

A arte de comunicar é uma das características essenciais da carta, assim como foi prestigiada nos séculos anteriores, tanto nas escritas das literaturas de viagens, como também nas epístolas bíblicas, o fato é que os autores contemporâneos vão recorrer aos recursos da carta, ampliando as possibilidades estruturais e enriquecendo as leituras. A comunicação entre as pessoas através de carta hoje em dia é quase inexistente, no entanto alguns escritores ainda conseguem enxergar a peculiaridade em se escrever para o outro e aguardar a resposta, no jogo remetente/destinatário. A carta, nos textos utilizados, deve ser pensada levando-se em consideração o contexto histórico dos autores e a intenção da personagem, sua subjetividade está ali realçada.

4.1 – Diferenças nas cartas de Fradique destinadas à Clara e Ana Olímpia

Dentro da segunda parte, as cartas enviadas à personagem Clara (cartas IX, XIII, XVI e XVII) são as que mais se distinguem das outras por existirem ali momentos de subjetividade que não encontramos nas outras do romance. Escolhemos fazer uma breve análise de cada uma das cartas de Fradique enviadas a Clara, na tentativa de verificar como as personagens interagem na tentativa de abolir a distância entre eles. Verificar-se-á como a voz distante de Clara está presente no discurso de Fradique, e também perceber que elas marcam o início e o fim do relacionamento.

Na parte epistolográfica do romance, nas cartas dirigidas a Clara predominam o lirismo, como notaremos a partir da carta IX. Fradique Mendes ao dialogar com sua interlocutora trata-a por “Minha adorada amiga”, é o início do relacionamento entre eles. A personagem conta quando foi a primeira vez que a viu, inicia a correspondência como se escutasse a voz oculta dela ao perguntar-lhe:

Não, não foi na Exposição dos Agualelistas, em março, que eu tive consigo o meu primeiro encontro, por mandado dos Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga, no baile dos Tressans. Foi aí que a vi, conversando com Madame de Jouarre, diante de um console, cujas luzes, entre os molhos de orquídeas, punham nos seus cabelos aquele nimbo de ouro que tão justamente lhe pertence como “rainha de graça entre as mulheres”. (QUEIROZ, 2008, p.165).

Por este fragmento é possível notar o sentimento que envolve a carta, Fradique encanta-se, é capaz de descrever a roupa que Clara usava, “lembro ainda, bem religiosamente,

o seu sorrir cansado, o vestido preto com relevos cor de botão de ouro, o leque antigo fechado no regaço.” (QUEIROZ, 2008, p.165). Conta que tudo a seu redor lhe pareceu enfadonho e feio, fazendo-o voltar para admirar a beleza de Clara. Ainda em sua contemplação, o protagonista é totalmente romântico comparando-a com uma obra sublime:

E tão intensamente me embebi nessa contemplação, que levei comigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabelos ou uma ondulação da seda que a cobria, e corri a encerrar-me com ela, alvoroçado, como um artista que nalgum escuro armazém, entre poeira e cacos, descobrisse a obra sublime de um mestre perfeito. (QUEIROZ, 2008, p.165).

Verificam-se como os sentimentos de Fradique são ressaltados com a forte expressão com a qual descreve suas emoções diante da imagem de Clara. O discurso da personagem é intenso para narrar que a imagem da amada ficou presente, ele, levemente exagerado, conta não esquecer um fio de seus cabelos. A personagem continua a relatar como a contemplação continuou em sua mente. No trecho a seguir, Fradique responde a sua amada como se a voz dela ali se fizesse presente, que não era um êxtase diante de sua imagem e sim um estudo de sua beleza:

Mas não era, minha adorada amiga, um pálido e passivo êxtase diante da sua imagem. Não! Era antes um ansioso e forte estudo dela, com que eu procurava conhecer através da forma a essência e (pois que a beleza é o esplendor da verdade) deduzir das perfeições do seu corpo as superioridades da sua alma. (QUEIROZ, 2008, p.166).

Após esse estudo romântico, a personagem descobre a perfeição de sua destinatária, “Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, numa adoração perpétua, os joelhos mais rebeldes.” (QUEIROZ, 2008, p.167). Ao chegar a essa conclusão, resta a Fradique elevar Clara a posição de santa, uma idolatria que o faz pensar como um monge se está a altura dessa imagem perfeita, “Monge, fechado na minha cela, comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a santa a que me votara.” (QUEIROZ, 2008, p.167). Faz uma investigação para saber se seu pensar, seu gosto, sua ideia de vida, seu coração eram dignos dela: “E tem sido em mim agora um arquejante esforço para subir a uma perfeição idêntica àquela que em si tão submissamente adoro.” (QUEIROZ, 2008, p.167).

Clara, no discurso de Fradique, torna-se essencial. Ela, segundo o português, é a sua educadora, mesmo de longe é a alma dela que faz a dele existir e ser compreendida, torna-se necessária e preciosa. A personagem passa a necessitar de Clara como da luz, mas diz que

nada lhe pede, “Só desejo que me deixe viver sob essa influência, que, emanando do simples brilho das suas perfeições, tão fácil e docemente opera o meu aperfeiçoamento. Só peço esta permissão caridosa.” (QUEIROZ, 2008, p.168). Fradique, indiretamente, no fim da carta faz um pedido a Clara, diz que no dia seguinte passará a tarde com Madame de Jouarre e conta que se ela surgisse não com uma rosa, e sim com um sorriso, ele ficaria seguro de seu amor: [...] “ficaria, então, radiosamente seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indiscreto e sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para esperar.” (Idem, p.168). Como foi possível perceber, essa correspondência é marcada por subjetividade, a relação entre as personagens é permeada de lirismo.

Na Carta XIII, Fradique passa a dirigir-se a Clara como “Meu amor”, nota-se que o relacionamento entre ambos ganha força e passam a se encontrar. O protagonista continua cheio de lirismo e é tão detalhista que descreve os minutos que gastou até encontrá-la, ou na antecipação da voz questionadora de Clara:

Ainda há poucos instantes (dez instantes, dez minutos, que tanto gastei num fiacre desolador desde a nossa Torre de Marfim), eu sentia o rumor do teu coração junto do meu, sem que nada os separasse senão uma pouca de argila mortal, em ti tão bela, em mim tão rude – e já estou tentando recontinuar ansiosamente, por meio deste papel inerte, esse inefável estar contigo que é hoje todo o fim da minha vida, a minha suprema e única vida. (QUEIROZ, 2008, p. 192-193).

A denominação de Torre de Marfim remete a algum lugar isolado no qual as personagens podem se encontrar com tranquilidade. Fradique continua exagerado ao dirigir a sua interlocutora, conta que longe dela deixa de viver, ressalta a sua amada a grande importância que tem: [...] “É que, longe da tua presença, cesso de viver, as coisas para mim cessam de ser – e fico como um morto jazendo no meio de um mundo morto.” (QUEIROZ, 2008, p.193). Longe de Clara, o protagonista compara-se a um morto que ressuscita apenas quando ela chega perto, [...] “só com pousar junto de mim e murmurar o meu nome – recomeço a aspirar desesperadamente para ti como para uma ressurreição!” (QUEIROZ, 2008, p.193). O subjetivismo é tão marcante que Fradique eleva o amor por Clara a um momento iniciático, não só do amor, mas do mundo. O universo é relevado aos olhos da personagem, como se não tivesse conhecimento da realidade, ou seja, estivesse escondida, segundo ele, em, [...] “um ininteligível e cinzento montão de aparências.” (QUEIROZ, 2008, p.193). Verifica-se esse sentimento no fragmento abaixo:

[...] Mas tu vieste, doce adorada, para me fazer sentir a minha realidade, e me permitir que eu bradasse também triunfalmente o meu – “Amo, logo existo!” E não foi só a minha realidade que me desvendaste – mas ainda a realidade de todo este universo, que me envolvia como um ininteligível e cinzento montão de aparências. [...] Foste tu, minha bem-amada, que me alumiasste o mundo. No teu amor recebi a minha iniciação. (QUEIROZ, 2008, p.193).

Segundo Miguel Real, a emoção prevalece nesse discurso de Fradique em desconhecer o amor, só sabendo de sua existência a partir de sua iniciação. Assim coloca o autor: [...] “Aqui, o realismo mitiga-se, a emoção prevalece utilizando um discurso de caráter totalizante (antes eu desconhecia que existia; depois eu vi a verdade) e o próprio discurso subjectivo e intimista, repleto de imagens líricas, sobressai em permanência.” (REAL, 2006, p.193-194).

A imagem da qual a personagem utiliza-se para comparar sua destinatária a uma divindade é a de Vênus, a realidade e a fantasia permeiam a mente de Fradique:

[...] A pobre Vênus só oferecia a serena magnificência da carne. De todo lhe faltava a chama que arde na alma e a consome. E a criatura incomparável do meu cismar, a Vênus Espiritual, Citereia e Dolorosa, não existia, nunca existiria!... E, quando eu assim pensava, eis que tu surges, e eu te compreendo! Eras a encarnação do meu sonho, ou antes de um sonho que deve ser universal – mas só eu te descobri, ou, tão feliz fui, que só por mim quiseste ser descoberta! (QUEIROZ, 2008, p.194).

Para Fradique quem se torna sua Divindade “real” é Clara: “Vê, pois, se jamais te deixarei escapar dos meus braços! Por isso mesmo que és a minha Divindade – para sempre e irremediavelmente estás presa dentro da minha adoração.” (QUEIROZ, 2008, p.194). De acordo com Miguel Real: “É esta a marca – tênue – de um novo estilo em Eça: a imagem emotivamente cultural e lírica, de fundo espiritual, sobrepõe-se, orienta e dá sentido à realidade.” (REAL, 2006, p.194).

Mais uma vez, a personagem recorre à imagem para dialogar com sua destinatária, acha-a bela que não compreende como não fez igual a Narciso, [...] “Não compreendo que, tendo consciência do teu encanto, não estejas de ti enamorada como aquele Narciso.” (QUEIROZ, 2008, p.195). Afirma a seguir que a ama, mas que dentro dele existe um desespero de não saber tratá-la como merece, mesmo ao recorrer às imagens de sua fantasia, sabe que seu pensamento deve fixar-se na realidade:

[...] Mas eu largamente te amo, e por mim e por ti! A tua beleza, na verdade, atinge a altura de uma virtude – e foram decerto os modos tão puros da tua alma que fixaram as linhas tão formosas do teu corpo. Por isso há em mim um incessante desespero de

não te saber amar condignamente – ou antes (pois desceste de um Céu superior) de não saber tratar, como ela merece, a hóspeda divina do meu coração. (QUEIROZ, 2008, p.195).

Todo o lirismo de Fradique continua na carta ao ressaltar a importância de Clara e reafirmando que nunca deixará de amá-la: “Só posso deixar de te amar – quando deixar de ser.” (QUEIROZ, 2008, p.196). Parece que o protagonista escuta a voz oculta de sua interlocutora sobre tanta exaltação, e responde que toda a poesia de todas as idades seria pouco para exprimir seu êxtase:

Não penses que estou compondo cânticos em teu louvor. É em plena simplicidade que deixo escapar o que me está borbulhando na alma... Ao contrário! Toda a poesia de todas as idades, na sua gracilidade ou na sua majestade, seria impotente para exprimir o meu êxtase. (QUEIROZ, 2008, p.197).

Por fim, encerra a correspondência ao enfatizar todo o lirismo que há nele: [...] “e te asseguro a única verdade, melhor que todas as verdades – que te amo, te amo, e te amo, e te amo!”... (QUEIROZ, 2008, p.197). As reticências induzem a pensar que Fradique poderia continuar por mais tempo exaltando todas as suas emoções sem cansar de elogiá-la.

Na próxima correspondência, XVI, Fradique responde a sua destinatária sobre a carta cheia de queixumes que ela o enviou e ele quer saber o porquê disso: “Toda em queixumes, quase rabugenta, e mentalmente trajada de luto, me apareceu a tua carta com os primeiros frios de outubro. E por que, minha doce descontente?” (QUEIROZ, 2008, p.213). Ele como se escutasse a voz de Clara ao reclamar a falta de notícias, conta que foram apenas cinco dias para ela tanto se queixar. O que faz o protagonista não acreditar na reclamação. Ele ainda busca uma explicação para a atitude de Clara:

[...] Mas não sabes tu, oh superamada, que a tua lembrança me palpita na alma tão natural e perenemente como o sangue no coração? Que outro princípio governa e mantém a minha vida senão o teu amor? Realmente necessitas ainda, cada manhã, um certificado, em letra bem firme, de que a minha paixão está viva e viçosa e te envia os bons-dias? Para quê? Para sossego da tua incerteza? Meu Deus! Não será antes para regalo do teu orgulho? Sabes que és deusa, e reclamas incessantemente o incenso e os cânticos do teu devoto. (QUEIROZ, 2008, p.213)

Todo este fragmento está repleto de uma indagação do protagonista para com sua interlocutora, é a sua voz oculta que ele parece ouvir quando dirige todas as questões, e para deixá-la contente reforça ao dizer que é uma deusa e não é necessário reclamar. Mais adiante na carta percebemos que Fradique de certa maneira quer irritar Clara e a compara com Santa

Clara que só é festejada uma vez a cada ano. Porém, no parágrafo seguinte ao pressupor a reação de sua amiga, ele lhe diz: “Sabes bem que estou a gracejar, Santa Clara da minha fé! Não! Não mandei essa linha supérflua, porque todos os males se abateram sobre mim.” (QUEIROZ, 2008, 214). E no final tenta explicar que um amigo regressou da Abissínia e ele teve de escutar suas histórias, o que fez Clara ficar sem suas correspondências.

Ainda nesta carta o protagonista introduz um assunto sobre religião. Fradique Mendes conta que aprova Clara ler sobre Buda: “E por história – muito aprovo, minha estudiosa Clara, que andes lendo a do divino Buda. Dizes, desconsoladamente, que ele te parece apenas “um Jesus muito complicado”. (QUEIROZ, 2008, p.215).

O português passa, então a dar a sua opinião sobre a vida de Buda e de Jesus comparando-as, de acordo com Fradique prefere a de Buda, no entanto reconhece a importância dos dois: [...] “Eu, minha flor, sou pelo Buda. Em todo o caso, esses dois mestres possuíram, para bem dos homens, a maior porção de divindade que até hoje tem sido dado à alma humana conter.” (QUEIROZ, 2008, p.217). A personagem imagina o cansaço que sua narração estaria provocando em Clara e comenta: [...] “Sobretudo do que eu – que aqui estou pontificando e fazendo pedantesamente, ante os teus lindos olhos, tão finos e meigos, um curso escandaloso de religiões comparadas.” (QUEIROZ, 2008, p.217).

Ao chegar quase ao final de sua correspondência, Fradique percebe que ainda não havia contado as novas de Paris a Clara, o que faz apenas no último parágrafo, e com a desculpa de que lhe restam três polegadas de papel, e lembra que essa era a queixa de sua destinatária. Responde e finaliza a correspondência, assim é possível inferir que entre Fradique Mendes e Clara estabelece-se uma relação em que o discurso é preenchido pela voz oculta da interlocutora que reclama por notícias, e a voz do protagonista carregada de argumentos, aos quais recorre até a religião para dialogar e se explicar.

Na quarta correspondência, carta XVII, nota-se que o realismo surge como foi levemente configurado na carta XVI, o final do relacionamento deixa um pouco de lado o sentimentalismo. O protagonista já de início não se dirige mais a sua interlocutora por “Meu amor”, e sim por “Minha amiga”, anuncia o fim do amor que os uniu. No primeiro parágrafo parece ouvir a voz de Clara, como se ela perguntasse se de fato é verdade que ele parte, e dialoga com ela dando-lhe a resposta: “É verdade que eu parto, e para uma viagem muito longa e remota, que será como um desaparecimento.” (QUEIROZ, 2008, p.218). Segundo Fradique, essa viagem é para terminar o relacionamento de um modo mais condigno:

[...] E é verdade que eu parto, e para uma viagem muito longa e remota, que será como um desaparecimento. E é verdade ainda que a empreendo assim bruscamente, não por curiosidade de um espírito que já não tem curiosidades – mas para findar do modo mais condigno e mais belo uma ligação que, como a nossa, não deveria nunca ser maculada por uma agonia tormentosa e lenta. (QUEIROZ, 2008, p.218).

De acordo com o protagonista, todo forte amor chega ao fim, e ele não quer tentar um prolongamento fictício, viver uma mentira não convém, é melhor guardar na memória os momentos felizes que tiveram. Se ambos tentassem manter o amor e não alcançassem resultados, restaria a recordação repleta de destroços, apagando tudo de bom que viveram:

Decerto, agora que eu dolorosamente reconheço que sobre o nosso tão viçoso e forte amor se vai em breve exercer a lei do universal deprecimento e fim das coisas, eu poderia, poderíamos ambos, tentar, por um esforço destre e delicado do coração e da inteligência, o seu prolongamento fictício [...]. Não conseguiríamos deter a marcha da lei inexorável – e um dia nos encontraríamos, um diante do outro, como vazios, irreparavelmente tristes e cheios do amargor da luta inútil. E de uma coisa tão pura e sã e luminosa, como foi o nosso amor, só nos ficaria, presente e pungente, a recordação de destroços e farrapos feitos por nossas mãos, e por elas rojados com desespero no pó derradeiro de tudo. (QUEIROZ, 2008, p. 218-219).

Fradique é convicto de sua escolha, deixa nos entender que Clara gostaria da continuidade do romance, pois ele parece ouvir a voz dela a sussurrar em seu ouvido, mas acabar apenas com recordações de destroços não lhe agrada: “Não! Tal acabar seria intolerável.” (QUEIROZ, 2008, p.219). O ponto de exclamação dá maior ênfase na correspondência, na medida em que se põe quase surpreso em imaginar tal prolongamento, e enfático quer convencer sua interlocutora.

O lirismo não desaparece da carta, porém está como um lirismo realista, porque Fradique mantém os pés no chão, é capaz de discorrer que tudo o que vive, uma hora acaba. O que perdura, na verdade, são os sonhos e as recordações de cada indivíduo, portanto, o protagonista quer optar por lembranças felizes do amor que viveu:

Para perpétuo orgulho do nosso coração é necessário que desse amor, que tem de perecer como tudo o que vive, mesmo o Sol, nos fique uma memória tão límpida e perfeita que ela só por si nos possa dar, durante o porvir melancólico, um pouco dessa felicidade e encanto que o próprio amor nos deu quando era em nós uma sublime realidade governando o nosso ser. (QUEIROZ, 2008, p.219).

Segundo, a personagem: “A morte, na plenitude da beleza e da força, era considerada pelos antigos como o melhor benefício dos deuses.” (QUEIROZ, 2008, p.219). Recorre aos deuses na tentativa de argumentar que não é de todo ruim o fim do romance, uma vez que

permanecerá na memória apenas o que foi bom: “Assim deve ser também com o nosso amor.” (Idem, p.219). O português conta que ao perceber os primeiros desfalecimentos do amor resolveu partir, e compara o amor deles a uma flor que continuará perfumando lhes a vida:

Por isso mal lhe surpreendi os primeiros desfalecimentos, e, desolado, verifiquei que o tempo o roçara com a frialdade da sua foice – decidi partir, desaparecer. O nosso amor, minha amiga, será assim como uma flor milagrosa que cresceu, desabrochou, deu todo o seu aroma – e, nunca cortada, nem sacudida dos ventos ou das chuvas, nem de leve emurhecida, fica na sua haste solitária, encantando ainda com as suas cores os nossos olhos quando para ela de longe se volvam, e para sempre, através da idade, perfumando a nossa vida. (QUEIROZ, 2008, p.219).

Sendo assim, Fradique afirma que sua vida será iluminada e perfumada pela lembrança de Clara, despede-se e agradece pela felicidade que lhe deu: “Adeus, minha amiga. Pela felicidade incomparável que me deu – seja perpetuamente bendita.” (QUEIROZ, 2008, p.220). Verifica-se que nessa correspondência, Fradique parte deixando Clara, não por um sacrifício, mas pela opção de recordar de um amor bonito, para isso constrói uma carta realista sem deixar de conter subjetividade, suas palavras compõem um ato de renúncia para guardar a forma pura do amor que tiveram. Nas palavras de Miguel Real: “Esta é, porventura, uma das mais belas cartas de amor em língua portuguesa e, indubitavelmente, um dos mais belos textos do Último Eça.” (REAL, 2006, p.195).

As quatro cartas dirigidas a Clara, diferenciam-se das demais que compõem o livro, devido ao seu distanciamento do realismo. A grande variedade de destinatários possibilita a Fradique discorrer sobre diversos assuntos, o discurso epistolográfico entre remetente e destinatários cria uma relação na qual as vozes discorrem abordando questões do cotidiano. É possível notar que na primeira parte do livro a maioria das correspondências abordam um conteúdo realista, exceto as quatro cartas acima comentadas. Fradique em seu discurso mantém o foco na realidade, isso acontece principalmente quando se dirige a sua madrinha, pois relata assuntos ligados a Portugal. Diante de todo esse realismo, as cartas para Clara mostram o sentimentalismo de Fradique, como foi possível observar nas duas primeiras correspondências, exaltam todo o lirismo da personagem que descreve todo o encanto que sentiu ao vê-la pela primeira vez e depois a enche de elogios quando já se relacionam (carta XIII), encontram-se no que Fradique chama de Torre de Marfim. Nas cartas IX e XIII o discurso subjetivo se sobressai, o português coloca-se na posição de um homem muito apaixonado, já nas XVI e XVII certo realismo volta a aparecer, começa por achar exagerada a atitude de Clara de reclamar a falta de notícias durante os cinco dias que ele esteve em Paris.

Depois, temos a última carta, de despedida, na qual Fradique termina o relacionamento, mesmo utilizando seu subjetivismo, levemente o realismo se faz presente, uma vez que é o fim do romance. A relação que se estabelece entre Fradique e Clara mostra um crescimento – cartas IX e XIII – e um declínio – cartas XVI e XVII, o começo e o fim narrados nessas cartas.

Em *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, as cartas do protagonista à Ana Olímpia são em número maior que as enviadas à Clara, assim observaremos apenas alguns trechos para verificar como elas são distintas. Com a angolana, o envolvimento da personagem muda, o contexto também muda, e a história de Ana Olímpia mexe com Fradique. Este, como dito anteriormente, conhece-a em um baile e se encanta por sua beleza, diz sentir grande emoção ao vê-la, conhece sua história de ex-escrava e se aproxima dela. Em alguns trechos das cartas notamos que a relação entre ambos não é de idealização, e sim de um amor mais real. No seguinte trecho Fradique até comenta que antes de conhecê-la acreditava conhecer tudo das paixões: “Enquanto lia a tua carta pensava que a podia ter escrito eu próprio há alguns anos atrás, quando era ainda muito jovem e acreditava conhecer tudo sobre as paixões da alma.” (AGUALUSA, 1998, p.47).

Há um amadurecimento de Fradique no romance de José Eduardo Agualusa, e seu envolvimento com Ana Olímpia reforça ainda mais isso, pois ela passou por dificuldades e não se deixou abater, sempre foi forte, e isso deixou o protagonista mais encantado. Depois do nascimento de Sophia a própria personagem em uma carta a Madame de Jouarre fala de sua transformação:

Quem lhe escreve esta carta não é mais o ocioso e irresponsável aventureiro que V. viu crescer, vestindo-se nos melhores alfaiates de Paris para ocultar a miserável nudez da alma, pensando com idéias emprestadas, sentindo o mundo com sentimentos alheios, e cujo único projecto de vida era, simplesmente, deixar-se viver. Sou outro! (AGUALUSA, 1998, p.127)

Outro ponto que reforça a distinta relação de Fradique com as personagens femininas em questão, é que na carta XVI para Clara, como vimos, Fradique responde as reclamações dela, como se não entendesse o porquê de ter de dar explicações. No entanto, com a angolana é diferente. Há uma carta em que Fradique faz questão de relatar o que fez em cada dia da semana para mantê-la informada, não reclama como fez com Clara. Prometeu a ex-escrava que contaria tudo enquanto estivesse fora, e o que fez em cada dia da semana. Notamos que há um envolvimento maior da personagem com Ana Olímpia, em comparação a Clara.

Cabe ressaltar também que o sentimento de Fradique é mais que amor por Ana Olímpia, pois quando sabe que ela retornou a situação de escrava não se deixa abater e faz de tudo para ajudá-la. Na Carta a Ana Olímpia, Lisboa, Julho de 1876, Fradique conta que ficou sabendo da triste situação em que se encontrava a angolana e sem esperar viaja para ajudá-la: “Embarco dentro de duas semanas para Luanda, e vou preparado para tudo. Não preciso de te pedir coragem porque sei que tens de sobra.” (AGUALUSA, 1998, p.49). Apenas na carta seguinte a Madame de Jouarre que sabemos que Ana Olímpia foi entregue como escrava ao irmão de seu falecido esposo. Nesta carta conta a sua madrinha que embarca para Luanda por causa da triste notícia que recebeu:

[...] Vou empurrado por uma infeliz notícia, quase inverossímil na sua insensatez, e que me enche simultaneamente de cólera e de vergonha: Ana Olímpia, querida amiga angolense de quem tanto lhe falei, foi entregue como escrava a um aventureiro recém-chegado do Brasil!... (AGUALUSA, 1998, p.51).

Com esse envolvimento de Fradique em ajudar sua amada fica claro que não era apenas um amor idealizado e sim um amor real, mas o que de fato permanece como característica de sua personalidade é o amor às mulheres. Ele, como nos conta o narrador da primeira parte do texto queirosiano estava sempre perto de uma figura feminina: “A influência deste “feminino” foi suprema na sua existência. Fradique amou mulheres; mas fora dessas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.” (QUEIROZ, 2008, p.88).

4.2- A interação de Fradique com seus interlocutores por meio da polifonia

Cabe agora levantarmos alguns comentários no que refere-se a questão das vozes presente nos romances. No livro do teórico russo Mikhail Bakhtin, *Questões de Literatura e de Estética* (A Teoria do Romance), encontramos questões relacionadas ao discurso no romance e sua estilística contemporânea. De acordo com o estudioso, o romance possui uma diversidade de linguagens com vozes diferentes e também diversidade social que vão criar o plurilinguismo fundamental da estilística romanesca, segundo ele:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de língua e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismo de grupos, jargões profissionais [...] E é graças a este plurilingüismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores,

os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilingüismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau). (BAKHTIN, 1988, p.74-75).

Após essa afirmação, comenta que a estilística tradicional não sabe abordar o diálogo social no romance: “A estilística tradicional desconhece este tipo de combinação de linguagens e de estilos que forma uma unidade superior. Ela não sabe abordar o diálogo social específico das linguagens do romance.” (BAKHTIN, 1988, p.75), sendo assim “a sua análise estilística orienta-se não para o conjunto do romance, mas tão-somente para uma ou outra unidade estilística subordinada.” (BAKHTIN, 1988, p.75). Assim, o discurso nasce do diálogo, em toda manifestação dialógica um discurso se encontra com outro em uma interação viva e tensa:

[...] A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988, p.88)

O discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica. (BAKHTIN, 1988, p.88-89).

Ainda, segundo Mikhail Bakhtin, o discurso vivo e corrente está diretamente determinado pelo discurso-resposta, sendo ele que provoca esta resposta, a presente e baseia-se nela. Acrescenta também que o diálogo precisa ser vivo, não acredita em um enunciado que seja monológico, uma vez que um discurso sempre vai interagir com o discurso de outro, mesmo que esse ainda não tenha sido dito: “Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado.” (BAKHTIN, 1988, p.89). Diferentemente do que acontece no discurso do romance, na poesia, o mundo é interpretado por um único discurso que satisfaz apenas o próprio autor:

O mundo da poesia que o poeta descobre, porquanto mundo de contradições e de conflitos desesperados, sempre é interpretado por um discurso único e incontestável. As contradições, conflitos e dúvidas permanecem no objeto, nos pensamentos, nas emoções, em uma palavra, no material, porém sem passar para a linguagem. Na poesia o discurso sobre a dúvida deve ser um discurso indubitável. (BAKHTIN, 1988, p.94).

O discurso poético é monológico, o poeta expressa a si mesmo nas palavras em sua enunciação, a palavra de outros não faz falta, como se ele tudo imaginasse por sua própria consciência. Utiliza uma linguagem subjetiva sem interação dialógica, “A linguagem é dada a ele somente a partir do interior, no seu trabalho intencional, e não do exterior, na sua especificidade e limitação objetivas.” (BAKHTIN, 1988, p.94). Isto não significa que o plurilinguismo ou mesmo o multilinguismo não possam penetrar na obra poética, mas as possibilidades são limitadas. Assim, o discurso no romance é dinâmico, interagindo a voz de um Eu e a voz de Outrem, cada um com uma visão participa ativamente da enunciação. Com base nesses pontos levantados sobre os conceitos de Mikhail Bakhtin, abordaremos os dois romances, levando em consideração a interação entre a personagem Fradique e seus interlocutores. A partir disso, selecionamos apenas algumas cartas para verificar mais detalhadamente como as vozes estão presentes na construção das narrativas.

Fradique Mendes, como vimos, é uma personagem capaz de discorrer sobre diferentes assuntos em suas cartas quando dirige-se aos seus interlocutores seja sobre uma múmia, alfaiate ou professor de língua estrangeira, pelo menos é o que notamos na seleção feita pelo narrador do texto queirosiano e isso continuará quando escreve sobre sua visão de Angola em *Nação Crioula*.

A polifonia pressupõe vozes diferentes dentro da organização interna do discurso, nas correspondências de Fradique, embora esteja ali o que ele quer narrar ao outro, percebemos que em alguns momentos o diálogo das vozes se faz presente, mesmo não conhecendo a carta resposta. Como poderemos observar, a interação é marcada na utilização de pontuação e de verbos que pressupõem a comunicação e dão a explicação antecipada ao leitor de sua correspondência, pois imagina no diálogo a curiosidade do outro e as possíveis perguntas. A relação dialógica pode ser observada, por exemplo, na carta VII enviada por Fradique a sua madrinha, em que conta sobre sua chegada a Lisboa junto de seu criado escocês Smith. O protagonista no início da carta começa a cumprir o juramento feito a Madame de Jouarre em Paris de lhe mandar notícias toda semana de Portugal. Nesse momento, passamos a observar o diálogo sobre os costumes da sociedade portuguesa por meio das palavras de Fradique:

[...] Chegáramos a uma estação que chamam de Sacavém – e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu país, através dos vidros úmidos do vagão, foi uma densa treva, donde morticamente surgiam aqui e além luzinhas remotas e vagas. (QUEIROZ, 2008, p. 152-153).

Logo a seguir conta o que eram essas luzinhas : “Eram lanternas de faluas dormindo no rio – e simbolizavam de um modo bem humilhante essas escassas e desmaiadas parcelas de

verdade positiva que ao homem é dado descobrir no universal mistério do Ser.” (QUEIROZ, 2008, p.153). Diante desse aspecto de Lisboa, Fradique narra a Madame de Jouarre que tornou a fechar os olhos.

Ainda no final desse parágrafo quando um homem pede a Fradique Mendes seu bilhete, chamando-o por “Vossa Excelência”, a personagem como se ouvisse a voz de sua madrinha ao questionar o porquê de lhe chamar assim, antecipa-lhe a explicação: [...] “Em Portugal, boa madrinha, todos somos nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por “Excelência””. (QUEIROZ, 2008, p.153).

A chegada do protagonista a Lisboa mostra-nos um panorama nada agradável da sociedade portuguesa daquela época, pois está diante de uma cidade sem energia e em dia de chuva. Para complicar a situação ao ir para um casarão a espera de suas bagagens é obrigado a aguardar muito tempo.

Como se ainda não bastasse os contratemplos, quando suas bagagens chegaram, faltava um saco de couro e passaram bom tempo procurando pela Alfândega até encontrá-lo. Resolvido este problema, o carregador avisou que não havia tipóias, o que, sem dúvida deixa Fradique mais desanimado com a situação de seu país. Para sua madrinha isso seria algo difícil de acreditar, afinal em outras estações os serviços funcionavam: [...] “Em todas as estações do mundo, mesmo em Tunis, mesmo na Romélia, havia, à chegada dos comboios, ônibus, carros, carretas, para transportar gente e bagagem...” (QUEIROZ, 2008, p. 155). Nesse fragmento é como se por trás da opinião de Fradique estivesse ressoando a voz de sua madrinha, ao não acreditar em tal ocorrido.

Esses acontecimentos narrados pela personagem, só reforçam as falhas do país, como por exemplo, a falta de luminosidade, de transporte, de responsabilidade por parte da Alfândega, que mostram o estado precário no qual se encontrava Portugal no final do século XIX. O protagonista ainda pede ao capataz que lhe arrume uma tipóia, mas este procura e não encontra nada. Diante disso, aconselha que Fradique deixe sua bagagem e volte buscar na manhã seguinte, sugestão que não o agrada nem um pouco. O capataz ainda reforça que quer fechar a estação, pois estava tarde, Fradique então quer saber o que deve fazer:

[...] E eu? Ia ficar ali na rua, amarrado, sob a noite agreste, a um montão de bagagens intransportável? Não! Nas entranhas do digno capataz decerto havia melhor misericórdia. Comovido, o homem lembrou outra solução. E era que nós – eu e o Smith, ajudados por um carregador – atirássemos a bagagem para as costas, e marchássemos com ela para o hotel. Com efeito, este parecia ser o único recurso aos nossos males. (...) eu e o Smith ainda uma vez saímos ao largo, mudos, sondando a escuridão, com o ouvido inclinado ao lajedo, a escutar ansiosamente se ao longe, muito ao longe, não sentiríamos rolar para nós o calhambeque da Providência. Nada, desoladamente nada, na sombra avara!... (QUEIROZ, 2008, p.155-156).

Madame de Jouarre, nesse momento da narrativa, provavelmente já se encontrava perplexa diante do relato de seu afilhado. Conhecendo-a bem, Fradique como se escutasse a sua voz e imaginasse seu estado emocional narra: [...] “A minha querida madrinha, segundo estes lances, deve ter já lágrimas a bailar nas suas compassivas pestanas.” (QUEIROZ, 2008, p. 156). O português, conta que não chorou, mas que ficou com muita vergonha de seu criado Smith. Sem alternativa, resta a Fradique ir a pé até o hotel com as malas nas costas. Porém, não esconde sua decepção ainda mais por ter de deixar dois volumes para trás: [...] “E (deixando ainda dois volumes para ser recolhidos de dia) começamos, sombrios e em fila, a trilhar à pata a distância que vai de Santa Apolônia ao Hotel Bragança!” (QUEIROZ, 2008, p. 156).

Nessas alturas da narração, Madame de Jouarre, certamente se espantou ao saber que além de caminharem, levavam as malas nas costas e deixavam dois volumes para trás. Para amenizar a provável reação de sua madrinha, Fradique relata que após longa caminhada surge como um milagre, uma caleche: “Não sei quantas eternidades gastamos nesta via dolorosa. Sei que de repente (como se a trouxesse, à rédea, o anjo da nossa guarda) uma caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negrume de uma viela.” (QUEIROZ, 2008, p.157).

Colocaram as malas no veículo, o protagonista narra que se espantou com o alto valor que o cocheiro queria cobrar pela viagem até o hotel: [...] “e declarou que ao Hotel Bragança (uma distância pouco maior que toda a Avenida dos Campos Elísios) não me podia levar por menos de “três mil réis”. Sim, minha madrinha, “dezoito francos!”. (QUEIROZ, 2008, p.157). Ao prever a reação de espanto de sua destinatária, Fradique Mendes enfatiza a frase ao utilizar a palavra “sim”, como se escutasse a voz surpresa de sua madrinha ao não acreditar em um preço tão alto por um caminho tão curto.

Depois da jornada constrangedora, Fradique quando chega ao hotel se sente aliviado e agradece aos céus, [...] “Graças te sejam, meu Deus, Pai inefável! Estamos enfim sob um teto, no meio dos tapetes e estuques do progresso, ao cabo de tão bárbara jornada.” (QUEIROZ, 2008, p.157). Mas, ainda restava pagar o cocheiro, ao qual dirige-se ironicamente:

_ Então, são três mil réis?

À luz do vestíbulo, que me batia a face, o homem sorria. E que há-de ele responder, o malandro sem par?

_ Aquilo era por dizer... Eu não tinha conhecido o sr. D. Fradique... Lá para o sr. D. Fradique é o que quiser. (QUEIROZ, 2008, p. 157-158).

Após esse pequeno diálogo é como se sentíssemos ressoar a voz da destinatária ao querer saber se de fato tal valor seria cobrado. Fradique conta que se sentiu humilhado com a situação, e esclarece que o cocheiro o conhecia: [...] “Sim, minha cara madrinha... Aquele bandido conhecia o sr. D. Fradique. Tinha um sorriso brejeiro e serviçal. Ambos éramos portugueses. Dei uma libra àquele bandido!”. (QUEIROZ, 2008, p.158). Nota-se, no decorrer dessa carta que Fradique parece escutar a voz de Madame Jouarre e suas possíveis reações e ao corresponder-se com ela escreve de maneira a narrar os fatos e prever as possíveis perguntas, ao passo que sua voz no discurso é preenchida pela voz oculta de sua madrinha.

Um dos assuntos abordados por Fradique Mendes em suas correspondências é a língua. Na carta IV, endereçada a Madame S., o protagonista dá a sua opinião acerca da aprendizagem de uma língua estrangeira. Sua interlocutora pede a indicação de um professor de espanhol para o filho Raul, no diálogo que se estabelece nota-se que as vozes não compartilham da mesma visão. Fradique indica o nome do espanhol e seu endereço, mas começa a discorrer que se o rapaz já sabe um pouco de castelhano não precisa se aprimorar, que isso é um desperdício para Raul:

[...] Vai assim o doce Raul desperdiçar o tempo que a sociedade lhe marcou para adquirir idéias e noções (e a sociedade a um rapaz da sua fortuna, do seu nome e da sua beleza, apenas concede, para esse abastecimento intelectual, sete anos, dos onze aos dezoito) em quê? No luxo de apurar até a um requinte superfino, e supérfluo, o mero instrumento de adquirir noções e idéias. (QUEIROZ, 2008, p.134).

A seguir tenta contestar a opinião de Madame S. , pois ele defende a língua nacional e não se deve pronunciar corretamente outro idioma que não seja o seu: [...] “Porque as línguas, minha boa amiga, são apenas instrumentos do saber – como instrumentos de lavoura.” (p.134). Tenta convencê-la de que não se deve desperdiçar energia tentando pronunciar uma língua como se tivesse nascido de dentro de si. Fradique quer mostrar que o homem só deve saber falar bem a sua, as outras deve falar mal:

Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra; todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade; e quem for possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente sofrendo uma desnacionalização. (QUEIROZ, 2008, p.134).

Percebe-se que Fradique quer contestar a opinião de sua destinatária, enfatiza que é na língua que está a verdadeira nacionalidade e esta deve ser valorizada, e reforça que quem é poliglota não é patriota: [...] “Por isso o poliglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio

que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir.” (QUEIROZ, 2008, p.134). Para o protagonista, a individualidade da pessoa é apagada quando se aprende bem um idioma estrangeiro, nas palavras de Fradique:

[...] o esforço contínuo de um homem para se exprimir, com genuína e exata propriedade de construção e de acento, em idiomas estranhos – isto é, o esforço para se confundir com gentes estranhas no que elas têm de essencialmente característico, o verbo – apaga nele toda a individualidade nativa. (QUEIROZ, 2008, p.135).

Fradique reforça seus argumentos ao imaginar que a opinião de sua interlocutora continua a favor da aprendizagem de um idioma, enquanto ele discorda dessa necessidade, acrescenta que:

[...] Ao fim de anos esse habilidoso, que chegou a falar absolutamente bem outras línguas além da sua, perdeu toda a originalidade de espírito – porque as suas idéias forçosamente devem ter a natureza incaracterística e neutra adaptadas às línguas mais opostas em caráter e gênio. (QUEIROZ, 2008, p. 135).

Ao dialogar com Madame S. sobre a perda de identidade do homem ao aprender outra língua, narra a falta de essência de cada um, ou seja, ser igual a todos:

[...] o propósito de pronunciar com perfeição línguas constitui uma lamentável sabujice para com o estrangeiro. Há aí, diante dele, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos nele, no que ele tem de mais seu, de mais próprio, o vocábulo. (QUEIROZ, 2008, p.135, grifos do autor).

A expressão em itálico é uma maneira de destacar a valorização que Fradique dá a língua própria de uma nação, como característica de individualidade do ser. Toma isso como [...] “uma abdicação de dignidade nacional” (QUEIROZ, 2008, p.135) e ainda dirige-se a Madame S. , como se lhe desse uma ordem: [...] “Não, minha senhora! Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros!” (Idem). Contrariando a voz oculta de sua destinatária continua sua argumentação, de que aos olhos do estrangeiro, o poliglota inspira desconfiança, portanto, para Fradique este não pertence a uma nação.

Imagina a reação de sua interlocutora que espera simplesmente a indicação de um professor para seu filho e não um discurso em defesa da língua como instrumento de nacionalidade, Fradique lhe diz que espera que ao menos toda a narração a faça sorrir: “E aqui está como, levado pelo diletantismo das idéias, em vez de um endereço eu lhe forneço um tratado! ... Que a minha garrulice ao menos a faça sorrir.” (QUEIROZ, 2008, p. 136). E acrescenta que seria melhor Raul aprender lições de guitarra com o espanhol, que sabia, pois para sua idade seria mais interessante.

A relação dialógica que se estabelece entre Fradique e Madame S. , nos mostra que ele procura convencê-la de que aprender uma língua estrangeira é como se desnacionalizar, enquanto ela por sua voz oculta é a favor da aprendizagem. Eles não possuem as mesmas ideias, uma vez que o protagonista acredita que saber pouco de um idioma estrangeiro seja o suficiente para que haja entendimento, sem que se perca a nacionalidade própria.

No romance de José Eduardo Agualusa, as cartas de Fradique são remetidas de distintas localidades, com o intuito de manter-se informado e informar seu interlocutor. O discurso, mesmo de forma indireta conta com uma diversidade de opiniões que se relacionam com a do protagonista, diversidade esta que podemos associar a Bakhtin, “Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.” (BAKHTIN, 1988, p.88). Afinal, é o que acontece quando a voz da personagem sente a influência oculta dos outros.

Relembraremos como se dá à interação entre o protagonista e sua madrinha, na primeira carta enviada por Fradique. O protagonista ao prever a curiosidade dela narra como foi sua chegada à Luanda e o cheiro forte que sentiu ao desembarcar nesse país. Toda a narração é acompanhada pela voz oculta da interlocutora, que possivelmente já se encontrava chocada. Fradique continua a descrever a visão que ele e Smith tiveram da cidade e seu povo: “À nossa volta ia um tumulto de gente, rindo e gritando, movendo fardos, arrastando animais. [...] Grupos de nativos conversavam à sombra dos muros ou dormiam estendidos de bruços na poeira.” (AGUALUSA, 1998, p. 11-12), descreve a Madame de Jouarre um panorama breve da cidade para lhe saciar a curiosidade e mostrar a diferença em relação a Portugal e ao resto da Europa.

Quando Fradique e o escocês chegam ao Hotel Glória e são recebidos pelo Coronel Arcénio de Carpo, o protagonista ao imaginar a voz curiosa de sua madrinha sobre o título de coronel lhe explica que este senhor apenas ostenta a patente, mas que na realidade nunca visitou nenhuma das províncias que se diz comandante e também não é militar. Eles se instalam na casa do coronel, e Fradique relata a Madame de Jouarre um breve resumo da vida de Arcénio que nasceu em Portugal, mas foi “degredado para Angola por crime de pensamento (diz ele), ou comum (murmuram os seus inimigos)”. (AGUALUSA, 1998, p.12). Como detalhe do local que estavam, Fradique narra como era a casa desse senhor, e ao descrever o quintal antecipa a maneira como o coronel enriqueceu:

[...] o quintal, largo e fundo, que está em parte ocupado com as habitações dos escravos e com armazéns cheios de marfim, de borracha e de cera. Presas aos altos muros vêem-se cadeias de ferro e no centro do pátio existe mesmo um pelourinho que o coronel garante nunca ter utilizado. Ainda há pouco tempo, porém, este mesmo espaço servia para engordar negros trazidos do interior e em trânsito para o Brasil. (AGUALUSA, 1998, p.13).

Essa descrição certamente instigou a curiosidade de Madame de Jouarre, que provavelmente gostaria de saber mais sobre a ocupação daquele senhor. Para que ela entenda, Fradique se esforça em seu discurso: “Já compreendeu, querida madrinha, como fez fortuna o senhor Arcénio de Carpo? Precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade. Ou, como ele prefere dizer, “contribuindo para o crescimento do Brasil.”” (AGUALUSA, 1998, p.13).

Fradique Mendes, também acrescenta que, pelo que se comenta em Luanda, este senhor ainda trabalha para o crescimento do Brasil. De acordo com o protagonista, Arcénio não é contra o fim do tráfico de escravos, porque a América inglesa já estava superpovoada com milhões de agricultores europeus que chegavam todos os anos, diferentemente do Brasil que possuía um número reduzido de colonos europeus e dependia dos escravos. Na opinião de Arcénio de Carpo caso o tráfico acabasse a agricultura brasileira também acabaria.

Fradique ao conhecer e conviver com Arcénio chega a opinar que: “Na forte lógica do senhor Arcénio condenar a escravatura é já dobrar a cabeça diante da arrogância inglesa.” (AGUALUSA, 1998, p.14). Ao que conclui a sua madrinha que Arcénio não quer o fim do tráfico de escravos, ao mesmo tempo em que coloca essa opinião, o protagonista parece ouvir a voz de reprovação de Madame de Jouarre e menciona que ao perguntar para Arcénio: [...] “E o que pensar dos deputados que, nas cortes, defendem a maior participação da nossa armada na frota internacional enviada para viajar os mares de África?” (AGUALUSA, 1998, p.14). E aquele senhor responde: “_ O que pensar? Excelência, os Portugueses de hoje são tão pequenos que até cabem em Portugal!” (AGUALUSA, 1998, p.14).

Fradique pressupõe que para a sua interlocutora era difícil acreditar na insistência de Arcénio em favor da escravidão, mostrando-nos que ele tenta desfazer a opinião dela, argumenta sobre os próprios deputados defenderem a maior participação da frota internacional para vigiar os mares da África. Nessa carta o discurso do protagonista é construído como se pensasse na reação de sua madrinha o contestando.

Eça de Queiroz, como vimos aparece em *Nação Crioula* como personagem amigo de Fradique Mendes, este no decorrer da narrativa foge de Luanda para o Brasil e relata para Eça

como isso aconteceu. A seguinte carta a ser comentada é endereçada do Rio de Janeiro para o interlocutor, Fradique conta ter recebido a carta de Eça, junto com os livros e jornais, e responde a pergunta dele sobre como anda a revolução: [...] “Pergunta-me V. como vai a Revolução – vai perigosa!” (AGUALUSA, 1998, p.101). Quando foge para o Brasil em um navio negreiro, Nação Crioula, Fradique passa a se envolver com abolicionistas, narra ao seu interlocutor que está no Rio de Janeiro, mas depois embarca para a Europa. Ao imaginar a possível curiosidade de Eça de Queiroz para tal peregrinação, o narrador lhe explica os motivos com o seguinte trecho:

[...] Os motivos desta minha peregrinação, sendo os óbvios (tenho negócios a tratar e amigos a rever), são também outros e menos públicos: liguei-me recentemente a uma sociedade secreta, antiescravista (chamamos-lhe a Sociedade do Cupim!), e parto com o objectivo de recolher apoios para esta causa entre os governos e instituições da velha Europa. Conto consigo e com os nossos amigos, pois encontro-me na posse de alguns documentos capazes de levantar, uma vez publicados, considerável escândalo.” (AGUALUSA, 1998, p.101-102).

Após essa revelação de se filiar a uma sociedade secreta e dizer que possui documentos que se fossem publicados produziriam um escândalo, Fradique prevê a opinião contrária de seu amigo e reforça seus argumentos, pois sabe a importância do discurso de Eça atuando sobre o seu:

Não será assim – ouço-o já dizer – que iremos derrubar os barões do café; tem o meu céptico amigo inteira razão: não os conseguiremos vencer pelo opróbrio, e nem sequer pelo ridículo, mas podemos, pelo menos, impedir que se passem com tranquilidade dos justos pelos Champs-Élysées. (AGUALUSA, 1998, p.102)

Nota-se a forte presença da voz do destinatário em “ouço-o já dizer”, revelando a interação entre personagem e interlocutor. Segue narrando, “que os Brasileiros se alimentam pela Cidade Luz verdadeira obsessão.” (AGUALUSA, 1998, p.102), assim:

[...] Paris está para a aristocracia do Brasil, a legítima e cafeeira, como o espelho mágico para a bruxa má: “espelho, espelho meu”, perguntam os Frutuoso Vicente à capital da França, “haverá alguém mais rico do que eu?”; da resposta a esta pergunta depende a vida do barão do café, pois só existindo em Paris ele está seguro de que realmente existe. (AGUALUSA, 1998, p.102).

Mais uma vez, Fradique parece ouvir a voz de Eça, e suas reações. No parágrafo seguinte é notável a interação entre as personagens: “V. ri-se? Julga que exagero? Eu próprio só há poucos dias compreendi até onde vai o poder e a loucura destes homens, e o quanto para eles são importantes os papéis que trago comigo.” (AGUALUSA, 1998, p.102). Fradique conta o episódio que lhe ocorreu quando fazia a travessia de barca entre Niterói e o Rio de

Janeiro sozinho, e apareceu um homem dizendo que o conhecia, pegou um revólver e tentou matá-lo, segundo o protagonista, salvou-lhe “a agilidade adquirida em anos e anos de esgrima.” (AGUALUSA, 1998, p.103). Quando contou o ocorrido a seu amigo José do Patrocínio, este lhe disse que o pistoleiro era um procurador-de-Cristo. Fradique explica a Eça que procurador-de-Cristo é o nome que no nordeste do Brasil chamam os assassinos profissionais, porque sabem da proposta de trabalho na igreja quando o sacerdote ergue a hóstia, nesse momento recebem o dinheiro e a bala, acreditam assim, ser libertados porque Cristo lá do altar viu o rosto do mandante.

Diante dessa tentativa, José do Patrocínio arrumou dois capoeiras para proteger Fradique, este conta que segundo seu amigo, os assassinos tentariam matá-lo novamente. Narra a Eça de Queiroz que os dois capoeiras ficavam em sua sombra o tempo todo, e um dia ao tentar despistá-los causou uma correria na Rua do Ouvidor: “Fugimos depois os três à frente dos urbanos (polícia), como vulgares criminosos, deixando eu para trás o chapéu, a bengala, e os cinco séculos do composto pundonor dos Mendes!” (AGUALUSA, 1998, p.105). Prevê a voz oculta de seu interlocutor e encerra a carta dando-lhe a resposta do perigo que está a revolução: “Por aqui já V. pode avaliar como está perigosa esta revolução.” (Idem, p.105).

Pode-se inferir que todo o discurso do protagonista leva em consideração as possíveis reações de seu interlocutor. Nesse sentido a todo o momento a enunciação é preenchida nos romances pela palavra do outro manifestando-se na construção romanesca: [...] “a relação entre a palavra do Eu e a palavra do Outro é concreta e exprime uma relação valorativa, ou seja, a palavra do Eu expressa uma opinião, um ponto de vista.” (RODRIGUES, 2003, p.18). Através dos diálogos os discursos na interação com os outros torna-se dinâmico, as palavras de Fradique Mendes estão ali presentes para expressar suas opiniões. A carta torna-se recurso primordial nessas narrativas, exceto como vimos na primeira parte do livro de Eça de Queiroz, pois ela é algo tão pessoal que na maneira como os escritores tecem seus textos, a correspondência, embora dizendo aquilo que o remetente quer que nós leitores conheçamos, serve como elo entre os discursos, uma vez que a personagem Fradique Mendes proporciona a imbricação entre os textos através de sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final desse trabalho, percebemos como a relação entre obras de diferentes países, através da pluralidade dos textos, propiciam a nós leitores a possibilidade de estabelecer diálogos para melhor compreendê-las. Na escolha dos *corpus* ao optar pelo trabalho comparativo foi preciso determo-nos no estudo de cada obra individualmente para apreendermos as características e peculiaridades de cada período em que elas estão inseridas, assim como a distância que as separam. O que possibilitou esse estudo foi sem dúvida a possibilidade de visualizar como a personagem da obra de Eça de Queiroz comporta-se em um país colonizado por Portugal.

Carlos Fradique Mendes foi criado ainda no tempo do *Cenáculo* como poeta satanista pelos escritores Eça de Queiroz, Jaime Batalha Reis e Antero de Quental, anos depois protagonizará o romance de *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), de Eça de Queiroz que o compôs em duas partes. A primeira serve como espécie de prefácio para o que os leitores irão encontrar na segunda parte composta pelas cartas do dândi. Com o passar dos anos e ainda presente no imaginário de leitores e escritores, essa personagem surgirá em mais uma faceta não revelada no texto queirosiano. Dessa vez, em continente africano, especificamente em Angola, o escritor José Eduardo Agualusa, ao escrever *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997) proporciona o conhecimento de mais uma das aventuras desse protagonista. Este livro é composto de vinte e seis cartas, das quais apenas a última não é escrita por Fradique Mendes, e sim pela angolana Ana Olímpia e direcionada ao escritor Eça de Queiroz que vira personagem desta narrativa. Além dele, Agualusa retoma Madame de Jouarre como mais uma das destinatárias do turista português.

O trabalho comparativo entre os dois romances contribuiu para a construção da dissertação a partir do momento em que os aspectos levantados para essa escritura foram proporcionando reflexões e aproximações dos diferentes países e contextos abordados, como também a possibilidade de observar a ironia da personagem em suas observações de cada momento histórico. Ao optar por textos distintos percebemos no decorrer, tanto das leituras, quanto da escrita como os discursos são ligados e dialogam um com o outro, isso tudo proporcionado pelo romance que consegue englobar e retomar vários textos. As obras literárias passam por muitas interpretações dos mais diversos leitores e mesmo com o passar dos anos, as grandes histórias conservam seu valor e são relidas: [...] “Todas as obras

literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. (EAGLETON, 1983, p.13). Diante disso, a abrangência de um texto literário manifesta-se em diferentes épocas e são consagrados em novas produções de escritores contemporâneos, como Agualusa, que retoma a personagem de Eça de Queiroz e ao mesmo tempo faz-lhe uma homenagem.

Eça de Queiroz e seus companheiros ao criarem uma personagem tão peculiar, conseguiram deixá-la com a característica de um ser misterioso, e quando lemos *A Correspondência de Fradique Mendes*, esse detalhe se faz mais presente. É só pensarmos na abrangência do discurso de Fradique que consegue discorrer sobre os mais diferentes assuntos da humanidade, ele faz da língua um recurso em que nada está ali sem sentido, sua veia irônica está fortemente marcada. Ao ganhar autonomia dentro do discurso e ao nunca deixar suas intenções claras, a personagem instiga tanto leitores quanto escritores a desvendar os mistérios em suas correspondências, ao passo que pode ser lido e relido na contemporaneidade.

Como um dos grandes nomes das letras portuguesas, Eça de Queiroz foi um mestre ao produzir textos nos quais a ironia está sempre presente. *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), uma de suas últimas produções propõe um projeto diferente ao retomar uma personagem que já tinha se manifestado em outras obras, mas que precisava diferenciar-se para alcançar sucesso. Diante disso, o escritor faz com Fradique Mendes o que estava na moda naquela época fazer com pessoas famosas, ou seja, publicar as correspondências pessoais como forma de homenageá-las. Assim, Carlos Fradique Mendes torna-se uma criatura que merece ter suas cartas recolhidas e publicadas por um narrador-admirador que no decorrer da narrativa justifica que um português como ele não deve ser esquecido. Como vimos, as correspondências são selecionadas e fragmentadas, uma vez que só conhecemos aquilo que o narrador publica. As lacunas deixadas no decorrer da narrativa, como a viagem da personagem a África Austral, proporcionam aos escritores contemporâneos o diálogo com a tradição de Eça de Queiroz e principalmente pela permanência da personagem no imaginário dos leitores e seu ímpeto de viajar como uma ave solta.

A segunda obra escolhida para este trabalho foi *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), que proporciona um diálogo direto com um período da vida de Fradique que o escritor português não criou. Outros escritores contemporâneos

revisitaram esse texto queirosiano, mas cada um focalizou de uma maneira distinta. Escolhemos o romance do escritor José Eduardo Agualusa não só pela reescrita de uma personagem já conhecida, mas pela aproximação com o continente africano, especificamente Angola. No jogo que se estabelece dentro da narrativa, seja com a retomada do protagonista, como também de outras personagens de Eça de Queiroz, este também torna-se um ponto importante na construção de Agualusa, uma vez que ele passa a ser revisitado, está presente como personagem e participa do jogo de envios e respostas das cartas com sua criação, aqui é amigo de Fradique Mendes.

O diálogo intertextual dessa obra com a de Eça de Queiroz é explícito através do subtítulo do livro que retoma o nome da personagem e destaca que são suas correspondências secretas que agora serão reveladas. O escritor angolano insere Fradique no contexto do século XIX, período em que Angola ainda era uma das colônias de Portugal, nesse ambiente o turista português passa a envolver-se com as questões referentes ao tráfico de escravos, principalmente após seu envolvimento com Ana Olímpia. Na comparação entre os romances, verificamos como o diálogo com o passado se faz presente ao veicular um período marcante na história da sociedade luandense e revelar o olhar de um português frente a um povo diferente do seu. A luta com a qual o protagonista se envolve no desenvolver do romance proporciona a ligação entre as três nações, Angola, Brasil e Portugal, e as aproximam na luta entre colonizador e colonizados.

O ponto importante na abordagem dos romances foi sem dúvida a construção de textos por meio de cartas. *A Correspondência de Fradique Mendes* possui apenas uma parte composta dessa escrita, pois o narrador apresenta primeiro seu envolvimento com a personagem. Já *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* é composto como um romance epistolar, uma vez que faz um recorte de um período da vida do protagonista e procura mostrar a percepção deste ao narrar ao outro o que de mais relevante aconteceu em sua vida. É claro que, ao optar-se por trabalhar com esse tipo de narrativa na qual a carta predomina, várias dificuldades foram encontradas no que se refere à base teórica, poucos estudos dedicam-se a esse gênero dentro da escritura romanesca. No entanto, o que esteve ao nosso alcance nos serviu de apoio para analisar e comentar o papel das correspondências nas obras. Ao lembrarmos que esse tipo de escrita foi o meio de comunicação mais comum por séculos, José Eduardo Agualusa mesmo ao escrever seu romance no século XX insere a voz de Fradique através de suas correspondências, pois seu

livro faz um recorte histórico da cidade de Luanda e para que houvesse diálogo com o outro que estava longe esse recurso era o mais viável.

Essa releitura proposta por Agualusa aproxima os leitores que conhecem o texto de Eça de Queiroz e também instiga aqueles que não o conhecem a buscar informações sobre Fradique Mendes. Porém, nada impede que ambas sejam lidas e trabalhadas individualmente, uma vez que os textos são riquíssimos e falam por si próprios. Quando referimos a *Nação Crioula*, que está inserida no que hoje denominam de literatura pós-colonial, notamos que desde seu título existe uma mistura entre as diferentes culturas, e além da presença da voz de Fradique Mendes, advindo de um país colonizador, observamos que o escritor angolano não hesita em dar voz a uma colonizada, que passou de dona de escravos a escrava, ponto este de inovação do escritor, dar voz a quem não possui voz. A última carta do romance carrega o diálogo com o texto da tradição, pois é remetida a Eça de Queiroz, no seu papel de escritor e amigo de Fradique, como também revela a apreensão que a angolana teve de seu envolvimento com o dândi português, ali centra-se a sua versão da história, sua voz, sua percepção e suas conclusões são importantes na finalização de um romance centrado em Luanda.

Ao estudarmos a personagem Fradique Mendes de maneira comparativa conseguimos verificar como a atuação desse dândi é diferente nos romances. Em suas cartas notamos como a ironia está ali de maneira a criticar a situação dos países envolvidos, inicialmente convive em meios confortáveis, viaja muito pela Europa, espaço ao qual Portugal era deixado de lado e onde detém-se pouco. Quando transportado para outro contexto, Angola, seus valores são repensados, uma vez que está diante de uma sociedade colonizada e não bastou ver como aquela sociedade do século XIX vivia pelas marcadas injustiças sociais, foi preciso envolver-se e fugir para o Brasil em um navio negreiro. Nessa fuga, o Fradique Mendes protagonista de *Nação Crioula*, abarca três culturas, a do colonizador, Portugal, que impõe a sua cultura, e os colonizados, Angola e Brasil, e este ainda marcado pelo tráfico de escravos e a posterior criouliização, representada no romance por Sophia. Todos os seus diálogos conhecemos através de suas correspondências com diversas personalidades, nas quais a voz predominante é sempre a sua, pois não temos trocas de cartas dentro do romance. A única voz presente e dona da palavra é a de Ana Olímpia que relata a sua visão local. No decorrer das narrativas percebemos também que as cartas do Fradique de Eça não possuem um caráter de intimidade, se pensarmos que antes da publicação elas passaram pelo olhar de um narrador que selecionou assuntos diversos. Em contrapartida, *Nação Crioula* traz as cartas secretas, pode-se pensar em

uma maior intimidade e muitos dos assuntos ali desenvolvidos são perigosos ao ponto de ocasionar mortes, como de Cornélio e Arcénio de Carpo.

Por fim, encerramos este estudo mostrando como textos de países distintos são imbricados, seja pela história que os une, a colonização, seja pela aproximação literária na retomada de uma personagem conhecida do público leitor de Eça de Queiroz, o fato é que Fradique Mendes instigou a curiosidade dos escritores contemporâneos que viram nele a possibilidade de novas recriações literárias. A focalização nas cartas dos romances permitiu-nos relacionar os discursos envolvidos, assim como a possibilidade de trabalhar com um gênero pessoal muito utilizado em épocas em que a tecnologia não se fazia presente como nos dias atuais para abolir as distâncias. Desse modo, Fradique Mendes mantém-se presente no imaginário de leitores e escritores e sendo capaz de discorrer sobre diversos temas uniu literaturas, aparentemente distantes, mas que possuem muito em comum. Angola, Brasil e Portugal tornam-se elos para mostrar o recorte cultural desses locais e fazerem os leitores refletirem sobre a importância dos diálogos entre distintas produções literárias.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- ABDALA JUNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1982.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula**: a correspondência de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BIRMINGHAM, David. **A conquista portuguesa de Angola**. Trad. de Altino Ribeiro e Sérgio Moutinho. Porto: A Regra do Jogo, 1965.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BRINCHES, Victor. **Dicionário Biobibliográfico Luso-Brasileiro**. Brasil/Portugal: Editora Fundo de Cultura, 1965. v.2.
- BRUNEL, P.; PICHOS, CL.; ROSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- _____. “Cartas de um mundo perdido”. In: **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 59-70.
- _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- _____. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2003.
- CARVALHO, Eliana Pereira. **Reescritura Epistolar**: O Atlântico Negro de Agualusa, em Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- CEIA, Carlos. Dandismo. In: **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: < http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=703&Itemid=2 >. Acesso em: 18 de setembro de 2014.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**: entre intenções e gestos. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n° 1, 1999.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Angola**. São Paulo: Arte e Ciências, 2007.

D'ONOFRIO, Salvatore. **O texto literário: teoria e aplicação**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ESTEVES, A. R.; ZANOTO, S. A. “Literaturas de viagem - viagens na literatura”. In: ESTEVES, A. R.; ZANOTO, S. A. (Orgs.). **Literaturas de viagem – viagens na literatura**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, UNESP, publicações, 2010.

FERREIRA, Vergílio. **Carta ao futuro: ensaios**. 2. ed. Lisboa: Portugalia, 1916.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro”. In: OLIVEIRA, Paulo Motta; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). **Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 253-263.

FOUCAULT, Michel. A escrita em si. In: **O que é um autor?** 4. ed. Vega: Alpiarça, 2000. p. 129-160.

GOTLIB, Nádia Battella. “Hibridismo e o gênero epistolográfico”. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs.). **Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 113-123.

GUILLÉN, Claudio. **Entre lo uno y lo diverso**. Introducción a la literatura comparada. Editorial Crítica, Barcelona, 1985.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte no século XX**. Lisboa: Edições 70, 1985.

JORGE, Silvio Renato. “Fradique Mendes em viagem: Eça de Queirós e José Eduardo Agualusa”. In: OLIVEIRA, Paulo Motta; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). **Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 361-369.

KANDJIMBO, Luís. **A criouldade não existe em Angola**. Entrevista concedida a Aguinaldo Cristóvão. União dos Escritores Angolanos, 15 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/entrevistas/item/390-a-criouldade-n%C3%A3o-existe-em-angola>>. Acesso em: 24 set. 2014.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEAL, Maria Luísa. Carlos Fradique Mendes: de Eça aos romances do século XX. In: **Actas do IV Congresso Internacional de Queirozianos**. v.2, Coimbra: Almedina, 2002. p. 779-788.

LIMA, Isabel Pires de. “Pontes queirosianas: Angola, Brasil, Portugal”. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). **Ecoss do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas**. São Paulo: SENAC, 2000. p. 69-88.

_____. “O dandismo de Fradique ou o exercício impossível de um heroísmo decadente”. In: **Eça e Os Maias**. Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos. Porto: Edições Asa, 1991. p. 101 – 107.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora Unesp; Luanda (Angola), Nzila, 2008.

MATOS, A. Campos. **Dicionário de Eça de Queiroz**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Guerra, 1957.

NUNOMURA, Eduardo. “**Escravo e abolicionista**”. Revista Pesquisa FAPESP. Ed. 219. Maio de 2014. p.72-74. Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2014/05/072-075_LuizGama_219.pdf . Acesso em: 22 de set. 2014.

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. **A formação da literatura angolana (1851 – 1950)**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

PEIXINHO, Ana Teresa. “Epistolaridade e narratividade nas cartas de Fradique Mendes: análise de uma carta a Ramalho Ortigão”. In: **Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos**. v.1, Coimbra: Almedina, 2002. p. 339-351.

PETIT, Lucette. “A propósito de A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (Orgs.). **Prezado Senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 113-120.

PIEIDADE, Ana Nascimento. **Fradiquismo e modernidade no último Eça: 1888-1900**. Prefácio de Isabel Pires de Lima. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. 2. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

_____. **OBRAS de Eça de Queiroz**. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.3.

REAL, Miguel. **O último Eça**. Lisboa: Quidnovi, 2006.

REIS, Carlos; FIALHO, Irene; SIMÕES, Maria João. (Edição). **A Correspondência de Fradique Mendes. (Memórias e Notas)**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2014. (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós – ficção, semipóstumos e póstumos).

REIS, Carlos. **Estudos queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

_____. **Estatuto e perspectiva do narrador na ficção de Eça de Queirós**. Coimbra: Almedina, 1975.

_____. **O essencial sobre Eça de Queirós**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

REMAK, Henry H. H. “Literatura comparada: definição e função”. In: COUTINHO, Eduardo F. , CARVALHAL, Tania Franco. (Orgs.) **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHA, André Crabbé. **A epistolografia em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1965.

RODRIGUES, Iara Regina Franco. **A (Re) Construção da identidade nacional em A Correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós, e Nação Crioula: a correspondência de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa**. 2003. 118f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada e Teoria Literária), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12098>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1995.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 20. ed. Mem-Martins: Europa-América, 1999. (Saber, 123).

SARAIVA, A. J. , LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto, 1996.

SCANTIMBURGO, João de. **Eça de Queirós e a tradição**. São Paulo: Siciliano, 1995.

SIMÕES, Maria João Albuquerque Figueiredo. **Correspondências: Eça e Fradique. Análise de estratégias epistolográficas**. 1987. 111f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1987. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/23331/1/fradique_estrategias.pdf> Acesso em: 16 jun. 2014.

_____. “Os ‘Modos’ de Fradique: componemas dominantes n’A Correspondência de Fradique Mendes”. In: **Actas do IV Congresso Internacional de Queirozianos**. v.2, Coimbra: Almedina, 2002. p. 758-767.

TRIGO, Salvato. **Ensaio de literatura comparada: afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, 1986. Coleção Vega Universidade.

VALENTIM, Claudia Atanazio. **O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro, 2006. 116f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/ValentimCA.pdf>> Acesso em: 16 jun.2014.

VENTURA, Susana R. **Escritores revisitam escritores** (A leitura de Fernando Pessoa – Ricardo Reis, por José Saramago e de Graciliano Ramos e Cláudio Manuel da Costa, por Silviano Santiago). Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo em 2001. Cópia em meio eletrônico cedida gentilmente pela autora.

VIANA FILHO, Luís. **A vida de Eça de Queiroz**. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp; Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.